



BRUNA MARTINS REIS

**CORPO FRONTEIRA: CLÍNICA, DANÇA,
LOUCURA – Uma experiência**

Campinas

2014



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Ciências Médicas

Bruna Martins Reis

**“CORPO FRONTEIRA: CLÍNICA, DANÇA, LOUCURA – Uma
experiência”**

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Resende de Carvalho.

Co-orientadora: Prof. Dra. Flávia Liberman Caldas.

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, para obtenção de título de Mestre em Saúde Coletiva, área de concentração em Política, Planejamento e Gestão em Saúde.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA BRUNA MARTINS REIS E
ORIENTADO PELO PROF. DR. SÉRGIO RESENDE CARVALHO.

Assinatura do Orientador

Campinas

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Maristella Soares dos Santos - CRB 8/8402

R277c Reis, Bruna Martins, 1982-
Corpo fronteira : clínica, dança, loucura - uma experiência / Bruna Martins
Reis. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Sérgio Resende Carvalho.
Coorientador: Flávia Liberman Caldas.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Terapia através da dança. 2. Dança. 3. Psicologia clínica. 4. Saúde mental.
5. Saúde pública. I. Carvalho, Sérgio Resende, 1958-. II. Liberman, Flávia. III.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Body border : clinical, dance, crazy - an experience

Palavras-chave em inglês:

Dance therapy

Dance

Psychology, Clinical

Mental health

Public health

Área de concentração: Política, Planejamento e Gestão em Saúde

Titulação: Mestra em Saúde Coletiva

Banca examinadora:

Sérgio Resende Carvalho [Orientador]

Yara Maria de Carvalho

Gustavo Tenório Cunha

Data de defesa: 17-07-2014

Programa de Pós-Graduação: Saúde Coletiva

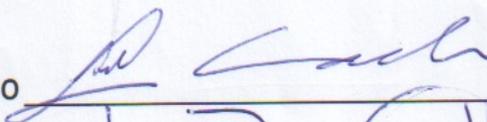
BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

BRUNA MARTINS REIS

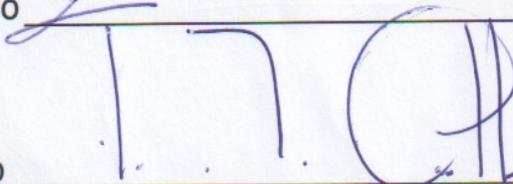
Orientador (a) PROF(A). DR(A). SÉRGIO RESENDE CARVALHO

MEMBROS:

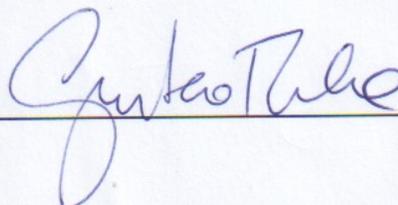
1. PROF(A). DR(A). SÉRGIO RESENDE CARVALHO



2. PROF(A). DR(A). YARA MARIA DE CARVALHO



3. PROF(A). DR(A). GUSTAVO TENÓRIO CUNHA



Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da
Universidade Estadual de Campinas

Data: 17 de julho de 2014

*À memória de minha avó Ana, que partiu durante o percurso dessa
pesquisa, deixando delicadas marcas de amor, coragem e força.*

*Por tudo que me ensinou.
Sua presença vive em mim.*

AGRADECIMENTOS

Ao Renato, meu amado companheiro, pelas parcerias de vida, pela dedicação à nossa família e pelo amor de todos os dias.

Ao meu filho Martín, pela alegria que me renova o olhar.

À minha família, pelo apoio e confiança de sempre.

Ao Sérgio Resende Carvalho, meu orientador, pela atenção, cuidado e confiança. E por embarcar comigo nessa deriva.

À Flávia Liberman Caldas, minha co-orientadora, pelo acolhimento, generosidade, carinho e disponibilidade em estar junto nesse trajeto, tornando tudo mais leve, doce e sustentado.

Às minhas queridas Camila Ramos e Camila Oliveira, irmãs escolhidas que me acompanham tão de perto nas viagens da vida, cuidando e amparando.

Às minhas amigas de danças, Marília Petrechen e Camila Ramos, pelos passos iniciais que ainda alimentam o desejo de movimento.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Conexões: Saúde coletiva e políticas da Subjetividade” – Sabrina Ferigato, Ricardo Pena, Bruno Mariani Azevedo, Michele Eilchelberger, Ludimila Palucci e Tadeu Tedesco –, pelos voos conjuntos nas paragens dessas vontades de filosofia e ciência e arte e Saúde e vida e amizade e...

Aos colegas do Grupo sem Nome – Elizabeth Araújo Lima, Ricardo Teixeira, Yara Carvalho, Flávia Liberman e Márcia Moraes –, pelos encantos compartilhados.

À equipe do CAPS Toninho, pela permissão para que esse trabalho germinasse ali, pela confiança no processo de pesquisa e por toda atenção.

Às minhas parceiras na prática do grupo de dança – Débora Oliveira, Tomires Barcellos, Ellen Ricci, Iara Pinheiro, Aline Moura e Dayane Crisóstomo –, pela entrega, confiança, disponibilidade, cumplicidade... Por terem aceitado compor comigo o coro de vozes que dá corpo à essa experiência.

Em especial aos usuários do CAPS Toninho, que acolheram esta proposta, criando conosco um espaço/tempo de trocas e aprendizados e giros e saltos e melodias e surpresas e alegrias e sensibilidades e descobertas... Foram eles que, dando sentido a esse processo, tornaram-no possível.

À Marília Muylaert, pela leitura atenta e as reflexões generosas no exame de qualificação. Pelas ligações telefônicas e pelas provocações de antes e de agora.

Ao Cassiano Quilici, pelas contribuições no exame de qualificação e pela confiança em aceitar me acompanhar nos novos projetos que se desdobram como efeitos desta pesquisa de mestrado, permitindo que ela se torne uma continuidade no doutorado.

À CAPES, pelo amparo à realização dessa pesquisa.

*“Daí que também a vó me ensinou a não desprezar as coisas desprezíveis
E nem os seres desprezados.”*

Manoel de Barros

RESUMO

O presente trabalho se esboça a partir de uma formação híbrida em arte e psicologia - mais especificamente em dança e na clínica da psicologia - e propõe uma reflexão sobre um modo de intervenção no campo da Saúde Mental, situando-se na interseção entre clínica e dança, considerando ambas as práticas como disparadoras de experiências e dispositivos para a criação de estratégias de invenção de si e de outros modos de existência. Nesse sentido, buscamos cartografar a experiência de uma prática/intervenção, que ocorreu no contexto de trabalho em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), serviço de Saúde Mental destinado ao tratamento e à reabilitação psicossocial de sujeitos portadores de transtornos mentais graves, da cidade de Campinas. A partir do referencial da cartografia como metodologia de pesquisa, buscamos compor um mapa dos processos criativos experimentados, trabalhando com as reverberações desta experiência como possíveis condutoras a novos territórios subjetivos. Em nosso método, mergulhamos na materialidade da experiência vivida, tentando dar visibilidade ao campo intensivo criado como vestígios dos encontros que nos fazem transformar antigas concepções e produzir novos sentidos para a vida. Alteramos os modos de trabalhar com a loucura e com a pesquisa, em um olhar atravessado pela estética dos acontecimentos sutis. De profissionais e usuários a dançarinos, saboreamos os efeitos dessa entrega, suportando suas alegrias e silêncios, ao mesmo tempo em que fazemos girar nossas dores e medos. Sustentamos, em tal experiência, a invenção de um outro tempo para os encontros no CAPS, semeando novas paisagens – seja no cuidado em saúde, seja nas linguagens expressivas –, a fim de disparar uma clínica que insiste em desinstitucionalizar seus fazeres e amar o transitório. Assim, o texto propõe uma reflexão sobre as práticas de reinvenção do trabalho em serviços de Saúde, apontando a interseção com linguagens artísticas como potencializadora em processos de criação de práticas e intervenções mestiças, que ampliem os limites da clínica e das estratégias de produção de saúde.

Palavras-chave: Terapia através da dança, Psicologia clínica; Dança; Saúde Mental; Saúde Pública.

ABSTRACT

This work is outlined from a hybrid education in art and psychology - specifically in dance and clinical psychology - and reflects upon a mode of intervention in the mental health field, acting at the intersection between clinical and dance considering both practices as experiments triggering for creating strategies invention of self and other modes of existence. In this sense, we seek to map the experience of a practice / intervention that occurred in a Psychosocial Care Center (CAPS), Mental Health Service for the treatment and psychosocial rehabilitation of individuals with severe mental disorders. From the cartography as a research methodology, we seek compose a map of creative processes, working with the reverberations of this experience as possible conducive to new territories subjective. In our method we dived in the materiality of lived experience, trying to give visibility to the intensive field created as traces of encounters that make us turn old concepts and produce new meanings to life. We changed our ways of working with madness and with research in a marked look for the esthetic of subtle events; we savor the effects of this delivery, supporting their joys and silences, while we rotate our sorrows and fears. We invented another time for meetings in the CAPS, seeding new landscapes. Thus, the paper proposes a reflection on the practices of reinvention of work in health services, pointing to intersection with artistic languages as extension of power in creating practical interventions and crossbreed processes that expand the boundaries of clinical and strategies of health production.

Keywords: Dance therapy; Psychology, Clinical; Dance; Mental health; Public health.

SUMÁRIO

ABERTURA: PERCURSOS DE ENTRADA.....	19
AS MARCAS.....	20
DAS INQUIETAÇÕES AO MOVIMENTO: O CAPS, A CLÍNICA E UMA DANÇA.....	24
<i>Uma textura: a Reforma Psiquiátrica e seu contexto.....</i>	<i>24</i>
<i>Um salto: por uma clínica da reexistência.....</i>	<i>28</i>
<i>Uma interface: dança e clínica.....</i>	<i>32</i>
<i>Um trajeto: a imersão no campo.....</i>	<i>34</i>
UM CAPS CHAMADO “TONINHO”.....	36
<i>Daí um tornar possível.....</i>	<i>39</i>
<i>O que o incômodo movimenta?.....</i>	<i>49</i>
PRIMEIRO MOVIMENTO: DESENHAR GESTOS ENTRE MUNDOS	
.....	53
LINHAS DE UM FAZER ENTRE CORPOS.....	54
PERTURBAR AS BORDAS.....	58
PROCEDIMENTOS DO DELIRAR.....	60
ENTRE VISTAS, PISTAS E PROSAS.....	61
ENTRE DITOS E ESCRITOS: DIÁRIOS INVENTADOS.....	65
NARRATIVANDO DANÇAS: UMA ESCRITA INFAME.....	68
SEGUNDO MOVIMENTO: INVENTAR O PROBLEMA.....	75
VARIANDO OS TEMPOS.....	76
COM TORNAR COTIDIANO: ATOS DE CRIAR.....	88
GESTANDO CUIDADO: UM DESLOCAMENTO.....	91
TERCEIRO MOVIMENTO: A FRONTEIRA.....	97
CONTORÇÕES EM DANÇAÇÃO.....	98
CORTE PARA O CORPO DAS VOZES.....	100
RETOMANDO: O QUE SE PASSOU?.....	107
<i>Série Chegar ou Acolher.....</i>	<i>109</i>
<i>Série Aquecer ou Primeira Escuta.....</i>	<i>112</i>
<i>Série Mover ou Provocar.....</i>	<i>116</i>
<i>Série trocar, tocar, olhar ou padecer com.....</i>	<i>120</i>
<i>Série Improvisar ou Transbordar Acontecimentos.....</i>	<i>124</i>
<i>Série Pausar ou Outra Escuta.....</i>	<i>127</i>
<i>Série Compartilhar ou Tornar mundo.....</i>	<i>130</i>
<i>As séries como uma criação aqui e agora.....</i>	<i>132</i>
PAISAGENS OU AQUILO QUE É CADA CORPO.....	133
ESPREITAR UM GERME.....	140
MOVIMENTO FINAL: ABERTURA PARA OUTRAS DANÇAS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157
ANEXOS.....	165

ABERTURA: PERCURSOS DE ENTRADA



* Foto de usuário no CAPS Toninho - arquivo pessoal.

*“Que a importância das coisas não se mede com fita métrica
nem com balanças nem barômetros etc.
Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa
produz em nós”*

Manoel de Barros

As Marcas

“Não há um começo, apenas um meio que borbulha e pede brechas entre o dito e o inventado” (MOEHLECKE, 2011, p. 18). Quando escrever sobre uma experiência passa a ser necessário pelo tamanho da estranheza que tal experiência produz no corpo que escreve. Quando escrever é dar passagem aos novos modos inventados para dar conta do confronto com tais estranhezas. Quando o corpo é outro, e vontades novas proliferam. “Escrever é fazer letra para a musica do tempo; e é esta musica, sempre singular que nos indica a direção da letra, que seleciona as palavras que transmitam o mais exatamente possível seus tons, seus timbres, seus ritmos, suas intensidades” (ROLNIK, 1993, p. 245).

Há um fazer que pressiona uma vontade de escrita de um trajeto de formação de um corpo psicóloga e um trajeto de experimentação do corpo em dança. Este fazer, expresso em minha prática de trabalho até aqui, ganha forma e consistência em uma experiência, vinculada ao trabalho como psicóloga em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), na cidade de Campinas (SP). Tal experiência pode ser descrita como uma intervenção clínica grupal, em que os participantes se propunham a experimentar o corpo em movimento (ou em dança), conduzidos por mim e outros parceiros (diversas profissionais que se propuseram a experimentar essa prática comigo). Neste caso, chamo de participantes os frequentadores ou usuários (como ficou convencionado chamar, no campo da Saúde, as pessoas que utilizam os serviços de Saúde) do CAPS, que são, na maior parte, portadores de algum tipo de transtorno mental considerado moderado ou grave. Eles correspondem à clientela dos CAPS III, conforme pressuposto na Portaria/GM nº 336 - de 19 de fevereiro de 2002 (BRASIL, 2002), que define as características das modalidades dos Centros de Atenção Psicossocial¹, e são chamados também de pacientes, loucos, insanos, doidos, infames, desajustados e tantas outras nomenclaturas pejorativas que, no curso do longo processo histórico de construção dos

¹ A partir daqui usarei apenas CAPS.

saberes/fazeres psiquiátricos, constituíram mais uma maneira de segregar e marcar os “malditos” da nossa sociedade. Os sem razão.

Entretanto, não é ainda dos detalhes deste trabalho que quero falar nesta apresentação, não é por este caminho que gostaria de introduzir a conversa, pois este seria um passo avançado no trajeto. O que convém aqui é, antes de tudo, esboçar alguns dos desassossegos que provocaram os deslocamentos e giros que nos trouxeram até aqui.

Neste ponto, em que inicio o tracejado dos contornos de uma experiência, inicio também o esboço de um corpo possível para falar desta experiência, escrita, falada e dançada, que exige pôr na roda alguns dos dispositivos de construção da vontade/corpo/pesquisadora aqui presente.

São memórias do invisível, diferenças e devires os substratos desta escrita. São Marcas (ROLNIK, 1993). Estados de diferenciação que produzem corpo outro a cada encontro, a cada nova composição. Exigência de criação.

Para Rolnik, escrever com as marcas é habitar o intensivo das coisas, fazer ver e falar o invisível, suas turbulências e desestabilizações, as vontades daquilo que conhecemos antes de sermos nós mesmos, antes de ser unidade, antes de ser “eu”. Aquilo que é a textura que constitui nossa composição atual.

É daqui que posso falar. Deste lugar que sou eu e que são tantas, nesta primeira pessoa do singular.

Ser entre. Ser estando em ato. Ser na fronteira dos fazeres que expressam a criação de um lugar corpo possível para dar passagem a mundos outros.

Cursar psicologia fazendo dança. Entender a clínica a partir da música. Estagiar da dança para o CAPS. Dançar a escuta do outro. Tocar as vozes loucas do encontro de agora há pouco. Pensar como tocar com. Ouvir diferença e pensar dança. Ouvir dança e pensar clínica. Dançar clínica e ouvir diferença. Dançar psicologia e endoidar. Deixar-se ser as coisas que tocam. Deixar tocar. Deixar de tocar. Descobrir o ritmo do encontro. Respirar junto, dançar. Expandir diafragma, contaminar mãos e dedos. Deixar fluir o som. Escutar com a

pele. Suspirar e ter fome. Deixar-se tocar. Respirar. Esquecer de respirar. Falar com os olhos. Ouvir a musica de cada um. Pulsar. Compor linhas de expressão. Dissonar. Afinar.

Encontro não é temperado, afina-se no encontro, no acaso, naquilo que o instante produz. Como trombone.

Captar o instantâneo. Deixar o instante criar. Deixar fluir a vontade. Confiar. Arriscar. Emprestar corpo. Ser corpo com.

São linhas e não formas que aparecem neste tracejar.

São traços de um mapa que se atualiza constantemente. Faz-se e se refaz a cada olhar. A cada intervalo, espaço, vírgula. Como os passos que ensaio nesta escrita.

Alternâncias de tempos fortes e fracos, pausas, contratempos, cadências e longas escalas de variações sem fim. Presto² que se deixa contagiar pelo movimento alheio, criando, a cada acorde, um novo gesto. Acolhimento e cumplicidade com aquilo que quer passar. Multiplicidade.

Ser corpo psicóloga dançarina, compondo com a loucura que me atravessa. Criar um espaço tempo possível de ser/estar na vida, como quem não se cansa de experimentar a turbulência de não ter casa. Não ter cerca, nem muro ou contorno fixo. É pele que faz estrias que é a capacidade de se prolongar na diferença. Diferenciar-se.

Descalçar. Caminhar pela guia, que é nem rua nem calçada. Ali, naquela saliência que é prolongamento dos dois lados. Um pé de cá, um pé de lá. Não lugar.

Ir assim, por essas paisagens, até conhecer por dentro um pouco de cada canto. Buscar, nas reentrâncias dos muros, as gretas por onde a água escorre, penetra, mistura. Aguamuro. Murágua.

É, assim, um trajeto de contágios que vem se fazendo desde antes deste projeto de mestrado se consolidar, antes de ser dança e psicologia e mulher e música e mãe e...

Antes e quando o corpo encontrou aquilo que o fez alegre. Aquilo que é potência de ser vida e de gerar vida.

² Terminação musical de origem italiana que significa “rápido” ou “pronto”. É utilizada para indicar o andamento e a execução em uma obra musical, equivalente a “muito depressa”.

É assim, e só assim, que posso introduzir este trabalho. Arriscando perder-me mais uma vez. Conduzindo-o por rodopios que mais perturbam que acolhem. Deixando vácuos que possam ser inventados por cada um. Deixando os dedos guiarem o movimento das palavras que são aquilo que salta de uma vontade de composição. Improvisação. Entrega. Prontidão. Presença sensível no que se manifesta como uma entrada.

Apenas uma.

Entrada.

Esta abertura é, portanto, um convite a entrar em uma “dança às avessas” (QUILICI, 2004), deixando-se perder nos emaranhados de intensidades vividas e desenhadas aqui.

Uma introdução àquilo que pretende ser o jogo desta escrita, que é “menos a descrição de estados de coisas que o acompanhamento de processos” (ALVAREZ e PASSOS in PASSOS et. al. 2009, p. 135), em que o que se faz é habitar um território existencial e se deixar afetar.

Assim, portando marcas e afetos como guias, conduzirei o leitor pelos vestígios da experiência do grupo de dança no CAPS Toninho, sabendo da impossibilidade de me manter imune a ela.

A partir daqui, levo-o comigo pelas veredas da prática, lançando-nos nas águas turvas das imprevisibilidades, deslocando pontos de vista no esforço de tentar tecer tramas de contágio entre clínica e dança, no alargamento dos limites da Saúde Coletiva.

Seguirei algumas pistas deste acontecimento/dança, esboçando suas sutilezas e desvios, com a destreza de quem não busca um caminho de evidências, mas os rastros de uma passagem. Neste percurso, pretendo imprimir as marcas de um processo, explicitando linhas de forças que não são só minhas mas de uma experiência que me atravessa, compõe-me e está registrada em meu corpo, que é o corpo cartógrafo-pesquisadora-terapeuta-dançarina. Sendo assim, utilizo a primeira pessoa do singular como forma de descrever, discutir, narrar, trazer pistas e, sobretudo, de coletivizar uma experiência, nessa tarefa “que não é uma produção

individual, mas uma matéria viva para ressoar no coletivo” (LIBERMAN, 2008, p.15).

Das inquietações ao movimento: o CAPS, a clínica e uma dança

*“Que a palavra parede não seja símbolo
de obstáculos à liberdade
nem de desejos reprimidos
nem de proibições na infância
etc. (essas coisas que acham os
reveladores de arcanos mentais)
Não.
Parede que me seduz é de tijolo, adobe
preposto ao abdômen de uma casa.
Eu tenho um gosto rasteiro de
ir por reentrâncias
baixar em rachaduras de paredes
por frinchas, por gretas - com lascívia de hera.
Sobre o tijolo ser um lábio cego.
Tal um verme que iluminasse”.*

Manoel de Barros

*“Várias dança. Dava as mãos. Apresentava cada um o seu nome, e tinha as dança
homem com homem, mulher com mulher, mulher com homem, homem com mulher.
E outras coisas, sem preconceito. E sem abuso de qualquer espécie.
Agilizar o corpo. Movimentar o corpo. De acordo com o que podia, né?
Encostava na parede e ia esticar a perna assim. Às vezes, até hoje eu faço.
Faço dobrar assim embaixo e voltar devagarzinho pra não subir a pressão.”
(Samuel³, usuário, entrevista realizada em 06/12/2013).*

Uma textura: a Reforma Psiquiátrica e seu contexto

Os CAPS são serviços de referência em Saúde Mental que surgem a partir do movimento da Reforma Psiquiátrica. Para considerarmos esse novo serviço que compõe o modelo assistencial em Saúde Mental do Brasil, devemos contextualizá-lo no movimento da

³ Os nomes utilizados neste texto foram substituídos, mantendo em sigilo a identidade dos participantes.

Reforma Psiquiátrica. A Reforma surge a partir dos anos 80 e tem, como pano de fundo, uma profunda crise econômica do país e a transição do regime ditatorial para a redemocratização. O Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental (MTSM) articula-se às inúmeras mobilizações contra-hegemônicas em uma luta em prol da saúde, da sociedade e da transformação da Saúde Mental (FURTADO; ONOCKO, 2005).

Na década de 80, vimos operar uma força crescente, com novos atores sociais, que compuseram os movimentos da Reforma Psiquiátrica e da Reforma Sanitária. Movimentos que proporcionaram ações instituintes no campo da Saúde Mental e da Saúde como um todo. Assim, tais movimentos caminham juntos na construção de novos paradigmas de atenção e cuidado em Saúde, atuando nos diversos níveis de assistência para que se constitua uma rede de atenção voltada para a proteção, promoção e recuperação da saúde individual e coletiva. A participação da comunidade, a equidade, a preservação da autonomia do sujeito, a descentralização dos recursos e as transferências intergovernamentais de recursos são as premissas do SUS, que tem a Reforma Sanitária como eixo central de sua construção, além da influência da Reforma Psiquiátrica e do movimento da Luta Antimanicomial⁴, no âmbito da Saúde Mental.

Nesse contexto, duas décadas mais tarde, com a Política Nacional de Saúde Mental (III Conferência Nacional de Saúde Mental-2001⁵), temos a regulamentação e

⁴ O Movimento da Luta Antimanicomial (MLA) é fruto do II Congresso Nacional de Trabalhadores em Saúde Mental, ocorrida na cidade de Bauru/SP, que reuniu importantes intelectuais, trabalhadores e gestores de serviços com propostas contra-hegemônicas no cuidado ao sofrimento mental, embasados na crítica de que a opressão dos hospícios e dos loucos era reflexo da opressão a que a sociedade brasileira era submetida. Importante salientar que a proposta do MLA caracterizava-se por não se institucionalizar, não compor a máquina estatal. O que, neste ponto se diferencia do movimento da Reforma Psiquiátrica, que tem como principal investimento a idealização e a estruturação de uma rede pública de serviços de atenção à Saúde Mental. Desta forma, ambos os movimentos caminham juntos na luta pelas mudanças dos modelos de cuidado em Saúde Mental, sendo o MLA uma outra via de ação que compunha com intelectuais e trabalhadores que integravam o aparelho estatal, o que permitiu a germinação de experiências e ações exitosas, tais quais a inversão do modelo de cuidado asilar pelo modelo CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) Itapeva e pelo NAPS (Núcleo de Atenção Psicossocial) em Santos (EMERICH, 2012).

⁵ “Cuidar, sim. Excluir, não. – Efetivando a Reforma Psiquiátrica com acesso, qualidade, humanização e controle social” (BRASIL, 2002).

organização de uma rede de Saúde Mental como rede de cuidados psicossociais, constituída por ações de Saúde Mental na atenção básica, Serviços Residenciais Terapêuticos, leitos em hospitais gerais, Centros de Convivência e Centros de Atenção Psicossocial (CAPS⁶). Os CAPS ganham a função estratégica de organizar essa rede e de se articular com outras redes, como as socio sanitárias, jurídicas, cooperativas de trabalho, escolas e empresas que possam promover a vida comunitária e a autonomia dos usuários (BRASIL, 2004).

Seu projeto visa à construção de práticas clínicas nas quais o usuário seja considerado em sua rede de relações psicossociais. Sua proposta é centrar-se na vida cotidiana da instituição, buscando criar espaços coletivos de trocas, de encontros, de expressão e criação de novos sentidos (COSTA-ROSA; LUZIO; YASSUI, 2001), além de estender a ação para o território, e, assim, buscar extinguir a discriminação e a exclusão do sujeito em situação de sofrimento psíquico. Aqui, considera-se o território para além das delimitações geográficas adscritas como responsabilidade de um serviço de saúde; neste contexto, o território é compreendido também, e fundamentalmente, como a produção de/dos sentidos do lugar habitado, dos lugares onde a vida acontece.

Sobre isso, Lancetti nos diz que “a experiência da desconstrução manicomial nos ensinou a importância do dentro e do fora do estabelecimento, das bordas como espaço privilegiado de produção de subjetividade cidadã” (LANCETTI, 2006, p. 51).

Entretanto, ainda hoje, os CAPS tentam, a duras custas, efetivar seu projeto coletivo/dispositivo anti-manicomial complexo, qual seja o de articular redes de cuidado que expandam os limites de cada unidade. Fazer a clínica de cada caso, potencializando os processos de saúde de cada usuário (MERHY, 2004).

Para que essa ideia se efetive, muitas tecnologias⁷ são utilizadas. Nesse contexto,

⁶ A Portaria 336 de 19 de fevereiro de 2002 regulamenta o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

⁷ A partir de Foucault, temos a concepção de tecnologia como um conjunto de saberes e práticas construídas em determinados campos e que se constituem como estratégias tanto de dominação quanto de cuidado. Como tecnologias de dominação Foucault aborda as tecnologias do corpo, seja através da disciplina que incide no corpo-indivíduo visando o manejo, a docilização e a disciplinarização dos corpos (FOUCAULT, 1987), seja através da biopolítica, que incide no corpo-população, agindo sobre a gestão da vida (FOUCAULT, 2003).

vemos, nos CAPS, uma vasta gama de procedimentos, desde as “tecnologias médicas” tradicionalmente conhecidas, até as demais abordagens que compõem os saberes interdisciplinares adotados como ofertas da rede de Saúde Mental. Diversos olhares e escutas compõem as equipes multidisciplinares, gerando dispositivos variados: grupos terapêuticos, oficinas, atividades expressivas, atividades de lazer, atividades educativas, entre outras, acontecem em atuações conjuntas, em um exercício de *borramento* dos limites de cada profissão. Assim, as diversas áreas envolvidas se articulam em atuações de núcleo e campo: psicologia, terapia ocupacional, enfermagem e medicina formam um único coletivo comprometido com a construção do Modo de Atenção Psicossocial (COSTA-ROSA 2000).

Todo esse conjunto de saberes e técnicas tem, como pressuposto, o cuidado a sujeitos que carregam, muitas vezes, o estigma social da loucura e têm necessidades relacionadas, principalmente, à sua circulação no mundo, sua autonomia, sua inserção social, sua redução de poder contratual e a construção de outros territórios existenciais. Necessidade aqui entendida “como expressão de um ser que, em potência, “deseja” ser, deseja positivamente existir, ser mundo e parte dele, deseja como uma vontade de “potência de ser”, como uma “máquina desejante”” (MERHY, 1997).

Necessidades afetivas e de encontros que afirmem a diferença nela mesma, em que se faz imperativa a invenção de outras significações deste lugar estigmatizado “Louco” ou, simplesmente, o reconhecimento como sujeito-cidadão-homem(mulher)-vivente, um nome próprio antes do nome da doença, um olhar que afirme que aquela vida, como todas as vidas, vale a pena ser reexistida (MERHY, 2012)⁸. Aqui consideramos ser esta a principal função de um serviço que se propõe ao cuidado da vida: possibilitar a reinvenção da vida.

Quanto às tecnologias de cuidado, Foucault trata das tecnologias de si como práticas para o cuidado de si que remetem a experiências cotidianas que visam a uma estética da existência (FOUCAULT, 2004).

⁸ Cito a apresentação de Emerson Merhy durante o Painel "Gestão do Cuidado Compartilhado em Redes de Atenção à Saúde", no VI Seminário Internacional de Atenção Básica, realizado no Rio de Janeiro, de 29/07 a 01/08 de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Xlax6gYakoo> Acesso em 07/01/2014.

Um salto: por uma clínica da reexistência

Para que se possam conceber serviços de Saúde implicados, de fato, na reinvenção da vida, faz-se necessário a invenção cotidiana da clínica engajada nessa produção de vida. Tarefa complexa, posto que exige exercício constante de ressignificação do trabalho, desconstrução de campos de atuação conhecidos e experimentação diária de ferramentas de reconfiguração dos múltiplos encontros institucionais. Nas palavras de Merhy, “exercer saberes tecnológicos clínicos, construir redes de encontros entre competências de intervenção, abrir-se para redes intra-saúde, que possam suportar e agregar novos agires tecnológicos” (MERHY, 2004, p.12).

Sobre tal necessidade de invenção e abertura, sabemos a importância de abarcar certa condição dos usuários da rede de saúde mental como “nômades”, que produzem redes de conexões não previstas e desconhecidas no mundo do cuidado, exigindo o deslocamento dos equipamentos de saúde para produzir novas redes, desterritorializadas, que acompanhem este caminhar “nômade” (LANCETTI, 2006).

Intuição, acaso, improvisação e composição passam a ser referências valiosas na construção de novas sensibilidades, necessárias para que o cuidado da Atenção Psicossocial transborde em produção de potência de vida – vida, aqui, entendida em seu aspecto mais amplo, seja na experiência da loucura, seja na vida comum (PELBART, 2003). Nesse sentido, o que se produz em cada corpo não está necessariamente remetido às categorias instituídas de cada profissão ou aos lugares que cada sujeito ocupa nas convenções estabelecidas por teorias e técnicas do campo “psi”. Não há neutralidades. Os corpos envolvidos aqui se relacionam de seu lugar de potência, ou grau de potência, como nos diz Spinoza (2009), para quem quanto maior a interação entre corpos, mais possibilidades de aumento de potência em cada corpo; assim, quanto mais criação de comum entre os corpos, maior a potência de cada um. Conforme Pelbart (2003), o “Comum” pode ser compreendido como aquilo que produzimos a

partir do que temos em comum – em uma lógica ou em um plano dos afetos e da imanência. Através de um contágio. Aquilo que se produz nas relações, no “entre”.

Sendo assim, notamos que essa reinvenção é reclamada por existirem tensões, linhas rígidas e fechadas, que permeiam e atravessam, a todo momento, o trabalho dentro de uma instituição de saúde. Podemos dizer que, mesmo em ambientes que nasçam do desejo de novas práticas, novos olhares e novas concepções de tratamento, como um CAPS, as linhas duras continuam operando na captura do trabalho, podendo, por vezes, cristalizar os trabalhadores em lugares cômodos, mas que acabam despotencializando o olhar, o corpo, os afetos. Operam, justamente, esvaziando os sujeitos trabalhadores de sua maior qualidade: a potência de afetar e ser afetado nos encontros. Agindo como capturantes de subjetividades, que desempenham, por exemplo, as ideologias “domesticadoras” sobre os trabalhadores, apropriando-se do trabalho vivo em ato na produção (MERHY, 2004). Podemos dizer que aí incide a biopolítica⁹, ou seja, estratégias de poder atuando sutilmente sobre a vida no campo do trabalho, dos afetos e do desejo (FOUCAULT, 1997).

Das modalidades desse exercício de poder, destacamos a gestão do tempo como uma das principais estratégias. Nos CAPS, por exemplo, somos demandados a dar conta de uma série de atividades, que vão desde as funções organizacionais (preenchimento de formulários, registros em prontuários, controle de inserções e altas, entre outros), até os atendimentos propriamente ditos, a atenção à crise, as atividades de convivência e as demais atividades que permeiam a clínica nesses serviços. Tudo isto submetido a um tempo que nem sempre obedece ao tempo do encontro.

É neste ponto que se inscreve a necessidade de invenção, como potência do homem comum (PELBART, 2003), ou seja, aquela presente em todo e qualquer um. Assim, a

⁹ No pensamento de Foucault, a Biopolítica é um tema recorrente que coloca a vida como parte do campo de poder, ou seja, a vida como lugar onde o poder investe e opera suas formas de controle e governo das condutas no âmbito das populações. A partir de certo ponto na obra deste pensador, o termo Biopolítica passa a ser empregado como um conjunto de biopoderes que são a capacidade da própria vida de produzir desassujeitamentos a este poder nela investido, ou seja, a biopolítica passa a ser designada também como um modo de contrapoder que emerge da própria vida.

ação criativa de cada sujeito no trabalho e em coletivos inteiros pode ter a potência de ressoar, produzindo mudanças e contaminações:

cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito de superestrutura etérea, mais força viva, quantidade social, potência psíquica e política (PERBALT, 2003, p.23).

Trata-se, antes de tudo, de posicionamentos éticos. Ética aqui entendida como escolhas que implicam a criação de formas de existência e a produção de subjetividades. E, se a ética está sempre a favor do processo vital (ROLNIK, 1989), como sustentar posicionamentos éticos no trabalho, bem como na vida? Como manter corpos ativos com implicação ético/estético/política nos processos de criação de vida? Como reexistir diariamente, para, assim, reexistirem outros mundos, outros sujeitos, outras subjetividades? Como gerar “novos coletivos de trabalhadores em saúde, que possam, em seus atos vivos, tecnológicos e micropolíticos de trabalho em saúde, produzir linhas de vida?” (MERHY, 2004, p.4).

Adentramos, então, no campo da resistência como criação de possíveis. Geração de microguerrilhas que deem passagem a outras sensibilidades e efetivem a atualização de práticas criativas e engajadas. Para Deleuze (1992), a questão da criação, em sentido forte, não está remetida a realizar um possível, mas a tornar possível e, assim, criar um possível. Resistência para tornar possíveis novos agenciamentos e novos modos de ser/estar no mundo. Por isto, falamos em reexistir.

Desta forma, a resistência é como um movimento, que antes de ser contrário a algo, resiste, porque insistimos em ultrapassar a nós mesmos (ONETO, 2007). Ultrapassar nossos próprios registros sensíveis, a partir da experimentação de novas linguagens, ferramentas e dispositivos que abram fissuras, brechas e aumentem a permeabilidade aos afetos.

Aqui, aproximamos o fazer do trabalhador de saúde ao fazer do artista, uma vez

que se tratando de vida, transborda o campo da Saúde Mental para tratar a própria vida como obra de arte (DELEUZE, 2008). A vontade de resistir se manifesta como vontade de arte, uma vontade que é muito mais que a vontade de um sujeito, vontade de criar que é da ordem da exposição, um colocar-se para fora de si mesmo, desocupando o lugar de uma pretensa interioridade para compor com os materiais sensíveis que nos circundam. Em arte se expõe para compor e ali cria-se uma relação singular, cria-se afetos e se constrói campos de afecções a cada composição, a cada novo encontro. Da mesma forma a clínica, o amor, a amizade, as relações humanas diversas, são campos de atravessamentos de afetos, em que cada corpo tem capacidade de afetar e ser afetado, com possibilidades de ampliação de seu campo de afetação e de seus modos de composição.

É nesse campo de afetos e sentidos que queremos mergulhar para investigar/criar estratégias de ampliação da porosidade dos corpos ou das superfícies de contato. Como expandir o campo dos sentidos nas diversas esferas cotidianas? Que estratégias podem operar “revoluções moleculares” (GUATTARI, 1985)?

Felix Guattari chama de revolução molecular um certo tipo de movimento que produz transformações, mudanças e desacomodações, desde o plano microscópico, no plano das células, no plano das micropolíticas. São microrrevoluções que operam nos modos de ver, ouvir, pensar, sentir e que, justamente por estes modos, têm o potencial de transformar as relações e o contexto em que estamos inseridos.

Sendo assim, não há regras, tampouco pouco formatos prontos, para acessar tais revoluções; pode-se dizer que têm potencial de produzir tais movimentos todas as estratégias que possam alegrar reinventando relações. Todas aquelas que permitam a produção de novos territórios. Todas aquelas que possibilitem linhas de fuga dos extratos mais rígidos e codificados das práticas dos corpos. Todas aquelas que se inscrevem em um plano de intensidades e criação. Não há receitas ou prescrições (falando uma língua conhecida no campo da saúde).

Uma interface: dança e clínica

É na sondagem de estratégias de reexistência e composição, que abordo, nesta pesquisa, uma prática corporal como experiência de criação de fluxos coletivos que podem convergir para a instalação de acontecimentos.

A dança pode se aproximar da prática clínica na medida em que se dá como dispositivo de construção de corpos singulares, corpos que não falem de si mas se reinventem em formas impensáveis. Corpos que façam metamorfoses em sua imensa capacidade de variações. Michel Serres nos diz que o corpo todo inventa, enquanto a cabeça adora repetir. “A cabeça é ingênua. O corpo é genial” (SERRES, 1999 p.17).

A partir daqui, tateamos zonas de pura experimentação. Zonas de convergência de saberes e sensações. Mestiçagem de técnicas e improvisos no registro das intensidades, no jogo dos fluxos que se pode desenhar em qualquer processo terapêutico.

Corpos/loucos e corpos/terapeutas exploram juntos, no tempo/espço, exercícios de desconhecimento, abertura, integração, criação, devir.

Na dança abordada por José Gil, temos a noção do mover-se (dançar) como criação de atmosferas compostas de pequenas percepções, as quais são captadas pelo corpo da maneira mais inconsciente consciente possível (GIL, 2004), produzindo uma nova consciência do corpo. Assim, com a introdução de novas linguagens (dança), desestruturamos códigos motores conhecidos, desencadeando a liberação de afetos que, em estado flutuante, disseminam-se pela consciência/corpo.

É nessa base que fundo a ideia de que a dança pode ser condutora a outros territórios existenciais, em um exercício de vizinhança com a prática clínica. Outras qualidades de encontros se instauram com a entrada no campo das micropercepções. Novas possibilidades de movimentação pelo mundo: mobilidades de comunicação e de escolhas.

Conforme Ferracini (2007, p. 10), baseado nas ideias de Leibniz e Deleuze, as micropercepções ou pequenas percepções são componentes das macropercepções (ou

percepções conscientes): “adentrar nessa zona de micropercepções é, portanto, adentrar em um espaço dinâmico de atualização-virtualização. Um espaço de infinitos pequenos virtuais perceptivos que desestabilizam as macropercepções, sejam elas temporais e/ou espaciais”. Desta forma, ousou apostar que a entrada neste campo perceptivo pode imprimir novas possibilidades de movimentação pelo mundo: mobilidades de comunicação e de escolhas.

Rolnik (1989) nos fala em “dar línguas a afetos que pedem passagem”, no mesmo sentido em que dizemos “dar corpos a línguas que pedem passagem”, posto que cada linguagem reflete um corpo a cada enunciação (MOLIN, KREUTZ, DORNELLES, 2003). É deste lugar que se pode pensar em reinvestir os corpos de sua potência de criação. Desconstruir clichês para ganhar línguas e corpos, seja nos movimentos da dança, seja nos movimentos da vida. Entrar nestas experiências de alteração de estados perceptivos é produzir novos estados de existência/fronteira (FERRACINI, 2007). Da mesma forma, ampliar percepção do corpo, para fluir em movimentos. Movimentos que, antes de expressarem sensações, são eles próprios sensações (DELEUZE, 2007).

Nesse ponto, há que se pontuar certa especificidade da experiência da loucura, em que se delineia meu campo investigativo, justamente em um dos pontos que a faz mais singular: a experiência da desconstrução de um corpo. Imersos no campo “das loucuras”, encontramos corpos fragmentados pela vivência de fluxos desconexos e intensidades desagregadoras. E muitas vezes distanciados de seus afetos. Esquecidos em seus devaneios. Corpos com linguagem e expressão restritos pela imersão demasiada no caos (DELEUZE, 1996). Pelbart nos situa nesta esfera quando diz que

Há na loucura um sofrimento que é da ordem da desencarnação, da atemporalidade, de uma eternidade vazia, de uma ahistoricidade, de uma existência sem concretude (ou com excesso de concretude), sem começo nem fim, com aquela dor terrível de não ter dor, a dor maior de ter expurgado o devir e estar condenado a testemunhar com inveja silenciosa a encarnação alheia. (PELBART, 1993, p.20).

Seria, então, tarefa dos terapeutas e demais profissionais de saúde, aqui compreendidos como agentes do cuidado, acompanhar os sujeitos em processos que permitam

"a recomposição de novos territórios a cada aurora" (DELEUZE, 1996, p. 24), construindo para si territórios possíveis, encarnados. Territórios em que a desagregação não seja a única constante, nem o sofrimento do enlouquecer seja a única marca.

Como um mestre que nada sabe, mas que, em um encontro/composição, propõe-se a construir com o outro modos de cuidar de si, provocando desestabilizações ou criando condições para que algo aconteça fora dos registros conhecidos. Para Foucault (2004), o “cuidado de si” tem, como princípio, uma ética de vida que pressupõe práticas capazes de desencadear experiências intensas, nas quais o sujeito experiencia-se para se transformar; o conceito remete-se, portanto, diretamente a uma estética de vida ou um modo de vida, em que os princípios da ação se tornam visíveis na trama da existência (GROS, 2006). Desta forma, pode-se entender o próprio cuidado, no registro da clínica, como ato de criar condições para que algo floresça, para que algo aconteça. Criar condições para transformar a si e o outro a cada encontro.

Para tanto, no contexto desta pesquisa, proponho-me a abordar o corpo-em-dança como uma estratégia possível de produção de si no encontro com novas possibilidades de afetar e ser afetado. Aqui, não abordarei a dança enquanto exercício estético do fazer artístico mas como criação da arte vivida, que tem seu valor apenas no momento em que a experimentamos e, depois, desfaz-se com a efemeridade daquilo que é mais da ordem da duração que da extensão (LIMA, 2004).

Como cartografar processos que se dão no plano das intensidades e não da consciência? Como cartografar as reverberações de tais processos de reconhecimento do corpo enquanto potência de vida?

Um trajeto: a imersão no campo

No CAPS III Antônio da Costa Santos (Toninho), na cidade de Campinas – SP, entre os anos de 2009 a 2012, aconteceu semanalmente uma intervenção grupal que se

propunha a explorar a experimentação do corpo em movimento. Esta intervenção fez parte do meu processo de trabalho, enquanto membro da equipe daquele serviço e inserida no projeto daquele CAPS, que tem, como ofertas diversas, atividades expressivas e terapêuticas nomeadas como oficinas, ateliês, grupos terapêuticos, entre outros.

A proposta aqui é buscar algumas linhas de intensidades e reverberações daqueles encontros e desenhar uma possível cartografia dos territórios subjetivos e concretos que se produzem a partir daquela experimentação. Configura-se meu problema: cartografar zonas de criação de intensidades no encontro de corpos em estados de fronteira. Assim, quais são os processos criativos que se instauram nessa prática da clínica, da dança e no processo de trabalho no CAPS?

O intuito é explorar, portanto, novas tecnologias que podem ser chamadas terapêuticas e que podem ser chamadas dança/arte/criação ou, ainda, que podem simplesmente não ter nome, por se localizarem no “entre” de ambas as áreas de atuação. Desta forma, o interesse desta pesquisa é no que se produziu naquele espaço-tempo-encontro e no que reverbera daí, ou não, para as demais esferas da vida de cada envolvido, durante e depois desta experiência. Quanto destes movimentos intensivos pode ser recriado e atualizado na vida dos participantes, sejam usuários ou profissionais?

Terapeutas e usuários investigaram juntos novas tessituras de encontros e outras percepções dos universos em que estão inseridos. Como na própria clínica, que pode conduzir a novos agenciamentos que permitam que a vida continue pulsando em cada corpo (LIMA, 2004). Entretanto, inserimos outros ritmos trazendo à cena a dança como dispositivo agregador criativo de outras linguagens, bem como outros territórios e tempos dentro de um serviço de saúde mental.

O grupo de dança pode ser visto como contratempo no ritmo acelerado do CAPS, com suas demandas inesgotáveis. Contratempo na cadência marcada dos acontecimentos esvaziados de sentido, no cotidiano das grandes cidades. Contratempo da produção de subjetividades massificadas pelos imperativos dos meios de comunicação pautados na estética

dos corpos modelados e vazios de pertencimento de si.

Assim, a dança pode desterritorializar a própria instituição de Saúde Mental e, de certa maneira, territorializar/criar territórios referendados pela intensidade das relações – recolocando, assim, a clínica enquanto acontecimento, abrindo possibilidades de efeitos clínicos em intervenções que não têm, necessariamente, a intenção de ser terapêuticas. Tal desterritorialização se faz a partir de uma concepção da dança que procura romper com padrões estéticos, recolocando as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos como obra.

Que efeitos são esses? Como mensurá-los e encarná-los no corpo da pesquisa?

Um CAPS chamado “Toninho”

“Eu tenho muitas boas lembranças, acho que o grupo foi se desenvolvendo de um jeito muito legal, foi muito bem aceito. Lembra? a gente tinha aquele refeitório cheio de suco no chão, com comida aqui e ali e a gente transformava aquilo em um lugar para dançar... minha maior lembrança foi de como isso foi sendo construído tanto por nós, profissionais, quanto pelos usuários a partir de cada encontro... o que a gente foi construindo junto e o que vinha em cada encontro.

Então os preparativos, pensar na música, a leitura de alguns textos, as nossas conversas depois, vivências que tiveram no grupo... Eu tenho muito marcado aquele dia que você levou um CD, acho que do Pink Floyd? Beatles? Ah, era Led Zepellin (risos). E tinha uns gritos, lembra? Os pacientes piraram gritando, empurrando as paredes e todo mundo fazendo a maior força... Então teve muita coisa que aconteceu ali. Eu tenho essa lembrança, de muita vivência, de coisa muito real, muito na pele assim. E da gente conversando muito, criando isso ao longo do que foi sendo vivenciado.”

(Tainá, psicóloga, trecho de entrevista de 28/11/2013)

O CAPS Antônio da Costa Santos, também chamado de Toninho ou CAPS Sul, é um serviço do SUS/ Campinas que atua com co-gestão da Prefeitura Municipal de Campinas e do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Situado na região sul da cidade, é referência para

o atendimento de pessoas portadoras de transtornos mentais graves da área de abrangência do Distrito de Saúde Sul, cuja população era estimada em 277.390 habitantes¹⁰ em 2011.

Este CAPS III funciona 24 horas, com oito leitos para a atenção à crise dos pacientes inseridos no serviço. São atendidos em situação de crise os pacientes novos ou usuários regulares deste serviço que necessitem do dispositivo de leito noite, além de um cuidado intensivo durante curtos períodos, na maior parte da vezes configurados pela agudização de sintomas psicóticos, entre outros quadros de agravamento decorrentes dos diversos perfis e diagnósticos que caracterizam o sofrimento psíquico atendido nesta unidade de tratamento.

Durante o período do dia, o CAPS Toninho opera com diferentes ofertas para os usuários inseridos para seguimento de seu tratamento, atuando em diversas linhas de cuidado e acompanhamento. Entre 2009 a 2011, a grade de atividades¹¹ semanal foi composta pelas seguintes propostas: grupo de escrita, grupo de dança e expressão corporal, grupo de música, grupo de futebol e esportes, grupo de culinária, grupo de passeio, caminhada, grupo de cinema, grupo de horta, grupo de mulheres, grupo de dependência química, dois ateliês de terapia ocupacional, grupos de tratamento desenvolvidos pelos núcleos da psiquiatria e da psicologia, além dos atendimentos individuais em psicologia, psiquiatria, terapia ocupacional, enfermagem e assistência social. Atualmente o CAPS mantém algumas dessas propostas, entre outras.

Cada uma dessas atividades é desenvolvida pelos próprios profissionais do serviço, sendo algumas delas abertas para a participação espontânea e esporádica dos usuários presentes no serviço e outras fechadas, funcionando com enquadramentos mais restritos para usuários com determinados perfis ou demandas específicas. Em ambas as modalidades, a

¹⁰ Todos os dados numéricos utilizados aqui foram retirados do “**Relatório de Atividades 2011**” do **Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira**, disponível em http://www.candido.org.br/arquivos/cat_view/3-diversos (última visualização em 21/05/2014). Utilizo os dados de 2011 por serem referentes ao período em que a prática do grupo de dança investigado nessa pesquisa foi desenvolvida no CAPS Toninho.

¹¹ Dados de arquivo pessoal da pesquisadora do período em que integrava a equipe de profissionais da unidade.

participação na atividade proposta fica estabelecida a partir dos critérios da singularidade de cada caso, considerando as necessidades e o desejo dos usuários, que podem frequentar o serviço diariamente em período integral ou apenas em alguns dias da semana, ou do mês, em períodos específicos, de acordo com seu Projeto Terapêutico Individual (PTI) ou com as especificidades de cada momento do seu processo de tratamento.

Até dezembro de 2011, estavam em acompanhamento no CAPS Sul 351 pacientes, sendo 42 usuários intensivos, 188 semi-intensivos, 121 usuários não intensivos¹², com uma circulação média de 85 pacientes/dia, frequentando o serviço nas três modalidades de inserção (intensivos, semi-intensivos e não intensivos). Com uma população de adultos, sendo 335 usuários com idade entre 18 e 59 anos e 16 usuários acima de 60 anos, destes, 212 são homens e 139 são mulheres.

Ainda em 2011, a equipe¹³ de trabalhadores deste serviço apresentava a seguinte constituição:

- 05 médicos psiquiatras (80hs);
- 04 psicólogos(126hs) ;
- 04 terapeutas ocupacionais (120hs);
- 06 enfermeiros (211hs);
- 01 assistente social (04hs);

¹² De acordo com o **Manual do CAPS** do Ministério da Saúde “A depender do projeto terapêutico do usuário do serviço, o CAPS poderá oferecer, conforme as determinações da Portaria GM 336/02.

Atendimento Intensivo: trata-se de atendimento diário, oferecido quando a pessoa se encontra com grave sofrimento psíquico, em situação de crise ou dificuldades intensas no convívio social e familiar, precisando de atenção contínua. Esse atendimento pode ser domiciliar, se necessário;

Atendimento Semi-Intensivo: nessa modalidade de atendimento, o usuário pode ser atendido até 12 dias no mês. Essa modalidade é oferecida quando o sofrimento e a desestruturação psíquica da pessoa diminuíram, melhorando as possibilidades de relacionamento, mas a pessoa ainda necessita de atenção direta da equipe para se estruturar e recuperar sua autonomia. Esse atendimento pode ser domiciliar, se necessário;

Atendimento Não-Intensivo: oferecido quando a pessoa não precisa de suporte contínuo da equipe para viver em seu território e realizar suas atividades na família e/ou no trabalho, podendo ser atendido até três dias no mês. Esse atendimento também pode ser domiciliar”. (BRASIL, 2004)

¹³ Dado retirado do “**Relatório de Atividades 2011**” do **Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira**, disponível em http://www.candido.org.br/arquivos/cat_view/3-diversos (última visualização em 21/05/2014).

01 farmacêutico (20hs);
20 técnicos/auxiliares de enfermagem (720hs);
01 auxiliar administrativo (40hs);
01 assistente administrativo (40hs);
05 auxiliares de higiene (180hs);
03 auxiliares de farmácia (108hs);
04 vigilantes patrimoniais (01 folguista) (144hs);
01 coordenador (36hs);
01 motorista (36hs);

Fui integrante desta equipe durante os anos de 2009 a 2012, quando me afastei do serviço para me dedicar exclusivamente ao trabalho de investigação da pesquisa de mestrado, sendo que, nesse trajeto-pesquisa, estive no serviço em diversos momentos para a realização de entrevistas com os usuários e profissionais.

Daí um tornar possível

“O que eu percebia em relação ao cotidiano é que era uma atividade mais protegida. Eu sentia que a demanda com a maioria das atividades era diferente... tinha uma coisa de entrar no ateliê, no grupo do ateliê e fazer uma interrupção e aí um coordenador precisar sair, tem essa questão que as coisas acontecem de forma muito atropelada e a lembrança que eu tenho era que, nesse horário do grupo, o refeitório era totalmente reservado para esse espaço e que tinha pouquíssimas interrupções. Inicialmente tinha algumas e depois eu vi que isso foi diminuindo, então acho que foi uma atividade que pôde se constituir de uma forma um pouco diferente no sentido de a equipe em geral compreender que era um espaço diferente daqueles em que era possível fazer interrupções. Na época enquanto eu ainda estava no CAPS, a gente começou a pensar em alguns pacientes que estavam se envolvendo e estavam aderindo a esse espaço, foi um momento bem inicial do grupo e a gente via que tinha algumas pessoas que já começavam a priorizar esse dia pra poder estar nesse grupo. Teve uma mobilização do cotidiano nesse dia, nesse período pra poder caber uma atividade dessa, foi uma construção com a equipe esse espaço nesse horário.”
(Diana, TO, entrevista realizada em 24/11/2013).

“Eu acho que, da nossa parte enquanto profissionais, me vem, assim, o quanto a gente não pode, a priori, ir com as coisas prontas. Então esse grupo precisou ser construído a cada semana desde coisas como que roupa a gente ia usar. Então, por exemplo, pensar assim, não dá pra vir de saia porque se precisar de alguma coisa no chão vai aparecer, então tem que vir com uma calça mais mole porque calça jeans também não dá certo... então tudo que precisa ser construído para um grupo desse acontecer e o quanto a gente precisava estar em sintonia... Na hora ali do grupo, a gente tinha que se falar com o olhar, quem que ia contornar a situação, quem que ia segurar, quem que ia mexer no som... sintonia de criar ali no momento. Mas acho que isso tem a ver com a entrega também que eu sinto que a gente teve muito forte... ah, e o quanto mexia com a gente. Acho que cada encontro mexia profundamente com a gente também. E a partir dessas sensações todas é que a gente conseguiu ir desenvolvendo o trabalho.”
(Tainá, psicóloga entrevista realizada em 28/11/2013).

Durante o período em que trabalhei como psicóloga no CAPS Toninho, desenvolvi diversas atividades, desde os atendimentos individuais em psicoterapia até atividades como uma oficina de música e o grupo de dança e expressão corporal, sendo que este último foi, ao longo da prática, sendo investido por mim a ponto de se tornar uma pesquisa em minha rotina de trabalho.

Desta forma, embora ainda não se configurasse uma pesquisa acadêmica formal, considero que, naquele momento, instalou-se, no processo, uma implicação de pesquisa nesta prática. Havia, já naquele momento, uma necessidade de registrar os acontecimentos vividos ali, bem como havia uma grande vontade de dar visibilidade aos processos criativos que ali surgiam, tanto do ponto de vista da prática da dança nos corpos dos participantes (usuários e profissionais), quanto da clínica que ali se instaurava.

A partir desta necessidade e implicação na pesquisa é que surgem os diários de prática, nomeados de *Diário de Bordo*¹⁴ e *Diário de Implicação*¹⁵, que são agora empregados

¹⁴ O Diário de Bordo foi um instrumento produzido no grupo de dança e expressão corporal durante 2009 a 2011. Nele os participantes poderiam registrar suas impressões sobre a vivência do grupo em cada encontro. Este Diário ficava à disposição e normalmente circulava pelas mãos dos presentes ao final de cada encontro, apareciam aí frases, assinaturas, agradecimentos e desenhos. Abordarei mais amplamente este instrumento no primeiro movimento.

aqui como instrumentos para desenhar as linhas desses processos criativos instaurados, construindo uma cartografia dessa experiência.

Entretanto, para que essa implicação de pesquisa se efetivasse, foram necessários alguns deslocamentos, tornando possível realizar isto que se instaurava em meu corpo enquanto vontade de investigação e investimento profissional: uma intervenção no CAPS na interseção entre dança e clínica.

Sem dúvida, o primeiro desses deslocamentos se situa na abertura das propostas de trabalho daquela equipe que se baseia na autonomia da ação de cada profissional naquela unidade, permitindo a implementação de atividades diversas que contemplem o desejo de cada profissional.

Autonomia que acontece de forma compartilhada na gestão coletiva do projeto CAPS, mas, antes disso - e mesmo para que isto se efetive -, faz-se a partir da necessidade de que cada profissional descubra e incorpore seu modo de atuação, desde as atividades que lhe interessam como propostas de intervenção, até a maneira como isso será compartilhado entre seus parceiros em uma construção coletiva, o que, a meu ver, nem sempre é simples.

Descobrir uma atividade que te mobiliza no trabalho mas que também componha com o jogo institucional instaurado. Descobrir como compor com as necessidades daquele espaço e com as regras criadas pela equipe, na relação com as instâncias superiores da gestão e com a política de saúde da cidade de modo geral. Sendo assim, o que, a princípio, pode parecer simples torna-se um exercício de construção coletiva que exige paciência, delicadeza, cuidado e, até mesmo, em alguns casos, a renúncia de projetos que não cabem naquele contexto.

¹⁵ O Diário de Implicação foi um instrumento produzido pela pesquisadora durante a prática do grupo (entre 2009 a 2011), a partir da necessidade de registrar as próprias impressões acerca do processo vivido em cada encontro, bem como fazer algumas sistematizações das atividades propostas. Em diversos momentos, este instrumento foi compartilhado com outras profissionais que também participaram do grupo enquanto facilitadoras. Falarei disto mais detalhadamente logo adiante, no primeiro movimento.

Nessas sutilezas, a necessidade de resistência e criação se coloca como imperativo para encontrar alternativas ou estratégias para construir aquilo em que se acredita, sem decompor com o coletivo de trabalhadores e com a vida institucional.

Trata-se sempre de criar modos para tornar possível um lugar expressivo no trabalho de cada um, compondo com diferenças explicitadas em distintas formas de conceber um mesmo trabalho. Lidando com as alegrias e os desconfortos de conviver com tais diferenças.

Abordarei algumas nuances dessas alegrias e desconfortos, como estas foram percebidas no processo dos dois anos da prática do grupo de dança no CAPS. Descrevo algumas impressões que se atualizam agora no corpo que escreve e nas falas daqueles que chamei para escrever comigo, ou seja, dos parceiros que me acompanharam na prática do grupo e me acompanharam no ziguezaguear dessa composição em dança.

A partir disso, posso dizer que a prática desse grupo se deu em um arranjo que, em alguns momentos, soou leve e, em outros, apresentou tensões e desgastes.

Nem sempre a dinâmica que se buscava construir cabia na sonoridade daquele momento do CAPS. Nem sempre meu interesse em sustentar este espaço dançante foi prioridade para as demais profissionais, nem sempre a dança agradava os olhos e ouvidos de meus parceiros e, principalmente, nem sempre a implicação de meus parceiros nesse processo de construção coletiva do projeto CAPS me agradava.

Em muitos momentos, pude perceber o quão difícil era compartilhar com meus colegas as vivências de nossas práticas nos grupos de atividades. Os espaços de reuniões e conversas “oficiais” permaneciam ocupados pelas inúmeras demandas urgentes e poucas vezes estive em pauta esse partilhar daquilo que cada profissional produzia em suas atividades, em sua clínica, em seus espaços de criação. Que certamente ocorrem na clínica em suas tantas vertentes, mas que também ocorrem nas conversas dos corredores, nas visitas domiciliares, naquela intervenção sutil que se faz no banco da área externa, em uma pausa rápida para um cigarro, um café, um copo d’água.

Nesse percurso, lembro-me de algumas tentativas de construção de um espaço de troca dessas experiências para, então, buscar o entendimento daquilo que estava se construindo enquanto projeto coletivo, mas isso, de fato, poucas vezes se efetivou nos espaços formais - me refiro aqui às reuniões de equipe, reuniões de planejamento e outros espaços institucionais de encontro e discussão da equipe em seu processo de trabalho - deixando as trocas sobre esse aspecto da clínica para espaços resguardados ou conversas informais entre os pares. Falar da prática parece ser concebido como uma exposição, como se houvesse implícito aí um modo de julgamento e controle daquilo que se produz, a partir de uma valoração externa em que a competência de cada profissional é desafiada.

Da mesma forma, ficava evidente o quão difícil pode ser pôr em questão aquilo que incomoda na atitude ou atividade proposta pelo outro, de modo que muitos desconfortos permanecem latentes, escrevendo nas entrelinhas as tensões abafadas ou suavizadas por um certo ar de desinteresse pelo que ocorre do lado de dentro de cada sala de atendimento, de cada roda de atividade e de cada proposta em particular. É difícil falar de si em um coletivo de trabalho, falar de suas escolhas, vontades, potências e fragilidades e, da mesma forma, expor as dificuldades nas quebras de contrato, nos espaços que desconstroem modos já estabelecidos ou mesmo que criam novas formas de ocupar o espaço CAPS.

Nesse sentido, pode-se dizer que alguns desses desconfortos são silenciados ou borbulham nas entrelinhas das conversas dos corredores, sendo pouco utilizados para aquilo que seria sua maior qualidade: a possibilidade de rever as práticas, transformar o que está dado, analisar os modos instituídos e problematizar os desvios como potencialidades criativas no cotidiano.

A fala de Elise, TO participante do grupo, explicita uma dessas questões

“...acho que uma coisa que marcava o cotidiano era o horário que o grupo começava e terminava. O grupo de expressão corporal às vezes se estendia, então o horário era mantido de início, mas ele se estendia pra perto do almoço, então, o que acontecia, às vezes? Quem estava no grupo, tava dentro... estava experimentando, mas para quem estava de fora já era horário de almoço, então, às vezes as pessoas batiam na porta, às vezes ficavam inquietas porque sabiam que era hora da comida,

às vezes a comida chegava e começava um barulhão na cozinha, então se o serviço não cuida disso no cotidiano é um complicador, porque desconcentra o processo do grupo e também permite que outros usuários olhem para o grupo de uma forma assim: “ah, é um grupo legal que tem que acontecer mas é um grupo legal que atrapalha meu almoço”, e aí também sustentava a raiva da galera que já queria almoçar logo cedo pra ir embora... então isso no cotidiano é um complicador.

Diferente do grupo de horta que começava super cedo por causa do sol, porque pra trabalhar com a planta no sol é melhor que se trabalhe logo cedo, que se comece o mais cedo possível e termine o mais cedo possível porque do contrario judia das pessoas e das plantas, mas era um pouco diferente. Nesse sentido cada grupo ficava muito isolado... Os outros grupos eles acabavam muito antes do almoço até por uma questão assim, os usuários reclamavam que queriam almoçar cedo e ir embora, os próprios funcionários queriam dar logo o almoço pra eles almoçarem, então entre 11hs, 11:15hs, 11:30hs, chegava a comida: “serve logo para acabar logo”... Não era um combinado claro, mas o almoço era para ser servido ao meio dia e não às 11:30 e a gente nunca passava de 11:45hs.

Eu acho que isso atrapalhava no cotidiano do CAPS. E à tarde era a mesma coisa, porque o grupo tinha que começar à uma e meia, então você engolia a comida, porque três horas todos os usuários tem que tomar o lanche e vazar. Isso era um complicador do cotidiano do serviço para com os grupos em geral e aí os grupos que se colocavam: “vamos fazer das duas às quatro”, “ vamos fazer das nove às onze”... esbarraram nesse acordo não verbal, nesse acordo que era muito silencioso, então sempre provocava umas discussões: “Ah, porque tem que arrumar as mesas correndo no refeitório!”, “ah, porque tem que deixar limpo”, “ah, mas vocês não podem ficar lá no ateliê, levar o colchonete no ateliê, pra gente já ir arrumando aqui?”. Então tinha essas provocações, que tenho certeza que fazem parte do trabalho mas perpassa também pelo entendimento do que é um serviço do CAPS.

Parecia que fazer grupos nesses horários não era bem quisto, o grupo sempre caía num lugar de incômodo, assim, esse grupo que atrasa, ah esse grupo que não acaba. Ao mesmo tempo, que outras pessoas falavam, “ai, como eu queria estar aí dentro para experimentar!” e mesmo com o convite aberto rolava um “não vou experimentar pra não me misturar.” (Elise, TO, entrevista realizada em 18/10/2013)

Conforme Elise cita, alguns contratos são mantidos sem que haja um acordo real ou claro, da mesma forma, alguns lugares que cada um deve ocupar se mantém, às vezes, sem que possam ser revistos ou reinventados.

Outras vezes, instala-se, na própria prática, uma certa ambiguidade em que os profissionais reconhecem seus espaços de respiro – ou de “descanso” – dentro do serviço, mas o fazem em silêncio, como se o fato de gostar de uma atividade mais leve fosse desrespeitoso para com os demais colegas ou mal visto pela gestão. Como se não fosse necessário ter espaços como esse para sustentar um trabalho tão denso quanto o dos serviços de Saúde

Mental. Como se não fôssemos, a todo momento, confrontados com nossos fracassos e dificuldades no trabalho, a ponto de, muitas vezes, quase desistir. Como se a ambiguidade não fosse um sentimento presente a todo momento na rotina. Como se não fôssemos humanos.

Talvez, para cada um de nós, houvesse pequenos espaços de recuo, descanso e oxigenação, criados a partir da forte necessidade de “parar” ou de criar outro tempo no funcionamento da CAPS. Entretanto, esses espaços permanecem, na maioria das vezes, resguardados por cada um, quase em segredo.

O trabalho no grupo de dança esteve sempre na margem do que parece estranho ao lugar que cada um deve ocupar no CAPS, o que, em alguns momentos, soava como se nossa prática fosse mais da ordem da brincadeira, um lugar onde os profissionais estavam para se divertir e não para produzir, para atender ou tratar os usuários. Tal particularidade – que, para mim, sempre foi uma qualidade que permitia experimentar lugares novos em meu próprio corpo, bem como na relação com o outro – exigia disponibilidade e desprendimento para ocupar esse “entre” experimental. Esse aspecto também produziu questionamentos em alguns dos profissionais participantes do próprio grupo. A fala de Denise aborda esta questão

“... na época em que o grupo começou, eu não tinha uma relação muito estreita com a dança ou com essas práticas corporais, não tinha, na minha história, nenhum incentivo maior pra isso. Os esportes que eu fiz tinham mais a ver com esportes coletivos como exercícios físicos mesmo. Então essa foi uma das questões que foi um investimento da minha parte, foi uma experiência de poder experimentar uma experiência nova e que eu ainda não tinha tido. Na época, as duas outras coordenadoras do grupo tinham uma experiência muito maior com essas práticas, e eu fui aprendendo técnicas de relaxamento, alongamento... eu experimentei, em muitos momentos, a co-coordenação do grupo, mas eu tinha um lugar privilegiado por conta também de estar experimentando uma coisa nova, então eu me sentia em alguns momentos muito mais próxima dos usuários do que da coordenação porque eu estava ali podendo experimentar uma coisa que eu nunca tinha feito antes. Isso foi muito interessante, mas, em alguns momentos, muito angustiante, porque também era um primeiro contato com esse lado que eu considero, talvez, mais primitivo, que não necessita tanto da fala, de uma explicação, que deixa um pouco de lado o racional e olha para um lado mais... o corpo fala coisas diferentes da palavra, que é o que eu estava naquele momento na psicologia mais investindo, na questão da fala, então foi um contraponto muito interessante nessa clínica, principalmente nesse contato com a clínica da psicose, que era uma clínica nova pra mim, mas que me tocou, me despertou. Esse espaço do grupo me fez perceber

coisas que eu não tinha percebido em outros espaços. O próprio contato, o próprio se incluir nas atividades, era uma forma de incentivo para participação dos usuários e também uma forma de ser ator do grupo, estar em... coordenar fazendo, então fui experimentando uma coordenação diferente de outros grupos dessa área da psicologia e que pressupõe uma postura mais neutra, mais distanciada.” (Denise, psicóloga, entrevista realizada em 08/11/2013).

Talvez para mim e minhas colegas desse trabalho, o grupo de dança fosse de fato um desses espaços de “descanso”, embora ali – como em todos os outros espaços deste tipo – nos colocássemos a trabalhar intensamente, nos colocássemos, inclusive, em lugares desafiadores para nós mesmas, em estados de superação de algumas amarras do CAPS, do nosso modo de nos relacionar com ele, dos nossos modos de nos relacionar com a clínica, dos modos de nos relacionar com nosso corpo, dos nossos modos de nos relacionar com a vida.

Foi uma aposta do grupo manter um espaço de estar entre, fazer junto, acompanhar de perto, no corpo, para desestabilizar esse mesmo corpo e torná-lo mais receptivo aos encontros e às composições – não apenas como uma condição dada pela dança mas como uma premissa da clínica ou dessa clínica que se almejava construir. Uma clínica do imprevisível, em que o que se faz é habitar uma zona híbrida e descobrir, em suas entranhas, as potencialidades de cada um, seja usuário, seja profissional. Conforme nos dizem Passos & Benevides, trata-se de uma necessidade da clínica: “habitar este espaço intervalar do entre-domínios, do que não é totalmente isto ou aquilo, do que está nesta operação da conjunção “e”, lá onde proliferam encontros e composições” (PASSOS & BENEVIDES, 2006, p. 01).

Desta forma, meu interesse era exatamente desestabilizar alguns lugares comuns do serviço de Saúde Mental. Não porque tais lugares sejam pouco válidos, mas porque, em minha experiência profissional – e talvez para os demais profissionais envolvidos nessa prática –, tornava-se uma questão de sobrevivência criar algo no CAPS que colocasse meu corpo na relação com os usuários a partir de um outro registro. Em um registro de fluxo que me levasse a novos estados perceptivos, como uma abertura dos poros, uma limpeza da superfície, um arejar dentro do cotidiano que, em alguns momentos, tornava-se, para mim, demasiado duro, sufocante.

Essa sempre foi uma necessidade minha. Necessidade também não explicitada dessa forma naquele momento, talvez também mantida em certo “segredo”, sustentada nessa ambiguidade de um fazer em que se busca construir uma outra clínica, mas que, justamente por isso, permite-nos respirar e “descansar” do jogo duro do CAPS, daquilo que não podemos desconstruir ou não podemos mudar.

Minha aposta e meu esforço foram por sustentar essa prática como uma intervenção da clínica, como criação de uma clínica e, mesmo sem deixar explícito, como origem de deslocamentos para uma possibilidade de “parar” no meio da aceleração. Inventando um outro modo de me conectar com a clínica, com meu corpo, com a dança, com a Saúde Mental. Reinventando a mim mesma na medida em que invento uma prática profissional.

Considerando uma perspectiva da clínica enquanto possibilidade de invenção de si, em que profissionais e usuários (ou pacientes ou clientes) estão implicados. Esse reinventar-se seria, portanto, o próprio produto da clínica ou de uma proposta em que

O trabalho da clínica é o de acompanhar os movimentos afectivos da existência construindo cartas de intensidade, ou cartografias existenciais que registram menos os estados do que os fluxos, menos as formas do que as forças, menos as propriedades de si do que os devires para fora de si (PASSOS & BENEVIDES, 2006, p. 03).

Em entrevista com uma das profissionais participantes do grupo, este modo de reinventar-se a partir da desestabilização do “lugar profissional” aparece também como um modo que altera a relação com o CAPS:

“Eu saía desse grupo, punha minha roupa de volta e ia para um grupo psicoterapêutico, sentadinho na cadeira, em roda e tal. E, eu adoro grupo psicoterapêutico, não se trata de gostar mais ou menos, nada disso, mas acho que a grande diferença é o envolvimento que a gente tinha, de fazer a coisa ali junto com os usuários. Eu acho que isso é um pouco diferente porque a gente ficava muito mais próxima, assim, horizontalmente deles, do que uma coisa que a gente só vai passando instruções, ou só contendo o acontecer ali. Para mim era diferente de um

ateliê, você está ali só, você passa, ensina alguma coisa e tal. Nesse grupo, a gente fazia junto, por exemplo, a gente deixava os usuários fazerem massagem na gente também... então acho que isso é muito diferente. E acho que, além dessa diferença que a gente acabava se entregando muito mais para vivenciar com eles o que a gente estava propondo, acho que tinha diferença também dessa coisa de envolver o corpo nos sentidos todos, de se envolver com música, de mexer com o corpo, de propor de tirar o sapato, que não tem isso em outro lugar do CAPS, por exemplo. Então acho que essa proposta exige uma entrega que muda toda a relação com tudo.” (Tainá, psicóloga, entrevista realizada em 28/11/2013)

Neste modo, que podemos considerar como uma escolha metodológica de trabalho na clínica, há, implícita, uma afirmação daquilo que se diferencia sem se separar e sem desvalorizar aquilo de que se busca distanciar – trata-se de um método de intervir no cotidiano e em nós mesmos. Como uma aposta em um outro modo de habitarmos o mundo, nas relações e nas nossas próprias ações. Para Benevides e Passos, essas são apostas de uma clínica da transdisciplinaridade

o que se distingue não se separa, em um hibridismo que queremos tomar como método. Seguindo este caminho (métodos) já não podemos aceitar tão naturalmente questões corriqueiras como estas: de onde falo? Qual é minha identidade profissional? Acreditamos que nossos dispositivos de intervenção são modos de nos instalarmos no mundo, habitando este limite entre os domínios. Nesse sentido, é em uma zona de intercessão, lá onde operam os intercessores que fazemos nossas apostas (PASSOS & BENEVIDES, 2003, p.01).

Sendo assim, pode-se dizer que, se a prática do grupo pôde se inserir no contexto CAPS, deu-se a partir de uma escolha, de uma disponibilidade e uma vontade de compartilhar esse modo de habitar o universo-CAPS na fronteira. Esta certamente não pode ser concebida como uma vontade daquele serviço como um todo, mas acredito que, de certo modo, cada ação ou cada prática tem seu processo respaldado por critérios e premissas de uma clínica que é singular, construída na prática de cada um, sendo que cada corpo sabe aquilo que pode sustentar e que quer construir para si em suas relações.

Nessa perspectiva, também saliento que houve uma mobilização do CAPS para que o grupo de dança acontecesse, uma abertura, um deixar fluir, respaldado pela liberdade de

espaço e autonomia conferida a cada profissional – o que, sem dúvida, configura-se como um fator positivo desta unidade. Por outro lado, muito desta intervenção – assim como outras tantas que ocorrem naquela unidade – fez-se em uma construção restrita entre as pessoas de fato implicadas nessa prática, nem sempre acessando um compartilhar ou uma coletivização das proposições, expectativas e desdobramentos desta atividade no cotidiano do serviço.

O que o incômodo movimenta?

É necessário dizer que, nessa prática, nem sempre o que se produziu foi confortável para os participantes. Houve momentos em que o estranhamento desses estados desestabilizadores produziram rupturas tão intensas que se fez necessária uma pausa, uma ausência, uma quietude para assimilar. Tanto para os profissionais quanto para os usuários. Entretanto, talvez pela preocupação em manter esse estado ativo-receptivo como uma premissa do trabalho para os profissionais participantes, as marcas desses desconfortos ficaram mais evidentes nas falas dos profissionais.

Durante o período da participação da psicóloga Clara, este foi um assunto recorrente e alguns contornos foram necessários para que sua presença no grupo se mantivesse. O trecho abaixo aborda este recorte:

“Então, pra mim foi muito interessante, porque eu tenho uma vivência na dança também, muito antes de resolver ser psicóloga, eu fiz muitos anos de Ballet e de outros estilos de dança, sempre pensando e vivenciando essa ligação do corpo, da dança com aspectos subjetivos e de representação de corpo e de afetividade, mas não desse jeito mais reflexivo, digamos. Então foi muito, muito especial esse momento, mas, ao mesmo tempo, também foi bem difícil pra mim... porque colocar o seu corpo como instrumento pras coisas acontecerem, como algumas vezes era necessário, talvez eu não tivesse tanta maturidade na época, porque às vezes eu ficava muito cansada após o grupo, assim... de uma cansaça mesmo. Uma coisa é isso, assim, de ter mergulhado muito... é, de ter mergulhado na experiência sem tanta maturidade pra suportar as coisas que brotavam ali, porque eram intensas mas não acho que... os participantes algumas vezes não percebiam a intensidade daquilo que estava acontecendo, eu acho que aí ficava pra gente, talvez não eram eles que percebiam, acho que eu ficava tocada com algumas coisas que eu via, que

era da minha experiência, que era isso: perceber como essa... esse sofrimento psíquico desagrega o sujeito e de perceber que a pessoa está ali e ela não tem consciência corporal. Pra gente é algo tão básico e que é constituído tão cedo. Mas eu ficava muito tocada, assim, muito, muito sensibilizada mesmo.” (Clara, Psicóloga, entrevista realizada em 06/11/2013).

Assim como Clara, em alguns momentos, saí desta atividade me sentindo exausta, confusa e com a sensação de uma entrega demasiada; nesses momentos, as conversas com meus parceiros e os registros no *Diário de Implicação* foram extremamente importantes, funcionando como espaços acolhedores e agregadores dos estados sensíveis experimentados ali. São estados provocadores que nos colocam em movimento fora do grupo, colocam-nos em contato com nossas próprias dores, silêncios, medos, dificuldades e também com nossa vontade de criar linhas de fuga daquilo que nos aprisiona, daquilo que nos resente e nos diminui a potência de agir.

Nesse sentido, tornou-se necessário, para mim, retomar os estudos, leituras, além da própria prática da dança em meu corpo, com o intuito de dar contorno e sustentação para o que eu estava a provocar ali. Desta forma, a partir de meados de 2010, inicio minha participação no grupo de pesquisa *Conexões: Saúde Coletiva e Políticas de Subjetividade*, vinculado ao Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, em que me dedico ao estudo dos referenciais metodológicos da pesquisa cartográfica, além do tema da interface arte/saúde.

Da mesma forma, no final de 2010, intensifico minha prática em dança, participando de cursos no *LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Teatro* e no *Salão do Movimento* – neste último, desde então, participo de aulas regulares semanais com foco na formação na técnica Klauss Vianna, com o propósito de uma pesquisa do movimento que acompanhe os movimentos desta pesquisa de mestrado. Reitero a importância desses espaços reflexivos e de formação por considerá-los parte do suporte necessário para que a prática do grupo se tornasse, de fato, um processo de pesquisa, em que aquilo que é vivido é decantado e cuidado em um exercício de corpo e pensamento.

Com relação à permanência e à percepção dos usuários neste espaço, pode-se dizer que esta se configurou uma boa surpresa. Durante o desenrolar do grupo, pudemos vivenciar a participação de usuários com os mais diversos diagnósticos e perfis, assim como a presença esporádica de pessoas que, em crise, ocupavam os leitos de internação do CAPS – nestes casos, o cuidado e a atenção dos profissionais facilitadores se tornavam ainda mais necessários, mantendo um espaço de apoio direto àqueles que demandavam um acompanhamento mais próximo.

De todo modo, acredito que o próprio grupo foi se tornando operador deste acolher e cuidar de quem chega, pois, ao longo dos dois anos deste trabalho, cerca de 40 usuários passaram pelo grupo, mantendo um número médio de 12 participantes por encontro, sendo que em torno de dez usuários mantinham uma regularidade quase que semanal, ou seja, mesmo não sendo um grupo fechado com exigência de uma frequência, foi se configurando um grupo razoavelmente fixo, com alguns participantes assíduos. Há, portanto, um grupo que dá continuidade ao trabalho e que vivencia a prática como um processo.

Nesse processo, os usuários mais assíduos acabavam participando do manejo e dos contornos nos poucos casos em que algum usuário em crise ou mais desestabilizado precisou de uma continência maior. Tais situações nunca foram consideradas intercorrências neste grupo, pois, por seu caráter experimental, as situações novas e adversas eram manejadas e cuidadas, dando liberdade aos participantes de intervir e compor nesse cuidado ou mesmo pelo fato da participação no grupo ser opcional para aqueles que queriam estar presentes, com possibilidade de deixar a atividade a qualquer momento, ficando a critério de cada um a permanência na atividade.

Sendo assim, o que percebemos, naquele momento, foram a abertura e o acolhimento dos participantes em criar juntos uma proposta, dando-lhe sua forma e seus contornos. Mantendo suas bordas permeáveis para as variantes possíveis e mantendo, também, o corpo aberto para uma pesquisa. Uma pesquisa em gestos, formas de corpo, formas de expressão, formas de encontros e composições. Esta, portanto, é uma experiência que se

fez junto a partir da entrega de cada participante e da abertura de um espaço do CAPS no CAPS.

PRIMEIRO MOVIMENTO: DESENHAR GESTOS ENTRE MUNDOS



* Foto de usuários no CAPS Toninho – Arquivo Pessoal

“...eu lembro daquilo das meninas da higiene tentando expiar, dos usuários na janela tentando ver o que rolava, eu lembro de a gente passar pelo corredor na correria atrás das coisas, tãrãrã, e ouvir a música lá dentro e aí dizer “nossa parece que lá dentro é uma bolha, assim, que tem alguma coisa ali que está num outro ritmo, num outro movimento do que está rolando aqui fora, sabe?”
(Diana, TO, entrevista realizada em 24/11/2013).

Linhas de um fazer entre corpos

*“O delírio está no fundo do bom senso, razão pela qual
o bom senso é sempre segundo”*
(DELEUZE, 1988 p. 363 *apud* FONSECA *et. al.* 2005).

A partir do contexto do processo de pesquisa descrito, tentarei dar visibilidade a um modo ativo de produção de cuidado em saúde por meio da dança, considerando que esta pode levar corpos desencarnados na vivência da loucura a constituírem territórios de sustentação, a partir da experimentação de novas forma/corpo, outros afetos e outras possibilidades de encontros entre os corpos.

Desta forma, aproximamo-nos do projeto ético-estético-político da Saúde Coletiva, que se propõe a rever práticas, estratégias e políticas de produção de saúde, compreendendo que as mudanças na forma de se produzir saúde passam também pelo próprio entendimento de quais são as ferramentas de produção de cuidado (MERHY, 2009).

Para tanto, lancei-me a campo com o respaldo do referencial da pesquisa qualitativa e participativa, de caráter pesquisa-intervenção, com ênfase no método cartográfico. De acordo com Kastrup (2009), a cartografia é proposta por Gilles Deleuze e Félix Guatarri para o estudo da dimensão processual da subjetividade e de seu processo de produção, que requer a habitação do território investigativo e a implicação do pesquisador no trabalho de campo. Desta forma, pode-se dizer que o método cartográfico não tem, como objetivo, definir um conjunto de regras abstratas acerca dos procedimentos a serem empregados na pesquisa, nem mesmo estabelecer um caminho linear para atingir um fim; ao contrario, trata-se de acompanhar o processo cunhando matérias de expressão e criação de sentidos.

A imersão na pesquisa só pôde ocorrer no tempo da própria imersão no processo

proposto: a investigação das Fronteiras¹⁶ dos corpos em criação, como impulso à necessidade de inventar formas de expressão para aquilo que o corpo escuta da realidade enquanto campo de forças (ROLNIK,1989), considerando as formas criadas como “secreções do corpo”, Rolnik (2005). Trazendo à tona os territórios intensivos criados. Desenhando os acontecimentos do grupo de dança como se dá a experimentação da própria dança: lançar-se nos limites do corpo, tateando fluxos e territórios no campo das micropercepções. Assim como Rolnik nos fala sobre a prática do cartógrafo:

Ele se utiliza de um “composto híbrido”, feito do seu olho, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu corpo vibrátil, pois o que quer é aprender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estacando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido (ROLNIK, 1989, p. 68).

Com este intuito, utilizo algumas ferramentas e instrumentos facilitadores da construção do texto/memória/dança, como registros destes acontecimentos. Traremos os relatos dos caminhos trilhados pelo grupo nas ações de dança, como narrativas compostas pelas diversas vozes que experimentaram a imersão no grupo em diversos recortes de tempo. Sendo que, também aqui, profissionais e usuários falam do mesmo lugar: o campo de afetações produzido na dinâmica dos encontros entre seus corpos.

Desta forma, as narrativas surgem a partir de relatos, imagens, sensações, pensamentos, sentidos e percepções suscitadas ao longo do trabalho/dança e que agora compõem cada “corpo-memória” (GROTOWSKY *apud* FERRACINI, 2013). São histórias, cenas, imagens, sensações, flashes, que, quando retomados, atualizam forças na memória-corpo (FERRACINI, 2013) ou descrevem memórias-experiências.

¹⁶ Sobre Fronteira, cito Ferracini: “Fronteira não é linha. Nem demarcação meramente espacial ou temporal entre dois pontos ou territórios. Não é uma marca de delimitação. Em realidade é também... mas não é, absolutamente, esse o sentido comum–senso-comum-que interessa. Espaço-entre, in-between, MA (TADASHI ENDO), Entre-mundo (BHABHA), Indiscernibilidade (DELEUZE), esses são os outros nomes de fronteira que interessam, pois eles não são apenas nomes, mas estados-de-vida-em-aberto-e-em-potência. Um espaço, um território de fronteira, é, por excelência, um território de devir” (FERRACINI, 2007, p. 2).

Aqui, com a ajuda de Leonardelli (2012) e Ferracini (2013), baseados nas ideias de Bérghson e Deleuze, entendemos memória não mais como acúmulo de lembranças, mas como processo em recriação infinita; assim, não tratamos de memórias como passado acumulado, mas como atualização de virtualidades, em que passado e presente se coacumulam em reconfigurações contínuas, ou seja, recriam-se continuamente a cada atualização, a cada encontro, a cada afeto, constituindo o corpo do presente. Nas palavras de Ferracini: “virtualidades potentes e presentes em um corpo-agora” (FERRACINI, 2013, p. 81). Desta forma, considero este trabalho um processo de decantação de memórias a-subjetivas, num exercício de de-subjetivação imprescindível para que se possam arrancar de cada memória pessoal fluxos de intensidades, afetos, forças, territórios de potência.

Neste ponto, apoiados pela concepção de Spinoza (2009) de potência como algo que se estabelece entre, no processo, na relação e nunca no corpo, o que consideramos potência pode ser também entendido como estratégia de produção de comum (PELBART, 2003), posto que o comum pode ser visto como virtualidade que se atualiza no encontro. Se cada encontro é possibilidade de criação de outros mundos possíveis, podemos concluir que dar visibilidade a territórios de potência criativa pode significar, também, dar visibilidade a estratégias de produção de saúde como produção de encontros aumentativos de potência ou encontros que produzam vida ou aumentem a potência da vida. Vida em sentido intensivo, como forma de vida. Aumento da potencia da vida como criação e composição.

Assim como o cartógrafo, que tem, como perfil, antes de qualquer ferramenta, um tipo de sensibilidade (ROLNIK, 1989), lançamo-nos à experiência da pesquisa, buscando entender os movimentos do território intensivo em que esta se implica, sem a preocupação de explicar ou revelar verdades. A preocupação é, sobretudo, sustentar uma ética da pesquisa como quem sustenta a vida em seu movimento de expansão (ROLNIK 1989).

É com tal sensibilidade e com esse princípio ético que me propus a entrevistar os trabalhadores e usuários que participaram do grupo de dança, além de revisitar os registros do *Diário de Bordo* e do *Diário de Implicação*, criados durante a prática do grupo, como

elementos fundamentais para a escrita do texto. Para ser mais precisa, é com esse desafio que me abro à troca e à escuta como quem abre o corpo ao movimento no ato de dançar. Estado de escuta que, além de atenção, exige um gesto de desestabilização, de quebra, de desconstrução de expectativas e verdades. Troca que exige gestos de interrupção para que se possa deixar algo acontecer (MOTA LIMA, 2012).

O objetivo deste decantar das experiências do grupo de dança é desconstruir, reconstruir e gerar territórios de experimentação que permitam a construção de “um conhecimento que se faça nos corpos, com corpos e como criação de corpos” (FABIÃO, 2010). Experimentação singular que se inscreve no campo da experiência de si como cuidado de si (FOUCAULT, 2004), prática do sujeito que se constrói, que é modificável e que se relaciona a partir da ação ética no mundo como elaboração de uma estética da existência (GROS, 2006).

Trabalho que se enreda como costura das muitas teias de afetos que envolvem um memorar-corpo. Renda delicada, cheia de nós e recortes. É nela que cada um, a seu modo, narra uma dança que interfere no todo, interfere na composição. Produz estados de corpo presente em ato de memorar afetos e rodopios e saltos e...

“Os exercícios, a dança, no caso a dança, né? A dança. A dança era muito bacana, ponhava as músicas pra gente dançar e tal, era super bacana. A gente só acompanhava os movimentos, fazia então, a gente acompanhava. Aquilo era muito... Todo mundo, acho que era quarta, tinha. Eu não estou lembrado direito o que é que é, mas eu participava. Era das dez às onze horas. Participava, era super bacana. Era legal. Eu me sentia muito bem, muito bem. Eu acostumei. A gente... tudo é um costume, né? Eu comecei dançando ali com você, aí eu fui acostumando, sabe? Aí eu acostumei, eu acostumei. Eu acostumei naquele ritmo, naquela dança. Aquele mesmo, não era todo dia, todas as quintas-feiras, acho que era, então eu acostumei com aquele jogo de cintura, de ir pra lá e pra cá. É uma coisa que a gente não faz, né? Eu nunca fiz. Eu gostava. Achava bacana. Eu fui aprendendo. Entrei, gostei, fui aprendendo, aprendendo, com eles, dançando. Com as pessoas que participavam, né?” (João, usuário, entrevista realizada em 06/12/2013).

Perturbar as borda

“[...] a relação que se estabelece entre os termos que se intercedem é de interferência, de intervenção através do atravessamento desestabilizador de um domínio qualquer (disciplinar, conceitual, artístico, sócio-político, etc.) Sobre outro. [...] A relação de intercessão é uma relação de perturbação, e não de troca de conteúdos. Embarca-se na onda, ou aproveita-se a potência de diferir do outro para expressar sua própria diferença. (DELEUZE, 1992, p.153).

Ao sugerir uma interferência entre dança e clínica como potência para a criação de outros estados composicionais, busco criar fluxos móveis, flexíveis, perturbadores e instáveis. Fluxos mutantes em novas contorções criativas a cada cristalização e a cada ruptura, sem expectativas de construção de uma “Forma” ou “Modelo” para produzir um corpo aberto ou um tipo de intervenção ideal, mas como estados criativos suscitados em uma prática híbrida.

Encontro entre. Intercessor. Afirmação de diferenças. Composição entre os diferentes modos de diferenciar-se em ato. Contato com o outro para ir além de mim e do outro. Tornar-se outro, diferenciando-se em composição, gerando campos de tensão e fluxo que permitam à clínica se inscrever no campo da dança e a dança se inscrever no campo da clínica, pois tratamos, aqui, de uma mesma coisa na dança ou na clínica do cuidado da loucura: a criação de acontecimentos que coloquem afetos em movimento nos corpos.

Intensificação de si (GROS, 2006), inquietude de si, atravessamento de diferenças, invenção de si, provocação, turbulência, composição, decomposição. São nomes possíveis para estes estados experimentados. Territórios em construção em um trajeto de trocas intensivas em que se pretende traçar um mapa de possibilidades desta intervenção híbrida. Zona de contágio em constante mutação.

Desterritorialização dos modos de acomodar saberes pautados nas técnicas e em modelos ideais de ser/estar nas relações de cuidado em Saúde. Para Deleuze e Guattari (1996), traça-se uma linha de fuga quando se faz uma ruptura, mas nela se podem encontrar

elementos que reordenam o conjunto e reconstituem o território.

Dança e clínica como dispositivos de agenciamentos de multiplicidades, meios para criar e viver o mundo. Criação a partir dos confrontos com os limites da vida. Artes de inventar a si e o vivido.

Assim, muitos deslocamentos podem ser impressos no mapa de virtualidades da pesquisa: os limites ampliados da clínica, no exercício de aumento da porosidade dos corpos terapeutas/usuários; a criação de novos territórios subjetivos e a sustentação de outras práticas de vida em cada corpo.

Merhy nos traz uma pista de como processos intercessores podem se dar nos encontros no trabalho em Saúde

[...] designar o espaço de relação que se produz no encontro de "sujeitos", isto é, nas suas intercessões e que é um lugar de construção de processos e produtos que existem para os "dois" em ato, não tendo existência sem este momento em fluxo, no qual os "inter" se colocam como "entre instituintes" em busca de um processo de instituição, muito próprio, de um sujeito coletivo novo que se forma ali em ato no encontro (MERHY, 2009, p. 28).

É assim, deste ponto de indiscernibilidade entre campos de experimentação e prática, que rastreamos os efeitos deste processo. É a partir deste contágio que nos colocamos à espreita do que pode surgir como secreções (ROLNIK, 1998) da experiência grupo de dança e da experiência pesquisa.

Deixar delirarem as coisas, os modos, subverter regimes (FONSECA *et al.* 2010). Habitar a fronteira e caminhar pelo meio. Desandar. Desviar. Investir na deriva e deixar-se ir.

Conforme Deleuze e Guatari

É que o meio não é media; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. **Entre** as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma parte para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE E GUATARRI, 1995, p. 37).

Procedimentos do delirar

“Os registros deste dia se resumem a data no cabeçalho da folha e a uma lista de 7 nomes de participantes no verso da mesma folha. Um espaço que ficou em branco, em estado de espera, algo que quis acontecer e deixou em aberto um campo de possibilidades para serem imaginadas ou (re)criadas deste encontro. Esta é também a última desta sequência de registros. Certamente não a última desta sequência de encontros mas a última deste espaço/tempo apreendido palavras. Apreendido em apenas algumas poucas de suas qualidades mas que, pela grandeza do acontecimento precisou marcar nestas linhas a vontade de dar visibilidade a um campo de forças que se coloca em movimento nestes encontros e que tem como força motriz a necessidade de composição. Fechar esta parte do trabalho de registros com uma folha em branco é significativo e vai também ao encontro daquilo que se desejava desde o início desta prática: abrir caminhos, abrir fendas por onde inventar, abrir brechas para ver e sentir, abrir espaço para estar junto e inventar... Abrir passagens! Sendo assim, (mesmo sem ter sido proposital) a página em branco vem reiterar este convite e esta vontade. Atualiza-se assim a necessidade de buscar parceiros para escrever ou traduzir esta página. Atualiza-se assim o lugar de onde partimos: a vontade de fazer. Mesmo sem saber como, quando ou porque. Um começo possível tem sempre uma página em branco.”

(Trecho do Diário de Implicação, retirado do dia 10/02/2012).

Aqui esboço as estratégias do “ir a campo” com o cuidado de dar o contorno necessário para que o campo se delinieie, mantendo abertas também as brechas necessárias para que uma cartografia se crie nas tensões da experiência. Salientamos que tais ferramentas são utilizadas sem o endurecimento ou a pretensão de transformar essas estratégias em procedimentos rígidos, que pouco acompanhem as mutações sensíveis do presente. Pelo contrário, nossa proposta com estes instrumentos foi tornar apreensíveis tais mutações, participando, quem sabe, da abertura de possíveis na existência individual e coletiva, como nos sugere Rolnik (2010).

Dito isto, detalharei os três dispositivos de fazer ver, fazer falar e fazer dançar o campo na pesquisa.

Entre vistas, pistas e prosas

“Eu lembro que era umas atividades pra melhoramento, eram atividade que todo mundo participava, que tinha que por o tapete no chão, aí a gente deitava, fazia ginástica, relaxava. Era muito bom, muito legal, eu gostava. Ah, tinha um rádio também que tocava as músicas, nós dançava também. Era super legal.

Acho que eu participei uns três, quatro mês, mais ou menos, eu acho. Ah, eu participando, quando eu participei, eu gostava muito porque era uma atividade diferente, que a gente é, tipo assim, gostava de participar, porque fazia um relaxamento, fazia uma coisa que a gente, uma coisa diferente, mexia com a mente...

Era do tapete, e nós dançava no meio do salão assim. Aí vocês mandavam dançar, mexer com as mão, com o braço, tudo quanto é tipo de dança. A gente dançava, a música no rádio lá, nós dançava. E era super legal.

[...]é uma atividade diferente, uma atividade que a gente se adaptava mais, é uma atividade que... diferente das outras, uma atividade aberta, aberta para todo mundo participar.

Porque eu sentia relaxado, sentia uma pessoa adaptada, fazer aquilo, gostávamos muito, muito, porque... É... Como se diz? Era uma coisa gostosa de se fazer, uma coisa de relaxamento”.

(Marcos, usuário, entrevista realizada em 06/12/2013).

Propus-me a fazer entrevistas semi estruturadas individuais com os participantes do grupo de dança e expressão corporal – o trecho citado acima é parte de uma das entrevistas realizadas com um usuário participante do grupo. Foram convidados a participar todos os sujeitos que experimentaram aqueles encontros: falamos, portanto, de usuários do CAPS, bem como alguns profissionais e estagiários que, ao longo do processo, fizeram parte da intervenção/grupo de dança, seja como participante, seja como co-condutor.

Além disso, durante a fase de entrevistas, também foram convidados outros profissionais do CAPS, que não participaram diretamente do grupo, mas que estiveram presentes no serviço durante nossos encontros e, que de alguma forma, vivenciaram a experiência do grupo, estando de fora, ajudando a preparar o ambiente para esta prática ou apenas ouvindo e observando os usuários antes e depois dos encontros. Nestas condições, foram entrevistadas três trabalhadoras de apoio que cuidam da higiene do CAPS e que

prontamente aceitaram meu convite, abordando, com propriedade, o que perceberam e sentiram durante aqueles dias.

Tais entrevistas tiveram o áudio gravado e depois transcrito, sendo que todas elas foram conduzidas pela própria pesquisadora.

A guia condutora nestas conversas são perguntas disparadoras remetidas à memória dos participantes, pois, como disse anteriormente, é aquilo que a memória intensiva cria (ou re-cria), que reside nosso interesse. É nesse vão que pretendemos nos situar buscando o pulso das histórias, das sensações, das imagens, das saudades e da matéria inventada pela formulação do que cabe (ou não) no verbo.

Esboçamos, então, passos de improviso no decorrer de cada conversa, esforçando-nos em abrir possibilidades e descobrir a melodia de cada momento. Sendo assim, as questões disparadoras ganhavam variações de acordo com o decorrer de cada encontro. Instauramos, desta forma, um “método” de condução que levava em conta o acaso de cada dia, de modo que o roteiro inicial desse o tom a cada conversa, mas permitisse que outros tons se sucedessem, dando curso ao improviso, às vibrações. Novos passos nessa dança de improvisação no contato com a memória inventiva, sendo que, nessa dança, tentamos pulverizar certezas e desbancar regras de seguir as trilhas das evidências. Tateamos o desvio e o desacerto do caminho.

Apresento, no desenrolar do texto, cenas dessas conversas. Recortes de tempo sobre o tempo. Instalações de memorar corpo. Intentando trazer à cena aquilo que escapa à fala. O que está nas reticências, no sorriso no canto dos lábios, no gaguejar, na pausa. Sem explicações ou interpretações. Apenas registros. Rabiscos. Ecos. Intenções. Intensidades.

É o que se configurou como um dos modos de acessar o invisível e indizível dos quais nos utilizaremos para forjar narrativas. “Produzimos narrativas a partir de memórias intensivas, do registro afetivo daquele algo que se passou no acontecimento. E este, surgirá nos recortes dos fluxos, naqueles episódios nos quais emerge o desvio, o estranho” (OLIVEIRA, 2009 p.173).

A entrevista realizada com Alice, participante do grupo durante seu período de estágio no CAPS, explicita alguns lugares deste não saber nomear ou de quando as palavras faltam ou quando o verbo não comporta o que se quer dizer ou quando a memória cria sensações.

“ [...]

Entrevistadora: *Você se lembra do que vocês faziam... o que se fazia nesse grupo? Tanto das atividades, quanto das propostas mesmo, muito tranquilamente. O que vier a sua cabeça.*

Alice: *Uhum... Lembro que... tinham desde atividades que eram mais... de alongamento, dum contato com o corpo, tinham algum... em alguns dias, vocês faziam relaxamento no colchão, utilizavam bola, do contato de um com o outro, e em algumas atividades muito com a música, de sentir o ritmo, de sentir a pulsação, de... eu não lembro exatamente, fico um pouco com a sensação assim, mas não lembro exatamente o que acontecia. E muito de, de na entrada ter um contrato claro com eles. Quem fosse sair, então não voltaria mais, então se o grupo comesse, não voltaria. Acho que isso ficava muito claro, né, e consistente pra eles.*

E... Que mais? Deixa eu ver?

Mas das atividades lembro muito dessas que usavam colchonete, que eram de relaxamento, sempre com a música presente, principalmente nas atividades que mexiam mais com o corpo.

Entrevistadora: *E você participava do grupo como? Como era pra você? O que você fazia no grupo?*

Alice: *Acho que eu ia como... uma participante. Acho não... acho que ia no sentido de observar, acho que... a minha função no CAPS, até nesse estágio, era muito de observar, como é que era o CAPS, como que comunicava com a rede, né? E aí no grupo acho que eu tinha função de observar e de participar, acho que assim como os usuários, ou dar apoio em alguma coisa. Mas eu estava muito ali pra viver as atividades assim como eles também, né?*

É, acho que essa era uma questão no estágio que não tinha um lugar assim muito certo. Eu tinha que viver aquele lugar. O que acontecia... E acompanhar as atividades nesse sentido, mas não tinha, acho que uma função de co-facilitar ou coisa assim. Participar da atividade.

Entrevistadora: *Mas como participante, então, você conseguiria me dizer assim o que você... Me interessa muito inclusive sua sensação, pode ser por esse registro. Você conseguiria me dizer algumas coisas que você fazia ou como você se sentia fazendo, enfim, o que vier mais dessa ordem da sensação mesmo.*

Alice: *É estranho né? Foi numa fase de muitas definições, eu estava prestando uma residência, de fazer escolhas, sabe? Então, acho que aquele contato com o corpo e com aqueles usuários de uma outra forma, me permitiu acho que até fazer escolhas mesmo: “Acho que quero passar pela rede de Campinas, quero ter outras*

possibilidades”, mas... foi um estágio que no geral me angustiava, estar no ambiente de um CAPS III, acho que num momento do grupo, eu via outras possibilidades, eu via vida, e aí acho que aquilo me deixava mais tranquila naquele momento.

E foi um estágio, que no geral, me angustiava muito assim [pausa longa] assim, até acho que levei pras discussões que tinha em São Carlos, na UFSCAR, tudo mais, de não me identificar muito com a clínica mesmo e ali eu vi a vida. E ali eu conseguia pensar de uma outra forma e foi até o que ajudou naqueles 4 meses ali que eu fiquei.. Era... era... angustiante pra mim estar naquele ambiente... De ver muitas perdas, de ver muita passividade, ali eu vi uma outra forma, de cuidado. E aquilo me aproximou um pouco mais, me deixava um pouco mais tranquila. Acho que foi um primeiro contato com a clínica e como estava acostumada, sei lá, com atenção básica, de lidar muito com saúde, com vida, me assustava um pouco, assim, me via muito com limites naquela clínica. “O que eu poderia pensar aqui?”. E ali era o espaço que eu vi a vida pulsando. Que via, né, que... Era muito nítido isso, eu via as pessoas de uma forma diferente. Não lembro exatamente o que, mas lembro que na época muita coisa me percorria assim...

Entrevistadora: Tem alguma cena, assim... você falou que se lembra dos usuários, até dessa coisa de você ver a vida, que ali tinha uma outra pulsação de vida, né? Então... alguma cena, alguma imagem, alguma história, algum evento dessa experiência que te vem agora à memória, mesmo que seja uma situação pontual, enfim, mesmo que seja da ordem da sensação e tal... há alguma cena que você possa descrever?

Alice: De uma cena assim não vou lembrar exatamente, de uma cena assim... mas eu lembro de, acho que... dos usuários, das pessoas correndo assim na sala, não consigo descrever a sensação, assim...

Entrevistadora: Pode usar outras imagens, pode usar o que você quiser.

Alice: Tá. Mas vem muito a sensação da música, de uma coisa forte, das pessoas circulando, fazendo... [pausa e sorriso]... dos olhares, acho que de andar e dos olhares, de...

Entrevistadora: Como eram esses olhares, você conseguiria me dizer em palavras?

Alice: Presentes! Não sei... estavam ali, naquele momento estavam ali. Batia o olho e via, não sei... nem sei assim falar da clínica ou disso, mas me trazia uma sensação de que algo estava pulsando.

Mas não... acho que é isso, estou numa sensação que... é muito distante que não me vem cena, vem alguns flashes mesmo...

Entrevistadora: Então as pessoas correndo... tem mais algum ou..?

Alice: Os colchonetes, assim, me vem cenas, mas não... sabe, recortes... momento de chegada, de alongamento, o cuidado com que isso era feito...

[...]” (Entrevista realizada em 11/11/2013).

Nesta entrevista transposta na íntegra, Alice aborda vários aspectos que nos são caros na construção deste registro/pesquisa: as sensações que são mais fortes que as “lembranças”, as impressões que são da ordem do fluxo do movimento, da força, do afeto e um certo lugar inominável daquilo que se faz e se produz naquele espaço. Trago estes trechos como registros intensivos, compondo com eles, como motores do pensamento, para o desenrolar da discussão no texto.

Entre ditos e escritos: diários inventados

Abordarei composições de muitos tempos, diversas vozes em ensaios escritos e dançados. São diários no plural por se tratar de várias linhas, ou frequências, de registros escritos neste percurso.

Uma primeira linha se dá em um tempo passado, durante a realização das atividades do grupo de dança no CAPS entre 2009 e 2011. Neste momento, após a prática física de cada encontro, os presentes se dispunham a conversar sobre o vivido naquele aqui/agora e, em certa altura desse processo, adotavam, então, a prática da escrita livre de cada um dos participantes, em um caderno de uso coletivo nomeado pelo grupo de *Diário de bordo*. Esta escrita se fazia em pequenos trechos, frases e até palavras, não sendo obrigatória nem a publicização, nem a própria escrita. A cada encontro, disponibilizava-se este *Diário de bordo*, e os presentes optavam por escrever ou não suas impressões, inquietações, imagens, memórias e sensações suscitadas naquele encontro.

Muitas vezes, tais palavras foram ditadas para que um outro as escrevesse, pois nem sempre as mãos ali presentes dominavam a escrita. Outras vezes, apareceram desenhos e grafias que escapam da escrita formal, mas que, naquele contexto, expressavam algo que

precisava estar registrado neste instrumento coletivo de dar visibilidade a intensidades.

Apresento, a seguir, algumas passagens do *Diário de Bordo* transcritas na íntegra e nas quais se podem visualizar diversas formas de expressar aquilo que povoou cada corpo após a prática do grupo. Esses pequenos fragmentos de memórias, sensações, percepções, sentimentos e afetos são a materialidade com as quais construo essa teia de vivências e ressonâncias de vida.

“Pensei dançar.” (Pedro, usuário, trecho retirado do dia 18/09/2009).

“Adorei corporal” (José, usuário, trecho retirado do dia 18/09/2009).

“Eu gostei da convivência de todos e a alegria de entre amigos e companhia” (Samuel, usuária, trecho retirado do dia 09/10/2010).

“Eu consegui perceber melhor o meu corpo, mesmo com toda dor e fraqueza existente” (Daiana, usuária, trecho do dia 23/10/2009).

“Aurélio gosto muito de voze BNiBAdu” (Aurélio, usuário, trecho do dia 27/11/2009).

Uma segunda linha se dá em muitos tempos e diz respeito aos registros da pesquisadora ao longo do trajeto na prática semanal deste trabalho no CAPS, quando esta pesquisa ainda não se configurava uma pesquisa de mestrado, mas, sim, uma implicação/investigação profissional; por esse motivo, chamei este instrumento de *Diário de Implicação*.

Estão impressas ali notas sobre os exercícios propostos. Dinâmicas propostas a cada encontro. Movimentos do grupo. Inquietações. Encantamentos. Vontades. São notas de corpo-memória-agora carregadas de intensidade e afetos. Em alguns momentos, os registros neste diário foram feitos a partir da troca de impressões entre a pesquisadora e as parcerias profissionais que, ao longo do trajeto, estiveram presentes como participantes ou como co-condutoras.

O trecho que segue abaixo traz alguns destes diversos modos de registrar as ações e afetações da pesquisadora durante a prática do grupo:

“Exercícios propostos:

- *Alongamento (boa adesão e participação)*
- *Exercícios de lateralidade com e sem deslocamento (bom desenvolvimento da proposta com muitas dificuldades no deslocamento)*
- *Em duplas: exercícios de peso e contra peso (muita dificuldade mas bom entendimento). Contato entre os corpos mais valorizado e mais próximo (Vimos confiança e cuidado)*

A expressão livre é intensa, o som é maracatu. A princípio todos tentam repetir e manter os exercícios de lateralidade do aquecimento, mas depois partem para a livre expressão conduzidos pela música.

Vejo muitas brincadeiras e corridas apesar do cansaço físico.

Notas de memória:

Lembro bem deste dia. Alguém falava do batuque como algo forte que batia dentro do coração. Muitos tentavam saltar e correr. Parecia que o chão estava quente e todos tentávamos repicar em saltos e contorções. Muito contagiante e forte. Todos acabamos ofegantes e suados.

Durante a roda de conversa alguém fala do estado de esgotamento e alegria daquele instante” (Diário de Implicação do dia 18/06/2010).

A primeira parte do registro acima foi feita pelas duas condutoras presentes naquele dia – normalmente este registro acontecia imediatamente após a prática e são resumos das atividades propostas e do andamento geral do grupo. Esta primeira parte se fez quase sempre às pressas ou mediante a correria do dia a dia do CAPS que, muitas vezes, não permitia ater-se à delicadeza do que sucedeu no encontro. São registros furtivos. Corridos. Extremamente simples e muito marcados por uma necessidade de sistematizar algo do que se propunha enquanto atividades.

A segunda parte, ou o que é nomeado *notas de memória*, é um registro feito apenas pela pesquisadora em momento posterior à prática do grupo. Muitas vezes, este registro se deu alguns dias após a prática e se fez a partir da necessidade de uma escrita pessoal, um diário particular para expressar o que reverberava do encontro/dança. Um registro afetivo implicado. Uma maneira de exprimir algo que ainda não estava dito e que pedia passagem como registros da intensidade do vivido.

Utilizo esses registros (diários) como guias que acompanham um processo

esboçando texturas, sonoridades e timbres do que agora se atualiza como uma experiência que não se esgota. Uma vivência.

Nas palavras de Gadamer (2005, p.113), “o modo de ser da vivência é tão determinado que não se esgota”. Para esse autor, uma vivência significa algo inesquecível e insubstituível, basicamente inesgotável para a compreensão de seu significado. Algo que implica um longo processo de elaboração e é justamente isto que a define como tal e não somente o conteúdo experimentado.

Falamos, portanto, de secreções, vestígios, rastros, impregnações e memórias decantadas.

Sendo assim, deixo que essas guias nos conduzam pelos vestígios da vivência, fazendo-as contar alguns instantâneos apreendidos e dilatados, permitindo que o sensível se envolva com o conhecer em um entrelaçamento de idéias e ações.

Segundo Fonseca, pesquisamos aquilo que nos convoca e atormenta e nos tornamos cúmplices de suas audácias e desatinos (FONSECA *et. al* , 2010). Convido, portanto, cada leitor para ser também cúmplice neste contágio de endoidar verbos nas falas misturadas em nossas linhas discursivas narradas, contadas, inventadas, transcritas e precariamente incorporadas nesta dissertação.

Narrativando danças: uma escrita infame

"No osso da fala dos loucos têm lírios"
Manoel de Barros

"O corpo "ah! tá duro" e a alma "ah! tá dura"
(Mario, usuário, trecho do Diário de Bordo do 02/10/2009).

Lembrar eu lembro, né, mas, eu não me lembro mais que jeito que era, o jeito que era feito, o jeito que era isso, que era aquilo, ou que era formado, que era prescrito, que era... tá gravando isso, né?

O que era, o jeito que era, o jeito que é mais, o jeito que vai ser, o jeito que pode acontecer, o jeito que pode, o jeito que não tinha um problema.

Tem o diabete também, deu diabete em mim e tudo mais, foi uma doença que eu peguei também. Não sei, não é portanto, por isso não, mas eu acho que, não sei, pelo meu tempo de CAPS também, pelos meus dez anos de CAPS, sendo paciente, certo?

Não participei?

Participei, então.

Lembro da rodinha e tal. Das bolinhas, dos colchonetes e tal, dos colchonetes e tal, lembro das coisas, mas faz muito tempo que eu não coisa mais do que isso, né?

Eu não me lembro mais.

Bruna, não lembro muita coisa. Faz muito tempo. Não lembro muita coisa.

Eu gostava. Eu gostava muito.

Gostava, não, eu gosto.

Porque... Porque era importante pra mim.

Era minha participação, né? Minha participação nesse grupo

Não. Não, não. Não lembro. Não me lembro nada, não. Que eu consigo esquecer, não. Então.

Eu não sei muita coisa, viu, Bruna.

Faço. Faço ateliê, ateliê na segunda-feira, faço é... faço é... como é que chama?

Faço, faço é... faço é... grupo de esporte na sexta, que é hoje. Grupo de esporte.

Faço, faço grupo de escrita na quarta-feira, faço tudo isso.

Gostar, eu gosto. Não é que eu gosto, né? Tem outra coisa também, eu trabalho aí, tenho um salário e tal.

A diferença era que, as pessoa, era com você e com a, uma coisa lá, como é que chama? A Elise, né? Com a Elise e lá e tal, e a gente fazia o grupo lá. Eu espero que esse grupo volte de novo

Eu queria que voltasse.

Espero de coração que volte esse grupo. Porque eu gosto, eu gostava, adorava fazer.

Eu não sei. Eu não sei. Talvez eu me sentia feliz, talvez eu me sentia...

Bom Bruna, acho que tomou meu tempo, eu tenho que tomar medicação, certo?"

(Wagner, usuário, entrevista realizada em 06/12/2013).

Foucault, em um trabalho muito delicado denominado “*A vida dos homens infames*¹⁷”, aborda a narrativa fragmentária da existência de homens anônimos, assim como tantos vestígios daquilo que nomeia “a tomada do poder sobre o ordinário da vida” (FOUCAULT, 2003, p. 207). Nesse trabalho, o autor se surpreende com a força desses

¹⁷ FOUCAULT, M. “*A vida dos homens infames*” in *Ditos e Escritos IV. Estratégia, Poder – Saber*. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2003

fragmentos dos quais ele destaca tanto a extrema violência quanto o caráter poético com que se apresentam, sublinhando, a partir deles, como o detalhamento ínfimo e as estratégias de poder se enlaçam ou como as formas de controle daquilo que pode e deve ser dito, pode e deve ser escrito, pode e deve ser usado como conhecimento do outro, são cunhadas na maneira de narrar a vida ou o discurso do outro.

Tais recortes dessas vidas ínfimas são apresentados a partir de histórias do dia-a-dia, com ênfase nos raros acontecimentos e naquilo que é a marca de cada uma dessas existências. Aquilo que as torna comuns e, justamente por isso, poéticas.

São registros dessas vidas em suas errâncias os arquivos investigados por Foucault. São trechos marcados ainda por um outro modo de traduzir a vida alheia. São modos de um tempo em que as estratégias de saber – poder sobre o corpo do outro – estão menos densas e incorporadas, permitindo variações e invenções neste modo de narrar.

No contexto descrito pelo autor, as vidas são traduzidas em suas poéticas por serem descritas, narradas, contadas sem protocolos. Sem convenções. Sem filtros dos saberes/poderes científicos, médicos, acadêmicos, históricos. Relatos que são feitos a partir do disparate e da infâmia de cada vida.

Nas palavras do próprio Foucault:

Dia virá em que todo esse disparate estará apagado. O poder que se exercerá no nível da vida cotidiana não mais será o de um monarca, próximo ou distante, todo-poderoso e caprichoso, fonte de toda justiça e objeto de não importa qual sedução, a um só tempo princípio político e potência mágica; ele será constituído de uma rede fina, diferenciada, contínua, na qual se alternam instituições diversas da justiça, da polícia, da medicina, da psiquiatria. E o discurso que se formará, então, não terá mais a antiga teatralidade artificial e inábil; ele se desenvolverá em uma linguagem que pretenderá ser a da observação e da neutralidade. O banal se analisará segundo a grelha eficaz mas cinza da administração, do jornalismo e da ciência; exceto se for buscar seus esplendores um pouco mais longe disso, na literatura. (FOUCAULT, 2003, p. 219)

Os infames de Foucault são anônimos de todos os tipos: enraivecidos, desocupados, loucos de toda ordem, baderneiros, arruaceiros, andantes, apaixonados e tantos outros que foram excluídos e trancafiados longe do desconforto de quem os julgava demasiado estranhos e fora da ordem social. São os insanos, os malditos, os mal vistos, os desprezados. Aqueles que, por obra do acaso, em contato com as normas do poder vigente, ganharam algumas linhas que descrevem suas vidas naquilo que as difere e lhes impõe a exclusão. São recortes. Pequenas poéticas de “vidas que são como se não tivessem existido” (IBIDEM, p. 210), que se apresentam nos detalhes sem importância, na obscuridade, naquilo que fica entre o fantástico, o inventado, o grotesco, o assustador e o banal.

São estes recortes de vidas, estas pequenas notas de toda uma existência que Foucault retoma como a expressão de uma poética de vida.

Neste sentido, Foucault descreve

A partir do século XVII, o ocidente viu nascer toda uma “fábula” da vida obscura da qual o fabuloso se viu proscrito. O impossível ou o irrisório cessaram de ser a condição sob a qual se poderia contar o comum. Nasce uma arte da linguagem cuja tarefa não é mais cantar o improvável, mas fazer aparecer o que não aparece – não pode ou não deve aparecer: dizer os últimos graus, e os mais sutis, do real. No momento em que se instaura um dispositivo para forçar a dizer o “ínfimo”, o que não se dizia, o que não merece nenhuma glória, o “infame” portanto, um novo imperativo se forma, o qual vai constituir o que se poderá chamar a ética imanente ao discurso literário do Ocidente: suas funções cerimoniais vão se apagar pouco a pouco; não terá mais como tarefa manifestar de modo sensível o clamor demasiado visível da força, da graça, do heroísmo, da potência; mas ir buscar o que é o mais difícil de perceber, o mais escondido, o mais penoso de dizer e de mostrar, finalmente o mais proibido e o mais escandaloso. Uma espécie de imposição para desalojar a parte mais noturna e mais cotidiana da existência (com o risco de aí descobrir, às vezes, as figuras solenes do destino)[...] (FOUCAULT, 2003, p. 220).

Deste ponto, com a ajuda de Foucault, reitero o intuito de construir narrativas a partir de uma escrita infame. Uma escrita que se além ao que é mais cotidiano, sutil e

singular. O que se dá no plano das singularidades¹⁸, no plano dos acontecimentos. Escrita que aceita perder-se e busca distância das análises e observações práticas dos saberes psicologizantes e patologizantes. Estes mesmos saberes construídos como normas e protocolos de registros sobre a vida do outro. Sobre seus modos e sua conduta. Seus “sintomas”.

Estes modos prontuários. Estes modos questionários. Esses modos inquisitórios. Esses modos analisadores. Esses modos avaliativos e domesticadores, que acabam por cunhar também modos de falar de si. Modos restritos de contar a própria vida. Modos mediados e modulados por saberes específicos de cada campo. Do que se pode ou se deve dizer em cada contexto.

Merhy nomeia de “práticas do agir torturador” (MERHY, 2012)¹⁹ esta modulação do discurso a partir dos saberes de cada área específica no campo da Saúde. Segundo esse autor, tal prática consiste em fazer o sujeito dizer aquilo que se quer ouvir ou aquilo que se espera saber de acordo com as práticas hegemônicas em saúde. Incluem-se, aqui, modos de operar a escuta, filtrados por técnicas que buscam uma finalidade. São modos de resolver, cercear, classificar e analisar o discurso. São modos de ouvir pautados na frequência daquilo que, de antemão, quer-se adivinhar saber.

É como rota de fuga deste lugar do “já sabido”, que agrego ao corpo do texto cada trecho dos diários e entrevistas citados.

Quando nos propomos a cartografar uma experiência, colocamo-nos também no lugar de desmanche daquilo que pensamos conhecer. Traçaremos, assim, expressões envoltas em alegrias e mistérios. Histórias embrulhadas. Superfícies misturadas. Aquilo que tem força no contágio. Aquilo que nos encanta e envereda com assombro ou surpresa, fazendo

¹⁸ Segundo Fonseca, singularidade é o plano dos acontecimentos, superfície dos acontecimentos (FONSECA et al, 2010).

¹⁹ Citação referente a palestra “Grande política: política menor e resistências nas ruas das cidades” proferida no IV Seminário Conexões Deleuze e Política e Resistência e..., realizado na Faculdade de Educação da Unicamp – Campinas, nos dias 29 a 31 de maio de 2012.

composições narrativas em contorções à medida do encantamento que produzem. Dos mundos que revelam. Dos detalhes infames.

Produzir deslizes do eu. Perfurações. Estremecimentos. Esses são alguns dos critérios para a escolha dos recortes que se apresentam aqui. As palavras de Fonseca reforçam aquilo que nos é caro neste exercício de escrita em palavras, gestos e giros.

Nesse intrépido estilo cartográfico, podemos compor as narrativas dos encontros inventados e saborear as delícias de um recomeço tornado origem menor, gênese inventada, sujeito infame. Por meio de inquietações e desconhecimentos, abrimos o corpo para a sua fissura, para aquilo que o torna estranhamento e dúvida. No limite das ausências inventadas, escrevemos ou compomos a descoberta do mundo, perante sua insaciável solidão e ternura. Vamos pensar a poética como a poética do desmedido, daquilo que transborda os sistemas de aceitabilidade e provoca novas intuições que tomam ao corpo de assalto em novas imagens, novos gestos (FONSECA *et. al.*, 2010, p. 175).

SEGUNDO MOVIMENTO: INVENTAR O PROBLEMA



* Foto de usuário no CAPS Toninho – Arquivo pessoal.

“O mero ato de atribuir estatuto de problema de pesquisa a um tema ou problema pode significar uma importante intervenção num campo determinado campo”
(FONSECA *et. al.*, 2010, p. 176)

Variando os tempos

[...] problematizar o balé dos movimentos rotineiros e compreender sua singular aventura de leveza, no lugar de somente imprimir-lhes seus verdadeiros sentidos ocultos nas mínimas minúcias geométricas cotidianas. Nesse ponto, o cotidiano dança diante dos olhos de um transeunte distraído, ao inventar piruetas carregadas de orgia e excentricidade. Ao mesmo tempo, a leveza consiste em fazer o problemático criar novos passos, entrelaçados com ritmos e melodias inventadas. (FONSECA et. al., 2010, p. 18).

*“No relaxamento: O CAPS efervescendo e o grupo em silêncio. Um silêncio paradoxal. Percepções de um outro lugar do CAPS no CAPS”
(Trecho do Diário de Implicação, retirado do dia 27/08/2010).*

Qual é o tempo do encontro? Qual o tempo da dança? Que dança se dança?

São questões que movem mundos e redefinem a maneira como procedemos nesta prática, que é, antes de tudo, coletiva. Que expressa uma coletividade e traz à tona as impregnações dos corpos que estiveram presentes em cada encontro/dança.

O que interessa aqui são a força e a densidade de fazeres em variações, que tem frequências e ritmos outros a cada dia, a cada urgência, a cada recepção, a cada caso, a cada acolhimento, a cada crise, a cada casa, a cada história, a cada encontro. Colocar o contratempo como experiência significativa, como tempo forte, é também redefinir um modo de operar nessa variação. Uma proposição. Assumir a sincopa²⁰ e sustentar a quebra.

Em teoria musical, os tempos são partes do compasso, de acordo com sua maior ou menor acentuação na execução musical, os tempos são chamados fortes ou fracos. O primeiro tempo do compasso é tradicionalmente considerado forte, os demais são considerados fracos.

²⁰ “Síncope (ou Síncopa): é um som articulado sobre o tempo fraco ou parte fraca do tempo e prolongando até o tempo forte do tempo; é a suspensão de um acento normal do compasso pela prolongação de tempo fraco ou parte fraca do tempo para o tempo forte ou parte forte do tempo. A síncope produz o efeito de deslocamento das acentuações naturais. **Caracteriza-se pela desarticulação dos acentos normais do compasso e resulta numa tensão causada pela ausência do acento esperado.**” (MED, 1996 p. 143 [grifo nosso]).

O Contratempo existe quando o acento é deslocado, isto é, quando, em vez de cair em tempo forte ou parte forte de tempo, ele cai em tempo fraco ou parte fraca de tempo. Em outras palavras, na música, o contratempo é caracterizado por notas que são executadas nos tempos fracos do ritmo ou que tem os tempos fortes preenchidos por pausas (MED, 1996).

Tomo emprestada a linguagem musical para marcar um certo estado de suspensão do tempo ou uma percepção de um outro regime do tempo, retomando a idéia de uma experiência que pôde ser vivida como contratempo.

Em muitos momentos, a prática do grupo de dança foi vivenciada pelos corpos presentes como um espaço/tempo alterado, expandido, uma espécie de cadência que foge àquilo que é mais comum ao cotidiano do CAPS. O trecho abaixo, retirado do *Diário de Implicação*, reflete como em alguns momentos a vivência no grupo foi percebida como suspensão e silenciamento perante a dinâmica acelerada.

“Ambas as condutoras estávamos cansadas e era difícil sustentar uma prática mais ativa, por isso optamos pelo relaxamento. O CAPS estava como sempre muito ativo nesta tarde, mas ali, no chão do refeitório, coberto de colchões e corpos esticados, era um outro ritmo. As sonoridades alegres e doces da música compunham muito bem com os ânimos. A sensação era de entrega e pertencimento”(Trecho do Diário de Implicação retirado do dia 20/08/2010).

Não seria impreciso, ainda mantendo a aproximação com notação musical, dizer que, naquele serviço, vivenciamos grandes sequências marcadas por tempos fortes. Há um ritmo de trabalho que, embora seja preenchido por alternâncias de diferentes durações, tem grande acentuação nas frequências rápidas em que, assim como na música em ritmo normal, o primeiro tempo do compasso é forte.

Ritmo “normal” marcado por aquilo que se convencionou como estratégias de tratamento: atendimentos individuais e grupais conduzidos pelas equipes multiprofissionais, compostas convencionalmente por psicólogos, psiquiatras, enfermeiros, técnicos de enfermagem, terapeutas ocupacionais (T.O.), entre outros arranjos possíveis. Além da vasta

gama de intervenções medicamentosas, que é parte considerável da demanda diária dos CAPS e que, em alguns casos, é considerada a mais importante das intervenções no tratamento dos transtornos mentais, em uma lógica em que tratar está apenas centrado em amenizar sintomas, evitar que a loucura brote, manifeste-se, apresente-se também enquanto um tipo de expressão.

Sobre isso, Thomé nos aponta

Eis outra aberração nascida a partir da idéia equivocada de “manutenção da estabilidade” para evitar a internação psiquiátrica. Muitos CAPS trabalham com a idéia de não permitir que sintomas brotem e o usuário “piore”, ou “regrida”, se “desestabilizando”. Há que se questionar que idéia de clínica é essa cuja finalidade maior é não permitir que a crise brote, ou que o sofrimento psíquico se descortine. O sintoma não é mais foco de questionamento clínico. O sintoma passou a ser sinônimo de piora (THOMÉ, 2013, p. 3).

Se, por um lado, o sofrimento psíquico é considerado uma patologia que conduz o sujeito a estados de vida caóticos e dolorosos, sem sustentação, com possibilidades restritas de auto cuidado, apresentando, muitas vezes, um grande esgarçamento das relações afetivas, com fragilidade nas redes sociais de apoio, o que, evidentemente, demanda atenção e cuidado para uma reestruturação que minimize o sofrimento causado por tal estado – inclusive amenizando sintomas agudos com o uso de medicações psicotrópicas –; por outro lado, a aposta exclusiva nessa lógica pode conduzir a uma concepção medicalizada e normativa da loucura. Constrói-se, assim, uma clínica em que não há espaço para o contraditório, o desequilíbrio, a exacerbação pela falta ou pelo transbordamento, pautada na construção de um modo de operar legitimado por um saber/fazer com foco exclusivo na doença.

Nesses casos, há uma forte ênfase em normatizar a vida do louco, tentando enquadrar seu modo de agir o mais próximo daqueles que são considerados “normais”, desconsiderando que talvez a estruturação necessária para que esta vida siga um fluxo mais ativo e “saudável” seja, justamente, encontrar modos de adequar a sua loucura à normalidade do cotidiano em que está inserido. Exibindo suas nuances de contratempo em proporções nem tão doloridas nem tão amortecidas e normatizadas.

Sobre esse modo de operar que, muitas vezes, encontramos na prática dos serviços de saúde, inclusive nos CAPS, Merhy nos fala

[...] são as práticas de saúde orientadas pela clínica do que denomino corpo de órgãos, ou corpo biológico, patologizado e cercado de saberes-poderes construídos no ocidente a respeito do adoecimento humano. Tais práticas se apresentam como normalizadoras e reducionistas, tomando distintas formas nas diferentes profissões da saúde, evidenciando que para além das ferramentas e dos saberes específicos de cada campo de atuação há uma construção subjetiva de modos de operar o agir clínico dentro desta concepção biológica dos sintomas, disfunções, anormalidades, patologias, etc. Uma lógica de saber-cuidado (MERHY, 2009, p. 04).

Embora a colocação acima possa apresentar, em certo aspecto, uma concepção de dualidade, relacionando uma “boa clínica” à desconstrução do olhar orgânico e biológico – ou do corpo com órgãos –, considero importante afirmar, aqui, a necessidade de retirar desta colocação aquilo que ela nos aponta enquanto prudência no trabalho do cotidiano dos serviços. Não se trata, portanto, de desconsiderar os saberes construídos acerca das patologias e das práticas de cuidado referendadas pelo corpo biológico, mas de ampliar as sensibilidades, evitando restringir o olhar e a concepção do tratamento àquilo que os saberes-fazeres normatizam, padronizam ou criam como protocolo a priori do encontro com cada corpo e sua subjetividade.

Nesta lógica que nos aponta Merhy, seria possível dizer que há uma falência do próprio projeto CAPS, que nasce pautado por uma lógica inversa a esta, justamente a da desconstrução do lugar do tratamento normativo, em que o saber patológico é a maior ferramenta. Considerando outras sensibilidades e potencialidades da vida errante do louco. Potencialidades que só podem ser descobertas em uma clínica que se propõe singularizada, aderida a outros modos de conceber a loucura não apenas como desrazão.

Não se trata, portanto, de um elogio à loucura, nem de desconsiderar o sofrimento causado pela imersão neste enlouquecimento, mas de afirmar a importância da postura que cada serviço, cada equipe e cada profissional assumem com seu olhar e seus modos de

conduzir o trabalho nesta clínica, considerando que o modo como olhamos e concebemos o louco acaba por construí-lo socialmente como sujeito de suas patologias ou sujeito de suas potencialidades para além do adoecimento. Nossos olhares produzem subjetividades.

Neste sentido, considero esta uma tarefa árdua e delicada no cotidiano dos serviços, pois não enfrentamos tais questões tão imbricadas na sociedade e em nossos próprios corpos apenas com formação técnica. Tais recursos se esgotam a medida em que nos colocamos no front de cada dia, com seus tantos casos graves, surtados, sofridos e quase “sem saída” nas redes de serviços, estas também esfaceladas e precarizadas pela falta de gestão e planejamento da maioria das cidades. Cristalizamos-nos e embarcamos na onda medicalizada na tentativa de fazer o melhor (na maioria das vezes) ou de fazer o que parece possível e mais acessível frente ao nosso esgotamento e nossa própria fragilidade no “olho do furacão” (MERHY, 2004) dos serviços. Entramos no balanço das atividades mais conhecidas por confiar que podemos reinventá-las ou nos esforçar para transformá-las em algo que nos toque ou, ainda, desacelerar – como o que estou supondo neste trabalho de contratempo. Entretanto, nem sempre conseguimos sair do ritmo marcado e alçar outros saltos nas melodias conhecidas e já institucionalizadas. É sempre um jogo de cintura que jogamos com nossos próprios corpos e sentidos.

Sendo assim, dizer que a aceleração é a tônica, ou o tempo forte, da atenção aos usuários do CAPS não é reduzir a importância das propostas mais convencionais; ao contrário, como na música, o tempo forte é necessário, até porque, sem ele, não haveria tempo fraco. No entanto, se apostamos em uma abordagem do tratamento ao sofrimento psíquico, que deve ser considerado a partir de elementos que extrapolem a noção exclusivamente pautada na concepção médico centrada - em que a patologia é vista em primeiro plano, desconsiderando aspectos singulares da inscrição desta vida em seu contexto - temos que assumir que há um trabalho que se faz nas minúcias de nossos encontros com o corpo-loucura. Estamos ainda (e talvez sempre) lutando contra nossa própria captura pela concepção manicomial. É preciso sempre (reafirmo) reexistir a isto.

Considero importante abrir este panorama de alguns dos lugares mais cristalizados e endurecidos do processo de trabalho no/do CAPS para que possamos vislumbrar o que seria, então, o que chamo de contratempo, como isso procede, o que desencadeia dar ênfase ao contratempo como uma prática dentro das ofertas que compõem as ações da clínica do CAPS.

Reitero que esta é apenas uma experiência dentro daquele serviço e certamente não é a única que explora outros modos de se relacionar com aquele tempo/espço, mas é desta que posso falar, deste lugar incorporado que ainda ressoa em mim com tantas alegrias e tensões.

A fala de uma terapeuta ocupacional²¹, participante do grupo de dança como facilitadora, traz algumas nuances desse outro tempo que se opera no grupo de dança e do quanto esta construção é sutil, não se fazendo como óbvia e nem como a tônica naquele serviço, exigindo um cuidadoso processo de construção que implica desconstruir alguns paradigmas dos modos operantes nas relações que permeiam a clínica

“A construção do grupo era para os usuários mas era óbvio que isso provocava situações institucionais, e que a gente ia lidando no cotidiano do serviço. Mas é interessante como, às vezes, não passa, mas passa, porque a gente não parou pra pensar, mas a gente queria um grupo mais estendido, não dava pra fazer em uma hora, como era a maioria dos grupos. Para uma experimentação dessa ordem a gente precisa de um tempo: preparação do corpo, a experimentação e depois então, um momento que você volta para o seu corpo, tenta escutar, tenta verbalizar ou, enfim, usar de outras linguagens pra falar daquilo que aconteceu, expressar aquilo que aconteceu.

E, era muito interessante o interesse de algumas pessoas da equipe, mas ao mesmo tempo, um bloqueio enorme de viver essa experiência ali com os usuários, que era abraçar, que era dançar, que era grudar um corpo com outro, que era se arrastar no chão junto com o outro, rolar em cima do corpo do outro, então esse contato físico, que é de gente, assim do humano pro humano, as pessoas tinham mais dificuldade. Por mais que tivessem vontade e falassem assim: “ai que legal, parece tão gostoso [...]” (Elise, T.O, entrevista realizada em 18/11/2013).

²¹ A partir daqui usarei apenas T.O.

Elise enfatiza algumas questões acerca deste modo desacelerado de construção do grupo, como a tentativa de impor um tempo do trabalho que se distingue da maioria das atividades daquela unidade, que, por conta de uma série de fatores reais – como a demanda alucinante de tarefas a que cada profissional é submetido nestes serviços – acaba sendo interiorizada como um processo natural. Um tempo que cada um de nós interioriza como o único tempo possível para desenvolver uma atividade semanal. Tempo corrido, marcado, acelerado. Com uma tônica no “dar conta” da demanda que atropela alguns processos mais delicados e sutis, em que se imprimem modos inventivos de compor as relações na clínica. O que, de fato, exige tempo, desaceleração, reflexão, abertura e improviso para fugir daquilo que está posto como solução mais eficiente ou mais conhecida.

Com isso, é possível dizer que há a produção de uma temporalidade que burocratiza as funções, enrijece as práticas e molda os procedimentos de acordo com o que está dado como bom ou ruim a priori no encontro com o louco. Uma temporalidade do encontro como um “afazer” que exige um produto, com finalidades, restrito àquilo que cabe às normas e regras do que já se sabe a respeito do outro. São modos de agir pensados para uma produtividade das práticas em saúde, visando a uma certa eficiência da atenção e do cuidado.

Neste tempo do “produtivo” do encontro, há pouco espaço para a experimentação, para experiência, para a improvisação sem a busca por um produto final, sem “cura” e sem material “concreto” desta produção. Sendo assim, há sempre “algo” que se espera de cada encontro, algo que media a ação, seja a melhora dos sintomas, seja o artesanato que se leva para a casa, seja o aprendizado de alguma nova aptidão útil à reinserção social.

Tais aspectos, sem dúvida, podem ser considerados grandes conquistas na clínica da Atenção Psicossocial, sendo, na maioria dos casos, intervenções pertinentes e necessárias. Entretanto, só podem ser colocados nestes termos quando são propostos a partir da singularidade de cada caso. Na proporção e no registro das necessidades de cada um. No compasso de cada qual. Construir uma terapêutica possível a cada um. Criar Projetos

Terapêuticos Singulares (PTS²²) abertos, variáveis, mutantes. Pautados naquilo que salta como diferença em cada um, mantendo brechas para o que não é programável. Tudo isto que se inscreve enquanto uma premissa da Atenção Psicossocial no SUS e que só se efetiva quando nos esforçamos por abrir brechas para processos de singularização que permitam criar novas possibilidades de se relacionar com este outro a quem nos compete cuidar, concebendo, a cada encontro, uma clínica pautada na possibilidade de criação de outras formas de vida.

Sobre a utilização das atividades a partir desta implicação ética na clínica da Atenção Psicossocial, Lima nos fala

A utilização de atividades em saúde mental implica, então, pensar uma clínica construtiva e inventiva de novas possibilidades e novas formas de vida. Uma clínica comprometida com a construção e a produção de uma subjetividade aberta à alteridade; uma clínica sempre atenta àquilo que propicia a criação e potencializa os processos de transformação do cotidiano. Uma clínica que possa ser praticada como um exercício de expansão e aliança sensíveis aos processos de singularização (LIMA, 2004, p.16).

O trabalho que se exerce aí seria, portanto, um exercício de expansão dos limites da clínica para construir novas bordas e contornos em processos singulares, utilizando as atividades como linguagens expressivas em grupos, ou mesmo em settings mais convencionais – como no caso da clínica individual – como uma implicação em um processo inventivo da vida. Nesses processos, o tempo torna-se necessariamente variável, imprimindo, como consequência, uma outra forma de conceber os produtos destes encontros, bem como os meios para que eles se efetivem enquanto aumentativos de potência em cada corpo.

Sendo assim, o risco de uma temporalidade instituída e internalizada por cada um de nós, profissionais, é sempre o de entrar na relação com a atividade carregado dos clichês das formas prontas. Reproduzir fôrmas de pensar a relação profissional/usuário, mediadas

²² O PTS pode ser definido como uma estratégia de cuidado que articula um conjunto de ações resultantes da discussão e da construção coletiva de uma equipe multidisciplinar e leva em conta as necessidades, as expectativas, as crenças e o contexto social da pessoa ou do coletivo para o qual está dirigido (BRASIL, 2007).

pelas teorias e técnicas que já fazem parte do “cardápio” de atividades que “têm que ter” nos CAPS. Atividades que, quando incorporadas desta forma, podem ser pouco comprometidas com a processualidade do percurso de cada um – neste caso também do profissional e do usuário, pois há sempre um percurso em andamento em cada corpo envolvido – e pouco abertas à criação de outros espaços/tempos naquilo que se produz. Ou são, em muitos casos, pouco sintonizadas com um tempo que é o tempo do partilhar, tempo que não pode ser medido no relógio, tempo de compartilhar a produção de algo que não é dado a priori, em uma produção do próprio tempo coletivo, produção de outros modos de estar junto, produção de si no encontro.

Sobre essa mediação tão comum nos CAPS na relação usuários-profissionais, Thomé salienta

Os CAPS já nascem com a demanda de compor grades organizadoras do contato da equipe com o usuário, abdicando de seu caráter peripatético [aqui a autora cita LANCETTI, 2008, p. 2]: “grade de grupo”, “grade de acolhimento”, “grade de técnicos na convivência”, “grade de atendimento individual” e assim por diante. As equipes ficam presas às grades erigidas por elas mesmas. As grades visam satisfazer a lógica da produtividade numérica imposta pela prefeitura; sem dúvida que sim. Mas a “grade de atividades” também defende a equipe do contato não mediado pela atividade estruturada, conforme a clínica que atende o usuário em crise demanda (THOMÉ, 2013, p.02).

Ainda segundo a autora, a grade de atividades funcionaria como um tipo proteção politicamente correta que dá *cara de trabalho* ao cotidiano do CAPS e afasta, cordialmente, o usuário do profissional, este último ocupado com o gerenciamento de suas atividades diárias e anotação de seus índices de produtividade (THOMÉ, 2013). Talvez preocupados com tempo do relógio, com o tempo da urgência e com o tempo daquilo que precisa ser feito como “deve ser feito”, nós, profissionais, parecemos sucumbir diariamente. Apagando a cada momento os pequenos incêndios criativos que surgem nas entranhas do imprevisível e do transitório de cada encontro.

Tal posicionamento, que parece se aproximar de um certo comodismo, não se dá, necessariamente, por falta de competência ou indisponibilidade, mas, sim, por formas de gerenciar a clínica do cuidado em saúde que impedem, muitas vezes, a produção de agires micropolíticos (MERHY, 2009) ou agires conectados ao trabalho vivo em ato, ao trabalho pautado na constante (re)criação.

Além disso, há uma peculiaridade nesse “comodismo”, algo que é próprio de quem vive experiências de trabalho no caos, “no olho do furacão” (MERHY, 2004), em que estão manifestados os grandes desafios do dia a dia e as grandes potencialidades.

Vilene Moehlecke, ao abordar o cotidiano dos CAPS, descreve uma cena bastante naturalizada nesses serviços:

Uma multidão de corpos estremevidos espera uma consulta marcada, ou clama por um segundo de paciência. Trabalhadores parecem repetir a mesma tarefa, cotidianamente, robotizados por um fazer que devora o próprio movimento. Um sentimento de desdém invade o peito. Um súbito mal-estar parece transbordar o juízo. De que modo acompanhar o desatino do outro, sem também perder-se? Como não cair no engodo de, frente à confusão alheia, propor uma rotina esmagadora e policialesca? (MOEHLECKE, 2011, p.46).

Seria, portanto, este acomodar-se, que tanto nos assombra no trabalho, uma ‘solução’ temporária a partir da necessidade de mediação entre nós, trabalhadores, e o sofrimento de cada caso a ser investido? Aquilo que é a dor do outro e que, muitas vezes, é irremediável por ser, também, a dor de uma sociedade inteira. A dor da imersão demasiada no caos de si mesmo, da violência, das desigualdades, da fome, da falta de escolaridade, da falta de outros cuidadores, do desamparo brutal que é a realidade de muitos dos usuários da Rede Atenção Psicossocial - RAPS (BRASIL, 2011). Aquilo do sofrimento do outro que pode transbordar em mim se eu chegar mais perto.

Sobre este aspecto, André Martins nos diz

O comodismo não se justifica pelo pouco de prazer que traz; ele somente se justifica psiquicamente pelo que, na fantasia daquele que se acomoda, evita, poupa, protege. E ele protege, ou parece proteger, do risco de um mal maior, que seria o fracasso, o insucesso na empreitada de se mudar algo já afinal de contas familiar, o medo de que o novo seja pior que o já conhecido, que se perca o pouco que se tem e nada se ganhe no lugar, ou que compense a perda. Um tempo presente sem criação, sem conquista, é também um tempo sob controle, seguro. O preço do imobilismo, contudo, pode ser o da estagnação de nossa mais própria capacidade criativa de novas formas de estar nas coisas, de investir em nós mesmos, nos outros e nos objetos (MARTINS, 2005).

Considerando o comodismo por esse aspecto, há uma disputa que se trava a cada ação no cotidiano, em nossa maneira de olhar, nos ditos e não ditos dos corredores e das salas de atendimento. São escolhas e desconfortos que se interpõem a todo instante, exigindo desacomodação e criatividade nas relações. Não há estratégias ideais que se apliquem a este imprevisível jogo de “fazer com”, é sempre uma urgência de criação. Talvez seja esta urgência que, em alguns momentos, impele-nos a criar, que também nos deixe tão exaustos e desgastados no/do cotidiano, pois a criação não se dá nunca sem um esforço, sem um estado de perturbação e desconforto. Conforme Deleuze

É preciso falar de criação como traçando seu caminho entre impossibilidades (...) A criação se faz em gargalos de estrangulamento. (...) Se um criador não é agarrado pelo pescoço num conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível (DELEUZE, 1992, p. 167).

Seria, portanto, este estrangulamento, que nos é tão comum e que pode tantas vezes nos acomodar e cristalizar, o motor capaz de nos conduzir a estados de criação e invenção de linhas de fuga no cotidiano?

Abordando mais especificamente a dinâmica do contexto em que esta pesquisa está inserida e os caminhos que nos trazem até aqui, apresento a fala de uma psicóloga

participante do grupo em que há algumas pistas desta distinção entre diferentes modos de conduzir as atividades no CAPS

“[...] eu percebo uma diferença radical entre esta e outra atividades. Acho que primeiro pelo papel dos facilitadores, digamos assim, que eu sempre achei que era muito mais próximo do que em qualquer outra atividade. É, e aí eu não sei dizer se isso é pela natureza da atividade corporal, mas acho que também tem uma postura de quem conduzia, que era de se disponibilizar a estar muito próximo, o mais próximo que pudesse estar dos participantes.

Acho que não propor uma atividade concreta em si com o produto final, assim, você não estava ali pintando uma caixinha, você não estava ali fazendo um desenho, escrevendo um texto. Você estava ali trabalhando com o corpo, acho essa marca muito forte. Também diferencia bastante porque, aí a gente podia se ocupar muito mais do processo e as pessoas que estavam ali também. Me lembro de algumas usuárias que gostavam muito do grupo, não lembro nome, mas assim, era um espaço muito importante pra elas, como uma ginástica mesmo, que iam com uma roupa como se fossem pra academia mesmo, para aquela aula de ginástica, pra cuidar de si. Algumas pessoas conseguiam construir isso, mas acho que isso de não ter um... um produto final, que você levasse, isso era a diferença. O produto final eram as pessoas, eram as relações, era aquele espaço, a preocupação era outra... era de proporcionar um espaço que fizesse sentido, independente do que surgisse ali, acho que essa era uma diferença também, não tinha pré-requisito algum no grupo, a pessoa podia chegar e aí participaria.”(Clara, psicóloga, entrevista realizada dia 06/11/2013).

Quando Clara aborda o modo de se aproximar do corpo do outro considerando as pessoas, seus corpos e as relações ali instauradas como um “produto final”, toca em um modo sutil que considero ser uma das possíveis saídas para escapar dessa lógica produtiva cristalizada, em que profissionais e usuários criam juntos as composições dessas relações. As qualidades de encontros instaurados nesses modos outros de se relacionar são a potência do que se produz ali, são aquilo que se cria e se carrega consigo para a vida, são um modo de experienciar-se para tornar possível, conforme nos sugere Deleuze (1992), novos modos de ser/estar na vida.

Desta forma, as atividades são apenas meios para acessar estes estados criativos, em que a qualidade do que se estabelece enquanto relações entre os corpos é o produto final,

não estando condicionado nem ao tipo de atividade, nem ao setting onde este encontro se dá e nem mesmo à categoria profissional – certamente um médico pode construir uma relação potente em um atendimento individual, por exemplo, baseando-se em uma afirmação da qualidade daquele encontro; da mesma forma, um psicólogo ou TO ou enfermeiro, pois, como Pelbart (2003) nos afirma, a invenção e a criação são uma potência do homem comum, não estando restrita a espaços em que se experimentam linguagens artísticas ou expressivas.

Nesse sentido, não se trata de uma avaliação das atividades mais interessantes ou mais válidas no CAPS; ao contrário, a proposta é explicitar um modo de fazer e um modo de colocar os problemas que este fazer implica. Interessa-me abordar este modo de tocar no contratempo, a quebra, o imprevisto, no que ele se aproxima ou se distancia de outras atividades propostas neste serviço. Certamente, existem, em cada célula do espaço CAPS, novos mundos em pequenas rupturas acontecendo. O que me cabe é tracejar um modo de proceder a ruptura. Um fazer que escapa, não “o fazer”, mas apenas um fazer.

Quais os deslocamentos que este fazer produz na medida em que se dispõe a experimentar o acaso de cada encontro?

Com tornar cotidiano: atos de criar

“Tenho poucas lembranças deste dia, talvez pelas anotações sucintas e pontuais, sem nenhuma referencia clara à musica ou minhas sensações no momento. Olhando agora para estas anotações retomo certa tensão entre a vontade de escrever e o tempo de finalizar logo a atividade porque há outras coisas a fazer, ou porque há alguém a minha espera, ou porque há algo urgente precisando ser resolvido atrás da porta. Sobram poucos minutos para este momento reflexivo de tomar nota sobre os acontecimento desta tarde de dança. Sempre que a atividade acaba, lembro-me claramente, da vontade de ficar ali e decantar as histórias daquele dia, daquele encontro e sempre, invariavelmente, havia pouco ou nenhum tempo para isto. Batidas na porta para me apressar. Alguém sinalizando pela janela que me esperava para algum outro evento. Minha própria agenda “interna” sinalizando pra mim mesma que ainda havia isto e aquilo para ser feito antes do fim do expediente. Urgências da sala de espera. Urgências de uma nova demanda. Urgências de um serviço que entre outras coisas existe para acolher urgências de toda ordem. Enfim, este provavelmente foi um desses dias em que o fluxo do

movimento foi atravessado por outros fluxos e outras necessidades deixando o registro dos acontecidos interrompido ou em suspensão. Até agora.”
(Trecho do Diário de Implicação do dia 08/10/10).

Falamos, portanto, de um trabalho desenvolvido à margem ou nas bordas das práticas exclusivamente ligadas às técnicas e à eficiência, produzindo a possibilidade de, a partir do estranhamento de um novo lugar, ou do lugar de não saber, criar contornos para a clínica dentro do CAPS. Fazer a gestão da clínica no cotidiano como uma ação micropolítica, que consiste em desnaturalizar os atos. Sobre isso, Merhy (2004) nos fala em construir sua caixa de ferramentas em ato, o que nos coloca, muitas vezes, em situações limite em que se faz necessário lançar mão de novos recursos em um exercício de resistência.

Assim, a prática-contratempo do grupo de dança se configura como uma das suas estratégias de sobrevivência à tendência de todos nós em seguir o ritmo marcado dos compassos fortes, sem variar, em um processo que não é, a priori, bom ou ruim, mas que surge do movimento de resistir, tornando possível um outro tempo/acontecimento no cotidiano do CAPS. Acontecimento que cria marcas e produz algo da ordem do precário nos corpos envolvidos e no campo onde este fazer acontece.

As palavras de Samuel, participante assíduo do grupo, trazem-nos uma imagem daquilo que considero a “produção” deste tipo de trabalho implicado em outras temporalidades de vida.

“Eu, Samuel, gostei de tudo com alegria e prazer, como quem toma um remédio que cura a alma e o corpo”.
(Samuel, usuário, trecho do Diário de Bordo do dia 23/10/2009)

Fazemos, assim, outro posicionamento. Uma escolha, uma outra aposta: a inventividade do trabalho como práticas que se configuram em lutas micropolíticas travadas todos os dias no cotidiano do CAPS. Nas ações mais simples ou complexas. Na retomada da

capacidade de cada sujeito de perturbar o estado cômodo e cristalizado das ações diárias. No cotidiano de cada vida que segue em fluxo e persevera em existir diferenciando-se.

Nas palavras de Moehlecke

Lutas micropolíticas abrangem o dia a dia dos serviços, ao se desprenderem de antigos códigos e apostarem na produção maquínica de novos agenciamentos para a intervenção e para o corpo. A mudança da clínica também necessita de uma perspectiva ampliada, quando reverbera sentidos e promove a propagação de aberturas a saberes revigorados. Guerrilhar contra a agonia da mesmice e o emprego de exclusões merece atenção de usuários e trabalhadores entusiastas com as novas propostas (MOEHLECKE, 2011, p.81).

É nisto que aposto. Nestes modos de fazer que são ritmo-fluxo-tempo-diferença, que pedem passagem e reverberam. Criam tempo. Contam tempo. Contra tempo.

“Lembro muito da atenção e dos participantes se entre olhando quando proponho a dinâmica do silêncio, que consistia em fazer os exercícios sem falar, apenas estar atento e fazer. Eu conduzia os exercícios também com um outro tipo de atenção, quase como se eu também fizesse em silêncio. Todos concordam com a proposta, mas a princípio nem eu mesma estava certa se funcionaria. Instaura-se um clima de segredo, de algo precioso, quase sagrado. Lembro de muitos olhares de confirmação dirigidos a mim. Alguns inclusive, se sustentando em mim com o olhar. Incrível aquele estado de suspensão da sala. Quando vou para o chão e me calo, deitada ao lado dos participantes, o que percebo é quase inacreditável, estávamos há uma hora se movimentando sem falar. Enquanto isso o CAPS acontecendo a todo vapor, fervilhando, e nós ali, na suspensão do estar presente naquele lugar, naquela hora, naquele encontro. Simples e grande assim. Permanecemos deitados em silêncio absoluto por 15 minutos, quando lentamente me levanto e abro a porta sinalizando o fim. Aguardo em silêncio ao lado da porta e espero cada um se levantar e sair calmamente. Nos despedimos com olhares de muita intensidade. Alguns sorriam. Outros apenas calçavam seus sapatos e saíam. Um ou outro ainda, se permitiu um tchau e obrigada. Mas todos, sem exceção, saíram dali dilatados. Fiquei mais um tempo na porta depois de me despedir e não conseguia conter minha alegria e encanto por tudo o que vivemos naquela pausa, naquele silêncio. Fecho a porta da sala e me deixo rir sozinha de contentamento, me sentindo também dilatada.” (Trecho do Diário de Implicação, retirado do dia 27/08/2010).

Gestando Cuidado: um deslocamento

“É preciso – diz ela – absorver o sentido do precário para descobrir, na imanência do ato, o sentido da existência.”
(CLARCK, 1997, p.164 apud LIMA, 2004)

A prática clínica pode ser concebida como prática de encontros cuidadores, em que se tecem trajetos, trocas, intercambiamentos de terrenos. Lugar onde se constituem territórios afetivos e existenciais. Campo de afetos, experimentações e cumplicidades.

O imperativo: fazer composições que portem um diferencial qualitativo.

Como composição, compreendemos, mais que o ajuntamento de corpos e ideias, um debruçar-se sobre o que acontece entre os corpos, sempre do ponto de vista dos seus movimentos, encontros, afetações.

Acompanhar. Escutar. Padecer com. Desviar. Desacomodar. Produzir turbulências e desestratificar. São alguns dos lugares deste fazer entre corpos. Lugar onde impera a multiplicidade como trocas e reconfigurações (DELEUZE e GUATARI, 1995).

É neste território da clínica, como campo delicado, instável, complexo e potente, que problematizo alguns “estados de corpo”. Que corpo é este que acompanha, que se movimenta junto, que se faz e refaz na medida em que propõe a construção de outros territórios de existência? Que corpo é este que vive o confronto com problemas que exigem a transformação de corpo e língua? Como operar no campo da multiplicidade, considerando o corpo como dobra do fora, em constante mutação e transformação?

Ouso esboçar, aqui, algumas qualidades ou, no mínimo, vontades desse corpo que transita entre muitos lugares de criação, seja em atendimentos individuais, ou grupais, em atividades expressivas, em processos criativos em dança, em atividades cotidianas ou tantos outros settings que compõem o campo de práticas destas duas áreas de atuação – dança e clínica – e que trato, aqui, como uma zona de contágio.

São territórios intensivos que mobilizam a exploração dessa zona de contágio

como lugar de desvio dos fazeres acomodados das práticas em Saúde. Um tatear com dedos de cego os caminhos que podem nos levar a experiências de corpo ativo e presente no precário de cada encontro. A escuta da diferença de cada encontro é, também, a escuta da diferença de cada modo de saber/fazer/acontecer a clínica. Um exercício de gestão sobre como proceder perante o imprevisível da vida e o estranhamento que isto provoca.

Nesta direção, trago a fala de uma participante do grupo de dança, para abordar, de maneira particular, a imersão no grupo como uma experiência intensiva, produtora de desvios em seu corpo e na rotina do CAPS. Imbricando um modo de conceber as ofertas de cuidado sem garantias de conforto ou sucesso, mas com um desafio de modificar a capacidade de cada um em lidar com os encontros e, quem sabe a partir disto, aumentar a potência de cada um em criar outras formas de vida.

“[...] eu não sei se foi porque tocou em mim essa coisa do corpo e tal, mas eu tive uma impressão de intensidade, sabe? Cada vez mais eu tenho acreditado nessa coisa que não está muito na palavra, até pelas minhas experiências de trabalho aqui. Na verdade o que não está muito formulado, sabe? Então, assim, eu acho que os ateliês são espaços não muito formatados, apesar de às vezes também ser. O grupo de expressão corporal era um espaço desses... eu acredito que a intensidade do que acontece lá é uma coisa que fica... ficou para mim. E eu acho que deve ficar para as pessoas que também passaram... eu acho que disto das ofertas. Porque a impressão que eu tenho das ofertas no CAPS é que são burocratizadas, sabe? São ofertas que cumprem tabela. É a impressão que eu tenho[...].” (Diana, T.O., entrevista realizada dia 24/11/2013).

Quando falamos em modos de proceder, colocamos em questão mais que um modelo específico de produção de cuidado no cotidiano dos serviços de saúde ou um “como fazer”; estamos, de maneira geral, tocando em questões que extrapolam o lugar da clínica entrando em uma zona fronteira com as práticas de gestão em saúde.

Segundo Ferigato e Carvalho (2009, p. 63), “a gestão teria a função de organizar e produzir condições para a constituição das práticas em saúde”; neste sentido, quando falamos em deslocamentos nos modos de operar as ofertas, a escuta, o contato com o outro e a própria concepção das ferramentas para a clínica no cotidiano, falamos também em modos de gerir o cuidado.

Falamos em gestão do cuidado como produção de saúde e produção de subjetividades, sejam usuários, sejam profissionais, cada modo de operar as ações de cuidado reflete um modo de fazer a gestão desses atos de cuidado.

A gestão do cuidado, aqui compreendida como a gestão da clínica, está no cerne das práticas cotidianas do trabalho em saúde por ser um dos aspectos fundamentais do processo de trabalho e de assistência nos serviços de saúde; desta forma, mudanças na forma de operar as ferramentas de produção do cuidado podem implicar procedimentos sutis e delicados de quebra dos saberes/poderes normatizadores e cristalizados que assolam o fazer cotidiano dos serviços.

Para Ferigato e Carvalho (2009)²³, um importante instrumento para a mudança das relações de poder em saúde passa pela mudança dos processos de trabalho e de assistência. Considerando que essa mudança passa, necessariamente, pela reinvenção das relações interpessoais subjetivas que atravessam os sujeitos, compreendemos que tais movimentos trazem consigo a força do instituinte capaz de conduzir a novos percursos de trabalho engajados em processos sensíveis de produção de vida.

Para os mesmos autores, é também desta perspectiva que se pode falar em produção de subjetividades. São posicionamentos éticos que implicam a construção de subjetividades em relação. Microguerrilhas cotidianas, singulares, em que a aposta é desmontar os saberes prévios e formatados, experimentando a insurgência de saberes precários e provisórios, que acompanhe a multiplicidade das relações e das necessidades de saúde.

Desta forma, cada profissional pode passar a ser operador da gestão no trabalho, ocupando-se de “mapear onde e como ocorre ‘o sequestro social da vitalidade’ de nossas instituições, dos grupos e de nós mesmos cartografando estratégias de reativação vital” (FRANCO & MERHY, 2009, p. 312), enquanto condição essencial para a criação de novas

²³ O texto citado procura refletir e avançar criticamente sobre a produção de autores como Campos, Merhy, Santos, Teixeira, Silva Junior, Onocko Campos e Carvalho, em diálogo com autores do pensamento da diferença, como Foucault. e Deleuze Parte destes aspectos citados foram discutidos de maneira mais profunda e pioneira pelos autores aqui descritos.

possibilidades teóricas e práticas. São novas possibilidades de encarnar conceitos e práticas, deslocando corpos para estados criativos.

Tal posicionamento é, também, um modo de operar o trabalho em ato comprometido ética, estética e politicamente com a construção das políticas públicas de saúde, por se tratar de processos efetivos de transformação e criação de realidade.

Conforme Benevides e Passos (2005), a transformação dos modos de os sujeitos entrarem em relação pode configurar dispositivos potentes para que as práticas de saúde sejam efetivamente alteradas.

Nas palavras desses autores,

Quando falamos de modos de fazer estamos às voltas com o processo de construção de uma política pública que não pode se manter apenas como propostas, programas, portarias ministeriais. Da política de governo à política pública não há uma passagem fácil e garantida. Construir políticas públicas na máquina do Estado exige todo um trabalho de conexão com as forças do coletivo, com os movimentos sociais, com as práticas concretas no cotidiano dos serviços de saúde (BENEVIDES e PASSOS, 2005, p.12).

São processos criativos no trabalho em saúde que abrem mundos, articulam saberes e movem políticas na delicadeza de cada encontro. Instaurando variações. Quebrando a monotonia do ritmo diário. São fazeres entre corpos que criam corpos.

Corpos comprometidos com a criação de outros mundos a cada relação.

Corpos em zonas de fronteira.

Conforme Ferracini,

Como vimos, uma fronteira não existe na linha que delimita territórios; ela se constrói e é criada-recriada na ação de um corpo nômade que se aterra no território em ação de desterritorialização, ou seja, na potência, na Zona de Experiência. Lançar um corpo cotidiano na fronteira é, portanto, lançá-lo no nomadismo, ou seja, na ação ativa de possibilidades. Não corpos doces (FOUCAULT), mas corpos potentes. Não corpos passivos, mas ativos. É nesse sentido que a fronteira e o corpo nômade estão no campo da política e da ética [...] (FERRACINI, 2007, p. 5).

Esse comprometimento se dá, portanto, em ritmos outros, em variações e em posicionamentos éticos perante a vida e o trabalho. São modos de habitar os territórios das práticas em saúde e principalmente modos de conceber o que são e do que são feitos os encontros na clínica. E são, também, antes de qualquer coisa, estados de corpo com vontade de criação.

Trajetos singulares em improvisações diárias de gestar a clínica nas relações consigo e com o outro. Processos de trabalho em saúde e processos de trabalho na/da vida.

TERCEIRO MOVIMENTO: A FRONTEIRA



* Foto de usuário no CAPS Toninho – Arquivo pessoal

“A Fronteira que separa e distingue os objetos externos e internos torna-se tênue. Da perspectiva de Artaud, tanto aquilo que chamamos de realidade “externa” como a “interna” são “fenômenos”, manifestações da existência em múltiplos níveis. A sensação mais fugidia, o sentimento mais impalpável, já são expressões de modos de existência, e portanto, tão “reais” quanto qualquer fato exterior.”
(QUILICI, 2004, p.83).

Contorções em dançação

“Qual é o corpo que dança? Arrisco responder que todo indivíduo pode dançar quando se vê na sua dança por meio do seu querer e do seu sentir. O corpo que dança é o que se permite um estado de dança que é diferente para cada um, para cada soma. Logo, a dança não é algo externo, mas um estado que pode ser construído com procedimentos específicos quando se propõe ir para a cena. A dança também pode estar dentro do ser, como aquela praticada pela criança com tanta espontaneidade, a dança de todos os seres humanos, os somas que querem dançar.

Há dança onde se vê dança.”

(MILLER, 2012 p. 149).

Abordarei aqui algumas vivências que imprimem realidades. Faremos isto através do esboço de alguns dos procedimentos que foram a morada de uma fronteira. São séries de recortes, imagens, sensações, histórias, palavras e acontecimentos que povoam a memória intensiva dos encontros atuais (de agora e de antes), remetidos aos territórios criados pela prática do grupo. Secreções, quem sabe. Matéria viva, muitas vezes inapreensível pelas vias dos pensamentos, mas corporificadas em cada vida-sujeito, nos modos que passam pela clínica e pela dança.

São vivências (GADAMER, 2005). Encontros expressivos. Experiências estéticas.

Conforme Kastrup (2010), a partir das ideias de Dewey (1980), experiências estéticas são baseadas no desenvolvimento intensificado de experiências em geral, que existem frente à arte, mas também estão presentes na vida cotidiana. São experiências especiais e marcantes que provocam quebras na linearidade homogênea de fatos banais da vida. Experiências que não se dissipam e não são facilmente esquecidas, marcadas por sensações intensas desestruturando as convenções e a monotonia do cotidiano. Tais experiências encontram-se na vida sempre que ela deixa de ser uma banalidade.

Segundo a autora, a arte pode produzir especialmente experiências estéticas e é por este motivo que, muitas vezes, remetemo-nos à arte quando pretendemos abordar o tema da estética. É também por este motivo que se veem florescer, no campo da Saúde e da Reforma Psiquiátrica brasileira, diversos trabalhos em que se verifica a potência da arte nos processos de reabilitação psicossocial. Nesse contexto, a experiência estética surge acionando processos de produção de subjetividade e transformação social (KASTRUP, 2010).

Para que este movimento ativador de processos se efetive entra em jogo uma receptividade perceptiva, denominada por Dewey (1980, *apud* KASTRUP, 2010) de percepção estética, tal percepção seria ela própria uma experiência criadora que consiste em

[...] se deixar impregnar, em mergulhar com atenção, evitando uma interrupção precipitada. Aqui a posição de Dewey é próxima da de H. Bergson, que distingue a percepção a serviço da vida prática, movida pelo interesse e colocada a serviço da ação, e a percepção estética, desinteressada e livre das limitações da vida utilitária (KASTRUP, 2010, p.40).

Para a autora, tais experiências estéticas são vivenciadas em práticas que mobilizam uma atenção especial, “uma atitude atencional de abertura para o encontro e para o acolhimento da novidade inesperada.”(IBIDEM, p.41).

A partir dessa entrada, farei a descrição de algumas cenas de grupo apresentadas pelas vozes dos participantes. Trarei a apreensão de alguns instantes-matéria-prática e instantes-matéria-intensiva como novidades inesperadas no encontro entre dança, clínica e outras viravoltas de acontecimentos em ato.

De acordo com Deleuze e Parnet (1998), o acontecimento se caracteriza enquanto multiplicidade que comporta termos heterogêneos em múltiplas conexões para além de categorias históricas, sexuais e filogenéticas. Trata-se, portanto, de um sempre novo arranjo que se define por seu grau de potência e circulação de afetos.

São, portanto, acontecimentos que descrevem e dissipam corpos em dança, em loucura, em cuidado, em acolhimento, em alegria, em surpresas, em ação de habitar uma fronteira de vida aberta em potência.

São nomes impessoais em acontecimentos que falam com sua memória-corpo

[...] Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). Somente afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais[...] (DELEUZE, 1997, p. 47) .

Nestas séries de relatos que aqui se apresentam, cada fala, cada recorte, cada nome é habitado por um mundo em movimento, nunca um sujeito, mas sim um mundo que nos habita.

Desenho os rastros desta prática como passos nômades. Capazes de imensas viagens em um mesmo lugar, “viagens em intensidade” (DELEUZE, 2006, p. 328). Conforme Deleuze, os nômades carregam todo o mundo em seu próprio corpo em sua imensa capacidade de movimento de fuga, nomadizando-se para permanecer no mesmo lugar, escapando dos códigos. Como subjetividades sem eu, subjetividades móveis, subjetividades do porvir...

Corte para o corpo das vozes

“Pensar o corpo como norteador para a leitura dos acontecimentos que atravessam os sujeitos e grupos que acompanhamos é incidir sobre os modos de funcionamento do corpo em sua expressividade”
(LIBERMAN, 2010, p.116)

Apresento, a seguir, um itinerário de muitas falas colhidas ao longo do processo da pesquisa e da prática do grupo de dança. São recortes significativos na medida em que

expressam territórios singulares e intensivos. São recortes em um plano de consistência, plano impessoal²⁴. Singularidades em movimentos de mundo. Algumas vezes aberrantes, outras vezes hesitantes, em movimento de saltar para a produção da própria língua, encontrando meios para comunicar aquilo que é, também, da ordem do indizível.

Portanto, os trechos que seguem abaixo carregam em si a vontade de falar o gesto e a pausa e o escândalo e a criança e o rodopio, a dúvida, o encantamento, o estranho, a dor, a beleza, a descoberta, o sutil. Palavras infames. Trechos sem tradução. A íntegra daquilo que se pôde dizer quando o que está em pauta é um campo de forças. Um gaguejar. Um acontecer...

“Então teve muita coisa que aconteceu ali. Eu tenho essa lembrança, de muita vivência, de coisa muito real, muito na pele, assim. E da gente conversando muito, criando isso ao longo do que foi sendo vivenciado”. (Tamara, psicóloga, entrevista realizada em 28/11/2013).

“Fortaleci bastante o corpo físico e a mente”. (Rodrigo, usuário, trecho do Diário de Bordo do dia 22/01/10).

“[...]foi um grupo que mexeu bastante comigo. Porque me deu noções de como eu estava, porque que eu estava participando como alguém que... me confundia com os usuários naquele momento. Então me lembro de pessoas que estavam no grupo, me lembro do que a gente fez no dia: a gente começou com a dança e depois fomos para o relaxamento. Me lembro dessas coisas, mas eu me lembro principalmente das minhas sensações... a minha sensação foi de esquisitisse (risos). Porque aí foi um dia que eu percebi que eu estava muito desconectada mesmo, eu já tinha essa impressão, que eu e meu corpo a gente não se comunicava muito. Acho que até pelo

²⁴ “O lugar do Impessoal é uma espécie de camada que se coloca entre as palavras e as coisas. Algo que se coloca em meio de um "neutro", o lugar do Impessoal ou o Plano que o Impessoal desdobra. [...] Desse modo, o 'neutro' do Impessoal não se caracteriza por um puro vazio, por ausências de sentidos, ou por uma entidade-vácuo; não se refere a um espaço homogêneo, absoluto e originário, sendo caracterizado exatamente por um estado intenso ou intensivo, em que o que há são relações de forças. É preciso salientar que "na relação neutra estamos expostos ao Fora e, por conseguinte invadidos pelas entre-forças, isto é, pelas intensidades" (as autoras citam PELBART, 1989, p. 123). Portanto, o Impessoal se faz através de um plano intensivo, de um jogo de forças e de um jogo do acaso, uma vez que, se o Fora se refere ao domínio das forças, ele também se refere ao domínio do acaso, do Intempestivo. É nesse sentido que as Forças, o Fora e a Diferença formam uma tríade indissolúvel e não podem ser pensadas isoladamente” (MOEHLECKE e FONSECA, 2005 p. 3)

modo como a gente vive, e as coisas que eu vou priorizando na minha vida... e isso era uma coisa que eu já achava, que eu não era uma pessoa muito conectada, que não estava muito em harmonia com meu corpo e ficou muito evidente no grupo.

[...]eu me lembro de uma cena que a gente estava... todo mundo estava dançando mas de um jeito que cada um fazia só, cada um no seu movimento e tal... e eu estava completamente perdida ali, porque eu tinha dificuldade de estar comigo, sabe? Fazendo aquilo, eu nunca tinha feito aquilo (risos). Ficar comigo com meu corpo e sentir aquela coisa de uma potência esquisita que vem e você não sabe o que vai ser dali, sabe? E aí eu me lembro de eu tentando me... ver o que as pessoas estavam fazendo e fazer igual pra ficar em um território que era muito conhecido para mim. E eu me lembro de você e da Elise tentando não fazer isso.

Eu tenho uma cena na minha cabeça que foi assim: os usuários estavam espalhados fazendo os movimentos e aí eu seguro na cintura de um usuário e vou assim como se fosse um trem (risos)... e aí os usuários fizeram automaticamente, começaram a fazer isso.... e aí você me puxou, a Elise me puxou, desfazendo aquilo. Tentando dizer assim... olha, acho que é uma outra coisa... agora é você com você, é você com seu corpo e descobrir o que rola e tal... então eu me lembro dessa cena e o que veio para mim de sensação foi o desconforto. Mas muito! Um desconforto potente assim, porque era aquele desconforto que eu precisa ter para sacar que tinha alguma coisa ali que estava parada, que não estava acontecendo, né? E eu me lembro muito dessa cena e dessa sensação. Até quando eu sai do grupo me lembro que eu brincava: “ah, é muito intenso, não é para mim” (risos). E até hoje é algo que ainda eu acho que não consigo chegar assim nesse... nessa coisa desse contato com meu corpo, acho que ainda tenho bastante essa dificuldade, mas acho que eu preciso experimentar mais.”(Diana, T.O. , entrevista realizada em 24/11/2013).

“Um cara que eu dancei ele falou que se libertou. Que ia chegar na casa dele e ia procurar o disquinho Dancing Days, depois do almoço. Descansar. Encostar o sofá na parede. Dançar, pular, que nem pulava aqui.

Pula pouco tempo, poucas horas, né? Ele ia pular duas horas. Não era dança mas era pulo, gastar energia.

Ele falou que ia continuar com o remédio porque sabe, a doença mental dele desapareceu.”(Samuel, usuário, entrevista realizada em 06/12/2013).

“Então, a gente fazia encontros com algumas propostas, mas foi um exercício muito interessante pra mim, por poder estar nesse encontro e as coisas irem acontecendo... a gente propunha uma atividade, que era discutida entre nós antes do grupo acontecer, mas era uma atividade com a possibilidade de ir se transformando durante. Tinha algumas propostas de alongamentos, que aliás foi uma oportunidade muito interessante de ver o quanto os pacientes psicóticos mais graves tinham dificuldade com o próprio corpo. Uma das coisas que eu me lembro muito bem é que em alguns exercícios, como os alongamentos, eles não tinham nenhuma percepção do próprio corpo, do pescoço ou do punho, então foi se fazendo necessário que a gente ajudasse com o toque, para que eles conseguissem fazer algumas coisas.

Então tinha essa parte de alongamento que a gente costumava fazer no início, que era também uma forma de chegar. Era um grupo que acontecia no início da tarde, então, às vezes, tinha pessoas que estavam descansando ou que estavam em outras atividades, então era uma forma de chegar no grupo... depois tinha outras

atividades, algo que tinha a ver com o mexer com o corpo, que podia ser desde se deitar e ir sentindo o próprio corpo, até... uma coisa que ficou na minha memória foram as experiências de se massagear ou então de, um poder massagear o outro... e a outra coisa que também era bastante presente, que ficou pra mim, foram as experiências com as músicas, a gente foi levando vários tipos de música e isso teve um efeito muito interessante, assim de em alguns momentos levar uma música mais agitada, um rock e ver os efeitos que isso surtia na atividade e em outros momentos colocar uma música clássica, uma música mais instrumental e o quanto mobilizava....

No momento inicial do grupo, a proposta era que não tivesse nada de conversa, para que se pudesse com os gestos ter uma comunicação, então uma coisa também que a gente propunha bastante era o olhar... se observar, poder com o olhar ter uma comunicação. Nesse sentido era um espaço muito diferente dos outros que o CAPS ofertava... um grupo em silêncio e que se não fosse um silêncio, que não também fossem palavras...

Em outros momentos tinham atividades em que a gente, incentivava um grito ou incentivava uma gesticulação, mas que não fossem através de palavras, fosse uma expressão mais primitiva talvez, algo que tivesse sentindo para cada um... não sei bem como descrever isso... e aí no final do grupo, a gente costumava abrir rapidamente pra poder dizer. Às vezes era dizer um sentimento, ou uma palavra, ou algo que estivessem sentindo e isso foi dando uma idéia do quanto estava fazendo sentido pra eles, esse contato com o próprio corpo, o quanto estava sendo uma experiência de se encontrar.

Uma imagem forte que eu tenho é de uma proposta que gente fez de no mesmo encontro escutar muitas músicas diferentes, a gente gravou várias músicas seguidas e que elas iam entrando em ritmos e propostas muito diferentes. Você pediu circular pela sala e livremente ir tentando se olhar e se expressar... em uma das músicas, que era mais agitada, eu lembro que alguns pacientes nos surpreenderam e gritaram e correram e chutavam, numa expressão muito natural... foi uma imagem linda que ficou pra mim... de uma coisa muito espontânea e eu acho que é bem difícil alcançar essa espontaneidade com esses pacientes em outros contextos.” (Denise, psicóloga, entrevista realizada em 08/11/2013).

“Encontro introspectivo:

- Alongamento em silêncio.*
- Caminhada explorando trajetos, tempos, ritmos, direções e intensidades diferentes.*
- Caminhada de costas.*
- Caminhada de olhos fechados.*
- Parada “reencontro” para a escuta do corpo... explorando e sentindo seus próprios sons.*
- Silêncio.*
- Relaxamento no chão com colchonetes.*

O grupo tem dificuldade de concentração em alguns momentos mas sustenta a atividade.

Silêncio sustentado.

Notas de memória:

Novamente tenho poucas lembranças claras deste dia. É marcante para mim a relação com o silêncio. Lembro-me de perceber a tendência em dispersar e mesmo assim sustentar uma atividade mais introspectiva, apostando no silêncio como unidade ou como agregador de um certo lugar de atenção e escuta de seus próprios corpos” (Diário de Implicação do dia 15/10/11).

“Eu, Daiana, tive calma interior” (Daiana, usuária, trecho do Diário de Bordo do dia 11/12/09)

“Bom, eu lembro que era um espaço entre aspas aberto, porque a gente tinha um limite de espaço, espaço físico mesmo, mas no limite ele era um espaço aberto, qualquer usuário poderia adentrar ao grupo.

Eu lembro que tinha um ritual, a gente entrava e a partir do momento que a gente fechava a porta a gente tinha um compromisso, então, de não entrar mais ninguém, porque a partir daquele momento se começava o grupo e as interrupções eram muito ruins para o processo que a gente ia instalar ali.

A gente se preparava, fechava todo o ambiente, por que era no refeitório. Era um grande salão que era o refeitório, então a gente tinha acesso por diversas portas, por diversas janelas, daí a gente deixava o ambiente mais protegido para as pessoas se sentirem à vontade de experimentar o corpo delas da maneira que achassem mais gostoso.... então a gente fechava, as pessoas batiam, dependendo da pessoa a gente até abria uma exceção, mas a partir do momento que entrou, fechamos a porta e começa o grupo.

[...] me lembro que tinha esse contorno e no final a gente também sentava em roda e aí a gente deixava as pessoas falarem, escreverem ou desenharem da melhor maneira... na linguagem que a pessoa achasse interessante, se quisesse... contando um pouco do que sentiu naquele dia ou no processo, porque algumas pessoas já estavam num processo ali...

Pra mim sempre foi muito prazeroso, enquanto pessoa experimentando o corpo, porque existia essa possibilidade, a gente estava ali num misturar de coisas. Então eu sabia que eu era terapeuta ocupacional, que fazia parte de um grupo junto com a psicóloga, então eu estava ali como co-terapeuta também, experimentando aquele espaço e dando conta daquele espaço, mas a vivência toda passava pelo nosso corpo. A gente também estava ali fazendo o alongamento, a gente não indicava o alongamento, fazíamos juntos. Fazíamos com o nosso próprio corpo a expressão corporal ou a dança, então também passava por nós, pelo nosso corpo o tempo todo... eu sentia um profundo prazer, um profundo relaxamento, porque era também um momento que eu escapava da lógica institucional do serviço... ali você se colocava num ambiente protegido e terapêutico para os usuários, protegido e terapêutico também para mim como trabalhadora... não tinha tanta interferência e a própria escuta da equipe... tinha esses feedbacks: “ai, que legal! Nossa, parece ser divertido, parece ser legal!”. Também trazia um certo conforto para o momento em que eu me encontrava dentro do CAPS profissionalmente... dificuldades com a gestão, dificuldade de colocar uma clínica um pouco mais ampliada, de pensar o usuário para além, de um sintoma, de um diagnóstico, ver realmente as potencialidades, falando mais da parte da terapia ocupacional mesmo e da clínica do trabalhador em saúde mental.

[...] tinha todo um cuidado com o ambiente, acontecia geralmente de manhã. Eu lembro que eram diversos usuários, dos mais comprometidos aos mais autônomos,

era bem diverso, diversa idades, gêneros e até diagnósticos, porque a idéia era mesmo a experimentação corporal. A experimentação com música, a consciência corporal.

[...] acho que por ser um grupo, que não tinha um... que não tinha um objetivo, assim, no sentido de não ter uma meta para ser cumprida naquele encontro... a produção que a gente precisava ter era uma produção de encontros. De encontro com o corpo, com o outro que não envolvia, necessariamente um fazer objetivo. O que também não traz tanta expectativa para o próximo encontro. Então eu acho que foi um grupo bastante diferente.

Era uma forma de poder contemplar uma expressão que não precisasse passar pelo racional. A questão também de poder cuidar do próprio corpo, no sentido de pensar no próprio olhar, de poder olhar para como está se sentindo[...] (Elise, T.O., entrevista realizada em 18/10/2013).

“ Eu dançava, ia pra lá, ia pra cá. Eu dançava. Era aquela festa, sabe?

Começava e tinha um horário pra terminar. Tinha um horário pra começar e tinha um horário pra terminar. A aula era bacana, eu achava legal. Eu acostumei até. Eu não faltei em nenhum, não faltava em nenhum.

Ah, a gente dançava. A gente dançava.

Tinha, tinha bastante gente. Participava muita gente” (João, usuário, entrevista realizada no dia 06/12/2013).

“ Encontro Explosão

- *Alongamento*
- *Alongamento em dupla*
- *Exercício de força (dupla)*
- *Exercício de contaminação de força.*
- *Exercício de contenção de força.*
- *Explosão com dança, música e corrida.*

O grupo está disperso desde o início, 2 pessoas saem durante a atividade especialmente nos exercícios em duplas.

A explosão acontece com muita potência com as pessoas muito livres e expressivas.” (Diário de Implicação do dia 22/10/ 11).

“O que mais ficou pra mim desse grupo foi a intensidade do encontro com o corpo do psicótico, desse não reconhecimento do corpo, pra mim ficou muito forte quanto a nossa intervenção se fazia necessária muitas vezes pra que os participantes conseguissem enxergar o seu corpo. Eu achava muito intenso e muito rico, mas também às vezes, muito denso, por esse contato tão direto, quase que íntimo com o corpo do outro. Então o que mais me marcou dessa experiência foi isso, a intensidade...”(Clara, psicóloga, entrevista realizada em 06/11/2013).

“Ah, tinha alegria. Todo mundo alegre. Todo mundo fazia seu gesto, o que for. A brincadeira.

O corpo. Fazia ginástica, brincadeira, né? Muita brincadeira.

Ah, ficava mais alegre.

No grupo. Todo mundo brincando, lá no samba do som.

No rádio tinha música. A gente divertia. Era um grupo alegre” (Valdir, usuário, entrevista realizada em 06/12/2013).

“Lembro-me bem deste dia. Elise me acompanhava. Chego para a atividade muito animada e desde o início vou improvisando a maneira de conduzir os exercícios de alongamento, mantendo o silêncio. Os participantes me acompanham sem hesitar, muito atentos e juntos. Vou gostando deste jogo de levá-los comigo, me comunicando corporalmente e as vezes até dirigindo algum tipo de orientação mais específica sobre o exercício sem a fala. Em algum momento um dos participantes se confunde com o exercício fazendo uma figura corporal engraçada, meio disforme, como que brincando de fazer pose. É imitado por outro que também se confunde e por outro que percebe as confusões e resolve imitar, brincando. Pronto. Começamos o jogo. Imito também e assim todos os demais. Entramos em fluxo de imitar o imitador sem saber quem começou a brincadeira. Experimentamos formas e tempos e depois deslocamentos e ritmos de maneira lúdica e atenta. Muitas qualidades de movimento espontâneos surgiram e foram investidas neste “imitar”, que era mais um deixar-se contaminar pelo movimento do outro que uma mera repetição da forma. Mantive este jogo acrescentando a música como estímulo. Aproveitei o clima descontraído para trazer músicas mais familiares e dançantes. Todos gostaram disto e o grupo reage com saltos e giros. Um verdadeira festa. Termino o encontro no auge e abro a porta repentinamente, deixando-os saírem quase que dançando e cantando ainda. Saio, eu também, cantando e dançando por dentro” (Trecho do Diário de Implicação do dia 05/11/2010).

“Eu achei bom para o meu tratamento” (Pedro, usuário, trecho do Diário de Bordo 21/05/2010).

“[...] depois de um tempo a gente instituiu o alongamento inicial sempre para dar uma aquecida, uma esquentada e até para ir fazendo essa conexão com o corpo. Então ver tudo o que estava ali no espaço e dar uma acordada na musculatura ... muitos ali não faziam exercício nenhum e isso podia até prevenir alguma lesão. E eventualmente a gente levava músicas pra fazer coisas espontâneas, se eu não estou enganada, às vezes a gente passava algumas coisas, então, de movimentação corporal, um em outro, massagem, bolinha de tênis, usando coisas sensoriais, para eles irem entrando em contato com o próprio corpo e com o corpo do outro também. Acho que esse negócio de tomar contato com o corpo do outro a gente foi bem ousada... E lembro depois, depois de sair um pouco só da coisa do corpo: alongamento, mexer algumas coisas, acho que a gente foi evoluindo para levar idéias. Então teve uma vez que a gente fez aquela coisa do: “imagina que você está num lugar tal, qual a primeira coisa que vem a sua cabeça.” Ai eu lembro de uma guria que contou a experiência que carregava uma bacia com as roupas. Acho que era isso. Então assim, a gente começou a extrapolar só ficar na coisa de vamos mexer o corpo para vamos mexer o corpo a partir das lembranças, a partir dos sentimentos que vem, das memórias, do que dá vontade de fazer.

[...]Então teve essa música que despertou um sentimento de pôr uma coisa agressiva para fora, que ninguém se agrediu ali, mas teve gente que bateu na parede, tentou muito, deu chute no ar, então eu tenho essa lembrança do que a

gente fazia. E de depois tentar dar uma continência final pra tudo isso pra não ficar uma coisa solta, no ar. Então a gente abria um espaço, uma roda de conversa pra cada um falar o que quisesse e no final, depois de um tempo aí, que acho que foi no final que eu estava, teve o caderninho que cada um podia pôr alguma coisa que quisesse sobre o grupo daquele dia” (Tainá, psicóloga em entrevista realizada em 28/11/ 2013).

Retomando: o que se passou?

“Somente a expressão nos dá o procedimento”.
(DELEUZE e GUATARI *apud* PASSOS & BARROS, 2009, p. 150)

Após esse mergulho caótico nas texturas do que se passou em alguns dos corpos envolvidos na experiência/grupo de dança e em algumas reverberações enquanto formas escritas que aqui se esboçam, buscarei explicitar, mais claramente, alguns dos procedimentos práticos utilizados durante os encontros do grupo.

Tais procedimentos serão apresentados no formato de *Séries* que, conforme nos indica Liberman (2010, p.123), “são guias que permitem desenhar linhas metodológicas de processos sempre em andamento, e pousar a atenção sobre alguns dos seus movimentos”.

Cada série apresentada trará um campo prático específico, além das proposições, provocações, inspirações e movimentos que cada um desses campos implica. Os temas abordados nas séries devem ser lidos sempre em composição, no entrecruzar e alternar entre si, constituindo uma rede de procedimentos e intervenções possíveis. Sendo assim, a série não se desenrola como um roteiro fixo, ou como manual, mas busca explicitar um campo composicional, em que determinados exercícios e práticas são incorporados com o intuito de trazer à cena um campo de forças.

Nas palavras de Liberman,

Os acontecimentos se misturam nas séries: cada experimentação se configura como processo único, tomado por campos de forças singulares e que podem, com base na reflexão e em uma necessidade de organização e análise, reunir-se em certos

agrupamentos, com objetivo de enfatizar este ou aquele aspecto que pode predominar ou, no mínimo, permitir ao leitor certa compreensão de processos vividos muitas vezes impossíveis de apreender pela consciência. Não é tudo que se pode dizer por palavras. Em alguns procedimentos, pouco se fala (LIBERMAN, 2008 p. 41).

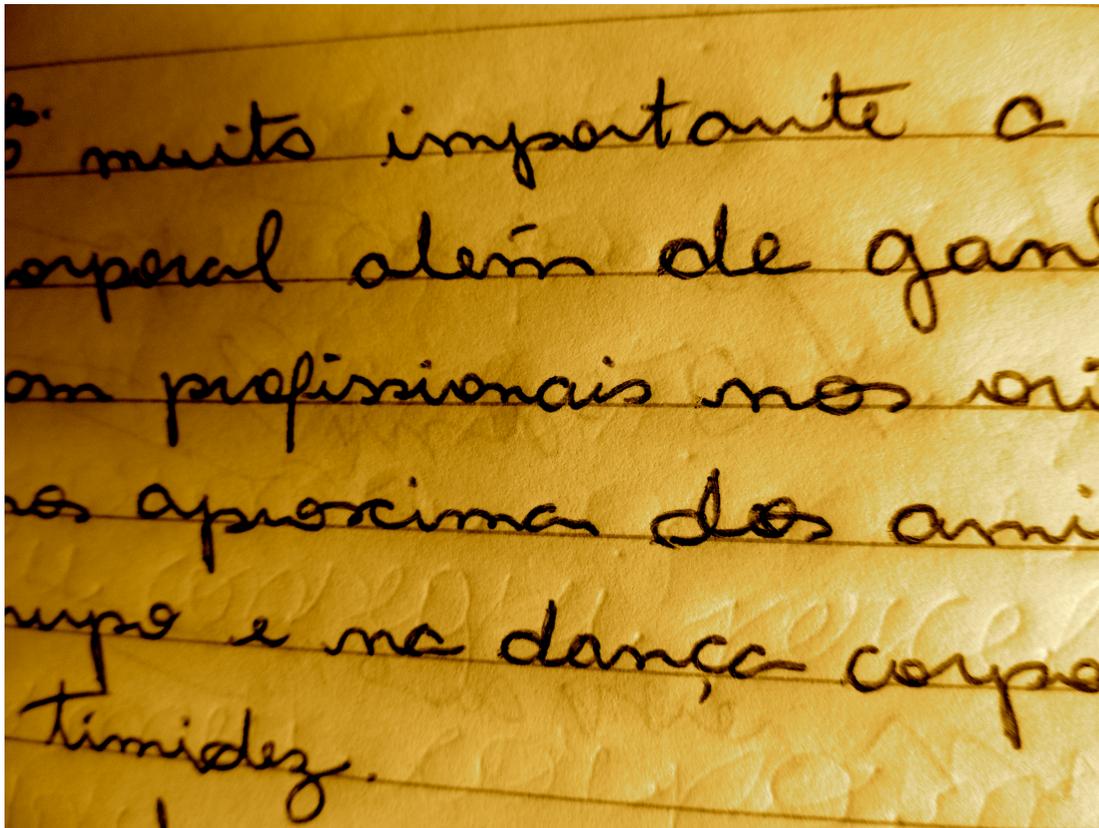
Neste sentido, os exercícios propostos são referendados por diferentes técnicas híbridas, comuns às abordagens da dança contemporânea²⁵, as quais fazem parte do repertório das minhas experiências práticas em dança. Trata-se de um trajeto de formação em dança inscrito em um corpo psicóloga/dançarina, compondo outros percursos em dobras e hibridizações de técnicas experimentadas em cursos, oficinas, workshops e processos criativos em dança, ao longo de 15 anos de prática e formação nessa área. São técnicas de improvisação, aquecimento, jogos relacionais e adaptações de exercícios de vários autores que percorrem a pesquisa do movimento na dança contemporânea.

Nesse contexto, as técnicas são usadas como meio e não como fim (MILLER, 2012) e nos permitem experimentar, no corpo, estados de abertura e composição, tendo como premissa a construção de espaços relacionais, que permitam experimentar o movimento a partir de uma escuta sensível à diferença, acompanhando suas variações e desvios.

Importante salientar que aqui as séries são também efeito do acesso à minha própria memória intensiva, de forma a trazerem, consigo, antes de qualquer síntese, vibrações.

²⁵A dança contemporânea surge na década de 60 como uma forma de protesto e rompimento com a cultura da dança clássica tradicional. Conforme Miller, essa abordagem da dança “abriu caminho na década de 60 com as propostas de múltiplos artistas da Judson Church em Nova York, ganhou corpo na década de 70 e ganhou visibilidade no Brasil na década de 80.[...] Nas décadas de 1970-1980, dança incorporou as influências dos movimentos da contracultura e do pós modernismo, dando voz às minorias e incluindo na cena diferentes tipos de pessoas, de padrões corporais e de experiências de movimento. Essa tendência à incorporação trouxe a relativização dos critérios sobre técnica, qualidade da obra e sobre o próprio conceito de dança”(MILLER, 2012, P. 62-63). Ainda segundo a autora, a hibridização e mestiçagem de técnicas e linguagens é uma característica forte da dança contemporânea, que vem desconstruindo cada vez mais as bordas entre formas artísticas atuando em um limiar instável entre dança e teatro, ou mesmo entre diferentes estilos de dança como o butoh, a dança moderna, o ballet clássico, a capoeira, o circo, entre outros. Entretanto, apesar dessa concepção híbrida da Dança Contemporânea em seu surgimento, há na atualidade uma luta micropolítica que se instaura na prática para que esta nova concepção não seja capturada em padrões estéticos, como muitas vezes acontece, tornando a prática do dançarino escrava dos próprios padrões que a dança contemporânea tenta romper.

Série Chegar ou Acolher



* Foto de registro em Diário de Bordo – Arquivo pessoal.

“Nós sentava, nós chegava na hora, nós sentava, apresentava, nós se apresentava na roda e depois nós conversava, nós conversava com vocês, vocês explicava pra gente como é que era, tinha um som lá, era na parte da tarde.”
(Marcos, usuário, entrevista realizada em 06/12/2013).

O chegar está muito ligado à preparação do ambiente e do corpo para o início da prática. São rituais de chegada, rituais de entrega e contratos de cumplicidade. Fazem parte desses rituais a preparação da sala, o descalçar (ou o não aceitar descalçar em muitos casos), o deixar seus pertences ao lado, o vestir ou o descamar roupas, acessórios ou aquilo que

compõe o corpo pela borda externa, a roda de apresentação e o delinear dos contratos daquele encontro.

São contratos delicados e sutis, pautados no respeito mútuo e em regras singulares criadas a partir das necessidades do dia ou de cada corpo, em alguns contextos. São contratos de entrada e saída, contratos de um fazer junto sem pré-requisitos, em que cada um é acolhido naquilo que ‘pode fazer’ e não apenas naquilo que ‘sabe fazer’.

Estão presentes nessa série os contornos do grupo. A pele. A borda.

Aquilo que desenha um formato sempre mutante. O cuidado de um contorno possível em criar a cumplicidade necessária para que trocas se estabeleçam num jogo de entrega.

Acredito que este momento do trabalho se tornou, desde o início do processo, um modo de colocar os participantes em um estado de atenção diferenciado, posto que, desde o início, deixávamos claro que estávamos ali para construir juntos um partilhar das experiências a partir do corpo

“Então a gente fazia uma roda, geralmente se tinha uma pessoa nova, uma pessoa que não conhecia o grupo, a gente estimulava a apresentação de todos, o que estava fazendo ali, o que sentia, o que gostava e também os contratos do grupo, de tentar falar o mínimo possível na hora do... não do relaxamento, mas do alongamento, da preparação do corpo para experimentação, então evitar ficar conversando muito e se concentrar no seu corpo, tentar sempre olhar para o movimento dos terapeutas e dos colegas”(Elise, TO, entrevista realizada em 18/10/2013).

Assim, quando iniciávamos a proposta dizendo *“tentaremos nos comunicar pelo olhar, pelos gestos ou por outras formas de contato que não apenas pela fala”*, conforme aparece no relato de Elise, estabelecemos um pacto, uma promessa, um convite e uma curiosidade em experimentar esse novo jeito de estabelecer uma relação com as terapeutas e com o CAPS. Assumimos, assim, uma postura que implica compromisso e disponibilidade para estar ali.

Este acolher pautado em um contrato claro e transparente com relação ao que se espera do processo está em consonância com um modo de proceder na clínica e na arte, em que o que se faz é compor em processo os limites e as bordas da prática, expondo sua vontade de se fazer em movimento a partir dos afetos que cada encontro pode produzir, conforme nos colocam Passos e Barros

Na clínica e na arte, devemos acompanhar os movimentos afectivos, encontros que engendram existências. Experimentamos essa zona de indeterminação que se dá entre os corpos, nos encontros. Habitamos essa terra de ninguém, que precisa estar constantemente sendo fertilizada já que não é uma terra pronta, mas bem mais uma u-topia (PASSOS & BARROS, 2006, p. 08 - 09).

Desta forma, ao convocar os usuários a nos acompanhar nesse “inventar uma dança”, uma comunicação, um contato, um fazer diferente a cada encontro, colocamo-nos juntos em estado de escuta e criação, convidando cada corpo a estar presente como o que tem e o que pode na dança que será aí semeada.

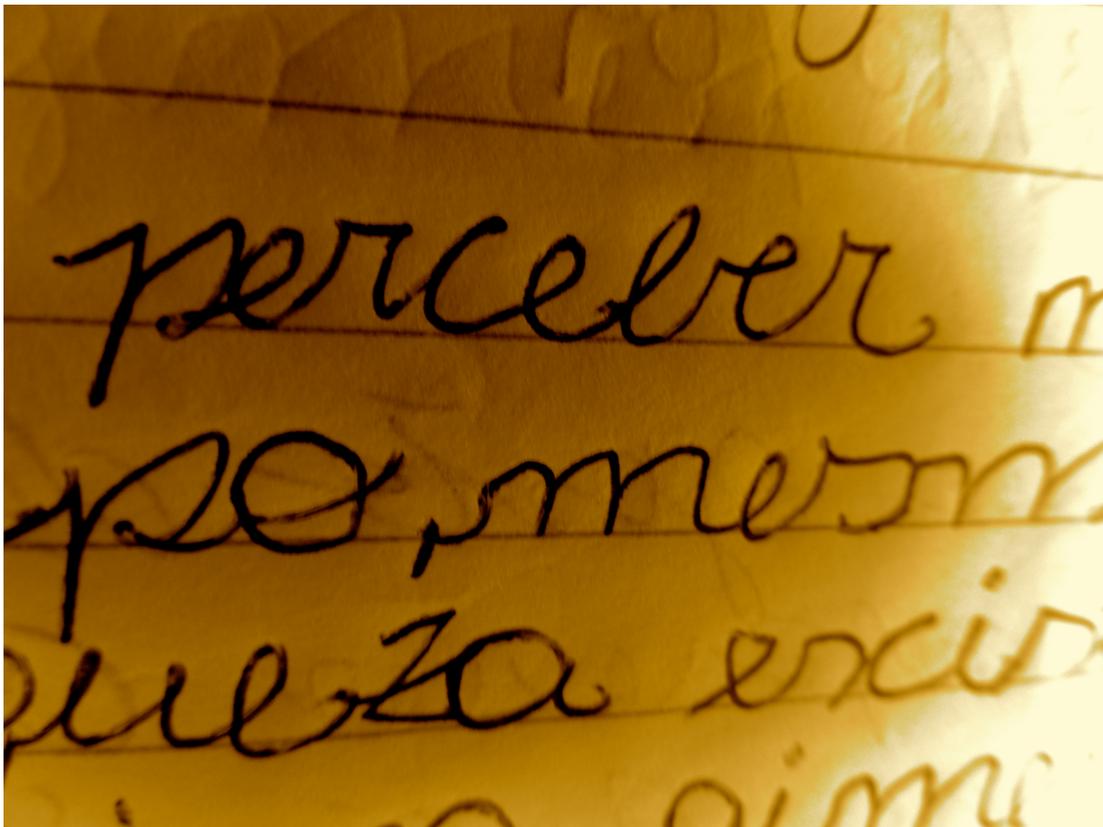
Ao longo dos dois anos desse processo, pude acompanhar a incorporação por parte dos usuários desse modo de apresentar a prática do grupo, constatando o quanto isto acabava funcionando como um suporte e continência em momentos que ela se fez necessária, como, por exemplo, um dia em que uma usuária que estava internada no CAPS em crise, entrou no grupo. Por estar agitada, não conseguia manter-se em silêncio, apresentando falas delirantes repetidas, com dificuldade em ouvir minhas orientações e permanecer na roda de apresentação. O trecho abaixo ilustra essa cena

“Aos poucos o grupo toma para si a tarefa de acolher e dar continência para Elisângela, explicando a ela como era a dinâmica daquele espaço. Walmir fica muito incomodado com a presença alterada da colega e é o primeiro a dizer: “viu o Elisângela aqui a gente não fica conversando, a gente fica quieto pra prestar atenção nos exercícios”, em seguida outros se somaram pontuando a ela o quanto estava difícil permanecer na sala, o quanto ela não estava bem naquele dia... Mariana finaliza a conversa dizendo “esse grupo tem toda semana porque você não vai descansar agora e volta semana que vem ou quando você estiver melhor, acho que vai ser melhor”. Em seguida, me pergunta se poderíamos abrir a porta para ela

sair. Acompanho Elisangela até a porta e antes de sair ela me diz “eu não consigo ficar quieta mesmo, nem semana que vem, só se for outro dia, vou dar uma volta lá fora”” (Trecho do Diário de implicação do dia 20/08/2010).

Considero, portanto, que este espaço foi se tornando, aos poucos, um ritual que se estabeleceu em todo o processo, sendo cuidadosamente lapidado a cada encontro para que a chegada pudesse ser construída como uma chegada de corpo inteiro. Uma entrega.

Série Aquecer ou Primeira Escuta



* Foto de registro em Diário de Bordo - Arquivo Pessoal

O aquecer está ligado à capacidade de conectar-se ao próprio corpo e ao coletivo ali presente, preparando-se para as experimentações de cada dia. Conforme Liberman,

O aquecer na clínica tem, então, o sentido de preparar para as experimentações; ao mesmo tempo, os exercícios são acontecimentos permeados por diferentes modos e qualidades de aproximações.

Algumas dinâmicas funcionam como inaugurações dos territórios da corporeidade, dos efeitos produzidos e criados por este tipo de clínica, mas também encerram em si uma abertura para o conhecimento – frequentemente provocativo e perturbador –, que procura adentrar em territórios pouco familiares ou habituais (LIBERMAN, 2008, p.55).

Neste sentido, fazem parte da proposta diversos exercícios individuais ou coletivos, como alongamentos, relaxamentos, massagens, jogos e gestos. Tudo que possa facilitar o acesso ao corpo presente, permitindo o reconhecimento e a escuta do próprio corpo, do coletivo e do ambiente.

Segundo Miller (2012, p. 49), “constrói-se corpo presente por diversas estratégias e procedimentos diferenciados cuja premissa é a escuta do corpo”. Aqui as técnicas são utilizadas sempre como modos de instaurar estados de atenção e prontidão, facilitando a imersão e o contágio na experimentação e pesquisa do movimento. Pretendem-se instaurar estados de escuta do sutil e do transitório em cada corpo – “A escuta do instante, o nascimento constante do instante” (MILLER, 2012, p. 66).

Nesta perspectiva, quando propomos atividades de chegada, como espreguiçar, alongar, massagear alguma parte do corpo, sentir o apoio dos pés no chão, sentir o peso do corpo no chão, sentir a musculatura mais tensa ou mais relaxada, fazemos como possibilidade de abertura de espaços intramusculares e intrapessoais, pois sentir-se presente em seu corpo, em sua respiração, em suas dores e encurtamentos, em sua pele, é um chamado para estar presente também no espaço, no tempo e naquilo que ocorre fora do corpo, que são as relações, o entorno. Conforme nos diz Miller (2007, p. 61-62), o corpo presente possibilita o estado “ao

vivo, ou seja, espontâneo, atento aos acontecimentos e sensações do tempo presente. É como se pedisse em voz ativa e presente: *Desliguem o piloto automático!*”.

Tais exercícios, embora muitas vezes fossem de execução simples, são, para muitos participantes, grandes desafios, seja por dificuldade de integração corporal, seja por dificuldade de tocar esses espaços intra/entre corpos, percebendo-se presente naquela situação de experiência. A fala de Clara aborda algumas dessas dificuldades

[...]eu ficava tocada com algumas coisas que eu via. Perceber como o sofrimento psíquico desagrega o sujeito e ver que a pessoa não consegue colocar a mão no cotovelo, nem olhando pra você do jeito que você está fazendo. Ou perceber que não teve outros espaços na vida pra brincar... porque também rolava isso, acho que às vezes o grupo era uma brincadeira... eu ficava muito tocada, assim, sensibilizada em perceber o quão precária era a existência de algumas daquelas pessoas, precárias de experiência mesmo”(Clara, psicóloga, entrevista realizada em 06/11/2013).

Neste trecho, Clara ressalta uma dificuldade comum naquele contexto: muitos dos participantes tinham pouca (ou nenhuma) vivência com práticas corporais em que se colocam em uma postura mais ativa perante seu corpo – como tocá-lo, massageá-lo ou reconhecer seus membros e seus espaços articulares –, sendo necessário, em alguns momentos, um trabalho de espelhamento (ou cópia) do movimento das condutoras, para, então, nomear e agregar qualidades de movimentos ao seu próprio corpo.

Para tanto, esse momento da atividade exigia um enorme cuidado das condutoras para desbloquear algumas resistências corporais, abrindo possibilidades, às vezes com o toque, às vezes com um ajuste em uma posição de alongamento proposta pelo exercício, às vezes com uma pressão na pele ou até a utilização de outros recursos – como bolinhas de tênis no lugar do toque das mãos –, para propiciar maior consciência do corpo e do movimento.

Isto no tempo de cada um, com a sutileza de perceber o que cada corpo suporta ou autoriza nesse processo. Em alguns casos, o toque poderia ser muito invasivo, então as orientações tinham que ser feitas apenas verbalmente; em outros casos, o corpo não suportava

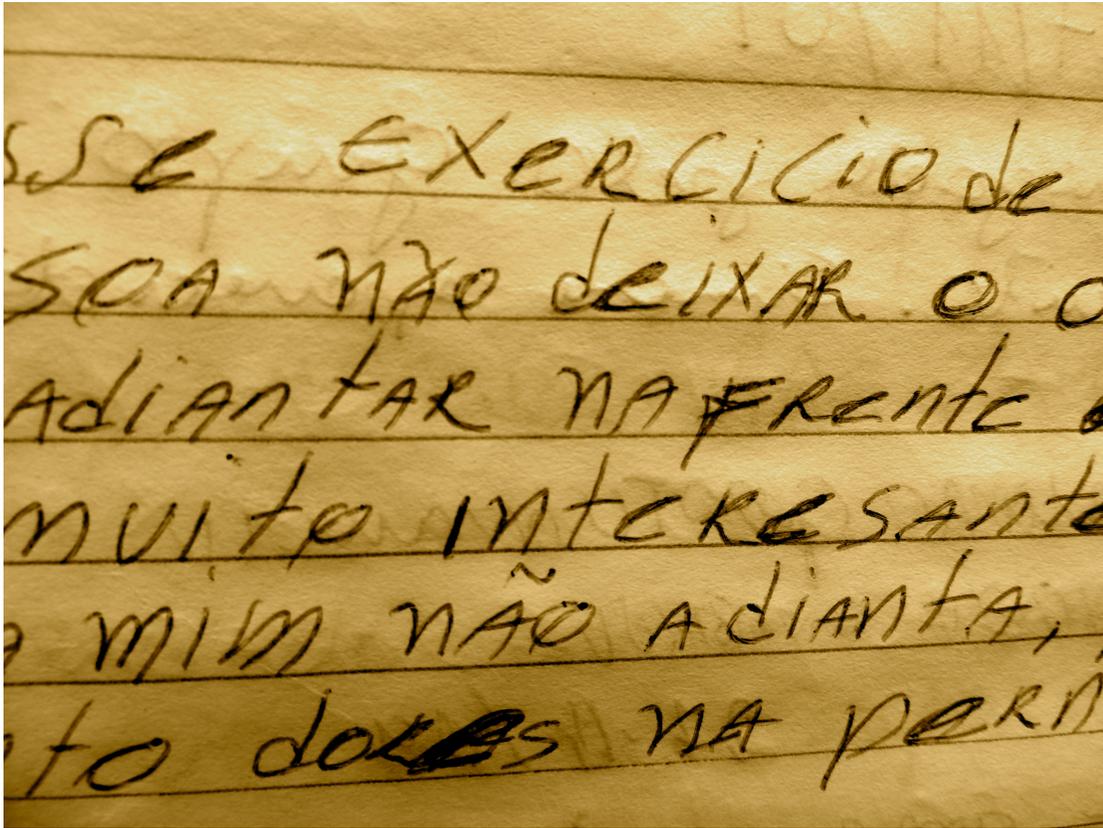
vivenciar a dor da tensão muscular causada por um alongamento e precisava ser encorajado a experimentar o exercício de outro modo, com menor intensidade, por exemplo. Em todos os casos, havia um trabalho delicado de entender, em ato, o que cada corpo ali presente carecia e poderia oferecer. Desta forma, ao logo do processo, os exercícios – ou o modo de proceder – foram se tornando mais conhecidos, quebrando alguns tabus, como a dificuldade do toque, tornando esse momento um pouco mais fluído.

De todo modo, considero que este espaço foi sendo construído semana a semana. Tenho muito viva a memória da primeira vez em que todos os presentes descalçaram os sapatos e se propuseram a estar de pés no chão naturalmente, sem que precisássemos insistir ou explicar o motivo disto, lembro-me da alegria deste momento e de perceber, nessa sutileza, o quanto o processo se afirmava enquanto uma prática legítima para os usuários.

No trecho a seguir, podemos constatar um recorte desse trabalho de imprimir outro modo de estar com seu próprio corpo, criando novas possibilidades de se perceber habitando o tempo/espaço deste corpo para estar mais presente e ativo em uma experiência. Deixando-se tocar.

“Eu lembro do Walmir... o quanto ele, por exemplo, lidou com algumas coisas. Como foi para ele sentar no chão, as dificuldades corporais que ele tinha, se permitir essa coisa de colocar o pé no chão e sentir outra textura. Foi muito aos poucos e foi duro pra ele, mas acho que aos poucos ele foi conseguindo quebrar umas amarras... ele ficou nesse grupo até o fim. Tinha uma mulher, eu não lembro o nome, que quase dormia em pé em algumas sessões, que tinha uma época que ela estava muito regredida, muito mal. Ela vivenciava o grupo de expressão corporal com música, barulho e movimento quase dormindo em pé mas ficava lá, tentando acompanhar e fazer junto. Não sei se você se lembra, ela fazia assim, quase caía para frente. Então assim, eu tenho muita lembrança de vivências muito fortes que vinham pelas emoções que despertavam ali dentro. E o quanto isso estava ligado ao corpo, que para eles é tudo desconectado. Então acho que talvez por isso que viesse tanta vivência, pela desconexão que parecia que ia religando ali naquele momento, de sentir coisas no corpo e essas coisas trazerem repercussões...”(Tainá, entrevista realizada em 28/11/2013).

Série Mover ou Provocar



* Foto de registro em Diário de Bordo – Arquivo pessoal.

“...e aí num segundo momento a gente entrava com a música, e entrava então mais com a parte de expressão corporal mais livre... e era a hora que, assim, o CAPS inteiro escutava e todo mundo queria entrar. As pessoas ficavam curiosas, queriam participar, eu lembro fortemente das meninas do apoio, da higiene, que elas falavam assim: “ah, deve estar uma delícia aí dentro, a gente acaba dançando aqui fora, dá uma curiosidade”
(Elise, entrevista realizada em 18/10/2013).

Nesta série, iniciamos propostas de movimentações a partir de jogos individuais e/ou coletivos, com o intuito de experimentar deslocamentos, pausas, impulsos, força, peso,

entre outras, na perspectiva de provocar desestabilizações e quebras em movimentos corporais cristalizados.

As atividades baseiam-se na experimentação do corpo em movimento, gerando fluxos de variações, entre lentidões e velocidades, movimentos de expansão e recolhimento, o espaço (ambiente) e as dinâmicas dos corpos. Trata-se de mover-se para (re)conhecer o espaço, (re)conhecer o outro e (re)conhecer-se outro. Criando configurações instantâneas em formas-corpo e formas-espaço, imprimindo sentidos outros que potencializem o ato de dançar.

Aqui, mover-se ou dançar atualiza-se enquanto se faz, é uma hibridização do que está dentro com o que está na pele, e o que está fora, e também no outro. Movimento que é percebido pelo movimento. É imanência. Nas palavras de José Gil, “é o movimento que dá sentido ao movimento” (GIL, 2005, p.44).

Ao desestruturar códigos conhecidos do corpo cotidiano, possibilitamos a expansão desse corpo para outras formas de conexão com vida ou com o tempo presente da vida, posto que a vida se inscreve em cada corpo (MILLER, 2012) e é a partir dele que estabelecemos modos de estar no mundo.

Os automatismos corporais não se manifestariam apenas nos movimentos externos do corpo, nos seus gestos mecânicos e estereotipados. Eles atuam em nível microfísico, por exemplo, no nascer de uma sensação e no modo como esta é rapidamente nomeada, classificada, interpretada, trazidas para o campo do já conhecido. (QUILICI, 2004, p. 200).

Para este autor, aquilo que reconhecemos como nosso fazer espontâneo está misturado à rapidez do pensamento/ação mecânica aprendida e padronizada. Ao interromper (ou desestruturar) essa mecanicidade, podemos dar passagem a outros fluxos que conduzem a ações mais expressivas, conectando o corpo a um pensamento que se dá por outros sentidos. Pensamento que se faz no corpo e que, através da dança, conceitua e compreende. Em um tempo da espera do que vai suceder àquela nova situação em que o corpo foi lançado.

No mesmo sentido, Klauss Vianna aborda a necessidade de acordar o corpo desestruturando padrões para, a partir de um corpo ativo, implicar outros modos de apreender a vida e o contexto em que estamos inseridos

Em geral, mantemos o corpo adormecido. Somos criados dentro de certos padrões e ficamos acomodados naquilo. Por isso digo que é preciso desestruturar o corpo; sem essa desestruturação não surge nada de novo. Se o corpo não estiver acordado é impossível aprender seja o que for. (VIANNA, 2005, p. 62 *apud* MILLER, 2007, p.55).

Este processo pode se dar a partir de ações simples em que os comandos são claros mas as ações/reações são imprevisíveis, por exemplo: “experimente mover-se de olhos fechados deixando os sons da sala contaminarem seu movimento”, “andem pelo espaço olhando a sala como se fosse a primeira vez que estivessem aqui, encontrem algo que vocês nunca tinham percebido na sala e dancem com isto”, “vamos tentar dançar em silêncio mas se comunicando com o outro através do corpo”, “vamos tentar nos deslocar pelas laterais do corpo”, “deixem as mãos livres e dancem com a ponta dos dedos, a partir dos dedos o movimento contagia o corpo”, “vamos ocupar todos os espaços vazios da sala, não pode haver nenhum espaço vazio”, “vamos nos deslocar apenas pelo meio da sala, todos ao mesmo tempo e o mais rápido possível”, “vamos dançar com a face, com língua, com o globo ocular, fazendo caretas”, “vamos tentar entregar o peso ao chão e dançar com todas as partes do corpo, deixando o corpo o mais entregue possível”, “vamos nos deslocar como animais, cada um escolhe o seu e incorpora como esse animal dançaria”, “em duplas, vamos nos movimentar em espelho, um será o espelho do outro”, entre outros tantos exercícios em que terapeutas e usuários experimentavam provocar novos lugares no corpo e no espaço.

Tais propostas de ruptura com os movimentos automatizados, através de novos jogos e dinâmicas, acabam por permitir que cada um encontre sua dança, seu movimento e sua expressão, mantendo a atenção ao entorno sem buscar a movimentação ideal, ou a mais bonita, ou a mais correta.

Não há, em todo esse trabalho, uma forma ideal de dançar; o que tentamos propor é a busca por uma expressividade singular, dos movimentos singulares que compõem a história de cada corpo. Sendo assim, o corpo imerso na loucura ou em um estado de sofrimento psíquico severo – como a maioria dos casos do CAPS – também pode experimentar o descobrimento de sua dança em movimentos menos automatizados, menos amortecidos pela mecânica do corpo cotidiano passivo.

É importante salientar que, em muitos casos, o corpo marcado pela permanência em estado de sofrimento psíquico pode apresentar crivos muito fortes de uma história de loucura também em seu corpo, mantendo um estado de ausência ou cisão corporal ainda maior. Não é incomum, por exemplo, visualizarmos, nos usuários do CAPS, corpos muito tensionados, entortados ou disformes pela imensa desagregação a que estão submetidos.

Em outros casos, vemos fortes marcas do uso de medicamentos psicotrópicos a longo prazo, causando efeitos colaterais refletidos em reações como tremores de extremidades, lentificação, dificuldades em articular a fala, entre outros comprometimentos motores. Em outros, ainda, podemos ver um certo transbordamento da loucura através de movimentos corporais estereotipados, repetitivos ou alucinados, como se o corpo todo delirasse fazendo vazar palavras por todos os poros.

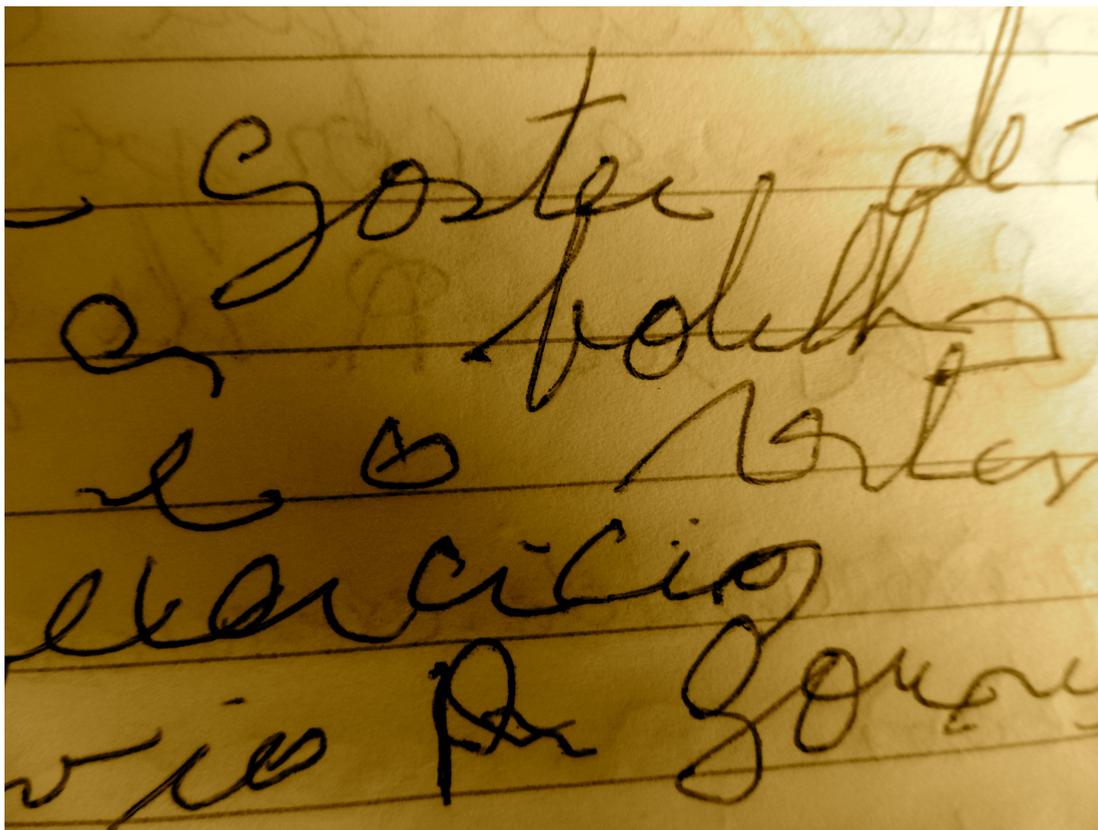
Em todos esses casos, na experiência dessa prática, pude visualizar a imersão em um estado de dança como potencializador de novas possibilidades de se relacionar com o próprio corpo e seus movimentos, mesmo quando estes são tomados pelo impulso enlouquecido de um delírio ou de uma vivência desagregada. Nesses momentos, desestruturar o corpo pode, inclusive, funcionar como um fator desacelerador, capaz de exercer, mesmo que por alguns instantes, um tipo de contenção daquilo que está vazando. Como o imprimir de um fluxo mais lento e coeso ao corpo. Um concentrar-se em ocupar-se de seus próprios gestos e formas-corpo.

Trata-se, portanto, de um abrir-se à escuta do próprio corpo em movimento, do ambiente, do movimento do outro e, nessa escuta, desestabilizar códigos motores conhecidos

e cristalizados. Desta forma, não há regras ou especificidades na maneira de proceder essas quebras; o que se apresentou, na prática, foram formas diversas de incidir nos corpos outros modos de ser/estar presentes no corpo e no acontecimento em movimento.

“A turma bonita fazia várias coisas, largava a mão, outro largava a mão. E eles queriam conversar, a posição de um bicho, de quatro, no chão. A capoeira, o corpo às vezes mais diverso, mas eu não sei fazer a continuidade, de um passando pro outro. Então faço alternativo, uma hora um, uma hora outro. Fiz diversos diferentes que eu conheço.”(Samuel, entrevista realizada em 06/12/2013).

Série trocar, tocar, olhar ou padecer com



* Foto de registro em Diário de Bordo – Arquivo pessoal.

Essa série expressa algumas das qualidades mais delicadas dessa prática, por estar pautada puramente na capacidade de afetar e ser afetado de cada corpo. Estabelecemos exercícios em que as relações entre os participantes são estimuladas a partir do toque, do olhar, de jogos de movimento e resposta, movimentos de cópia ou de contaminação pela movimentação do outro, entre outras possibilidades de dinâmicas que colocam os corpos em contato direto. Considero esta série a mais difícil de ser experimentada por implicar o maior grau de cumplicidade, entrega e sustentação.

Exigindo escuta afinada às vibrações do outro, tais exercícios baseiam-se em um certo “padecer” (MOTA LIMA, 2012), que consiste em deixar-se estar com o outro sem pretensões com o que pode ou o que deve acontecer, sem resultados esperados. Apenas estar ali, deixar-se estar, padecer com o outro. Não trato, aqui, do padecer como passividade; ao contrário, esses são exercícios em que se exige muita prontidão e atividade. Trato do padecimento como um deixar que algo aconteça. Às vezes, em uma pausa em que olhares se encontram, às vezes na respiração e no pulsar conjunto, às vezes em gestos pequenos, duas mãos que se tocam, deixar-se estar muito próximo do corpo do outro, um cheiro, o suor que escorre, os sons do corpo alheio...

São movimentos de interrupção, desestabilização e luta contra hábitos de como se relacionar corporalmente com o outro.

A cena abaixo, narrada por Diana, remete-nos a uma maneira de proceder a desestabilização de alguns desses padrões relacionais

“[...] eu lembro desse dia porque teve outra cena que me chamou a atenção. Porque você vem da graduação, recém-formada, e você tem muito essa separação entre terapeuta e usuário, até onde ir nessa relação, até onde não ir... mas eu lembro dessa cena em que a gente estava nos colchonetes e a gente fez duplas. E a idéia era passar a bolinha no corpo do outro, dialogando com aquele corpo pelo instrumento que era a bolinha de tênis. E aí eu fiquei pensando “que estranho isso”. Principalmente porque eu via eu, você e a Elise no grupo, né? “Nós somos terapeutas, nós vamos só fazer, e quando for a nossa vez de receber? Ok a gente deitar e receber?” Sabe? Essa coisa, essa relação que a gente aprende com o corpo

que talvez... pode ficar mais erotizado, a gente aprende isso eu tenho a impressão, sabe?

E lá eu vi outra coisa. Eu até fiquei espiando, porque teve uma hora que você deitou e eu lembro que o Aurélio passou a bolinha e eu fiquei só olhando. Eu pensei assim “vamos ver como a Bruna vai fazer. O que ela vai fazer disso? Vai deixar rolar ou tipo “não, aqui não passa”. E aí eu fui assistindo um pouco e vi que rolou solto assim, não era assim, não era disso que a gente estava falando.

Entrevistadora: *E então você deixou o usuário fazer o exercício em você também?*

Diana: *Deixei, deixei. Eu não lembro quem fez em mim, mas foi super tranquilo. Eu demorei mas fui me entregando aos poucos.”(Diana, T.O. , entrevista realizada em 24/11/2013).*

Nesta narrativa, Diana pontua sua dificuldade em se posicionar na relação com o usuário no exercício, baseada no que ela havia experimentado anteriormente como padrão estabelecido por uma moral imposta a priori, sobre aquilo que se pode ou não tocar e mobilizar no corpo do outro – neste caso, na relação terapeuta-paciente. Ao se permitir atentar ao que se esboça no grupo para daí “*deixar fluir*”, o trabalho de toque, podemos dizer, abre-se à escuta e instaura, na relação, uma frequência, um compartilhamento e uma cumplicidade nova.

Mais uma vez, está implicada uma “escuta como desestabilização e abertura, como risco e travessia” (MOTA LIMA, 2012, p. 11). Escuta que “deseja apreender aquilo que se dá a ver e pelas beiradas, pelos micromovimentos, pelos restos. É quase como acompanhar o crescimento vagaroso de uma planta” (IBIDEM, p.15).

Tratamos, portanto, do tocar para além do toque, são propostas/provocações que buscam abrir canais para aquilo que nos toca, aquilo que o outro nos provoca e aquilo que provocamos no outro. Gerar turbulências abrindo fissuras. Assim como nos fala Liberman: “A ideia é mesmo esta: romper cristalizações, anestesiamentos, paralisias no sentido amplo destas palavras, procurando de alguma forma “tocar”, produzir alguma turbulência entendida em sua positividade” (LIBERMAN, 2008, p. 135).

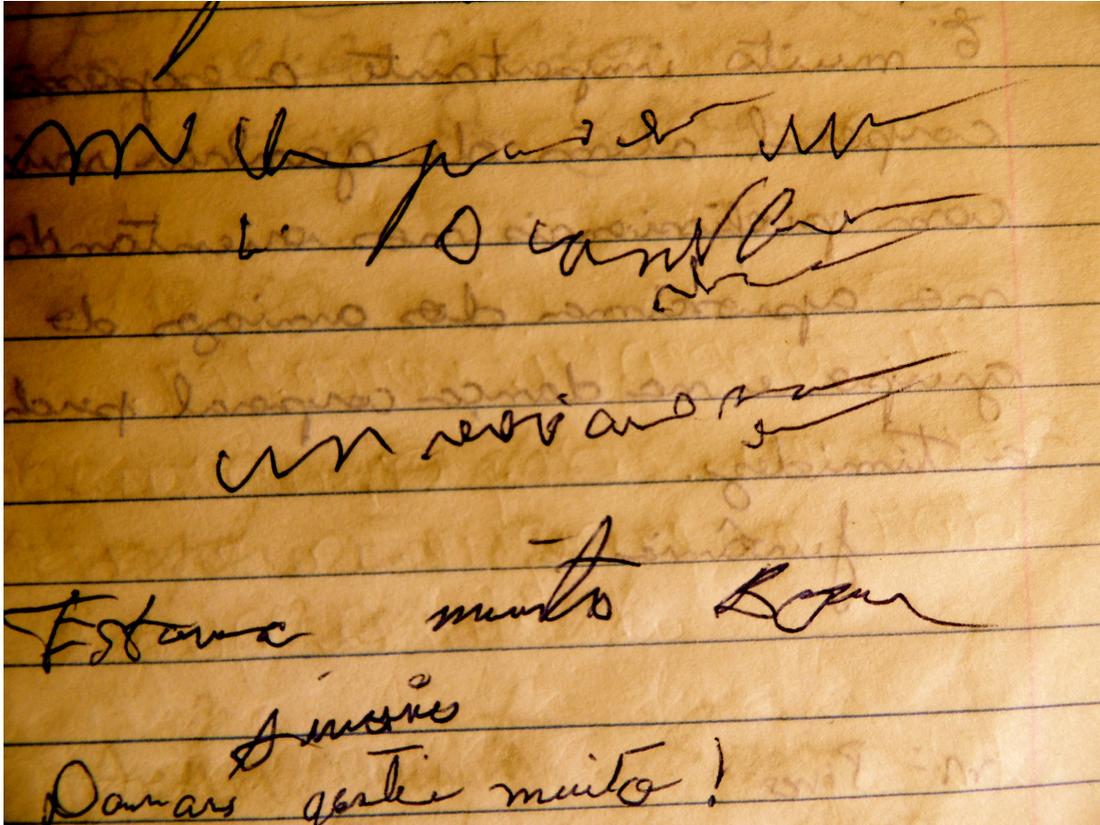
Produzir rupturas em um modo de conceber a relação de produção na clínica a partir da desconstrução das formas prontas de ser/estar nessa relação. Conforme nos sugere

Rauter, seria uma competência da clínica abrir passagens a outras maneiras de imbricar essa desconstrução, gerando processos de subjetivação menos individualizados ou interiorizados, criando outros modos composicionais decorrentes dessas rupturas. Haveria, portanto, uma necessidade de construção da clínica a partir desse desconstruir modos relacionais do “a priori” para agenciar novas formas de conceber a relação terapêutica no campo da clínica. Segundo a autora,

Trata-se de produzir rupturas no processo de produção e reprodução deste modo de subjetivação, rupturas essas referidas tanto a uma clínica produtora de interiorização quanto aos modos de subjetivação do cliente e do terapeuta. Assim, a adequação do cliente à intervenção Psi se constitui num problema, pois se trata de produzir uma ruptura nesta adequação mesma, tanto no que se refere ao cliente quanto no que se refere ao terapeuta (RAUTER, 1993, p. 04).

Importante salientar que tal posicionamento pode ser construído no cotidiano nos mais diversos settings onde a relação clínica está implicada, não sendo uma competência estrita das atividades comprometidas a intervenções não convencionais ou ligadas a atividades artísticas; ao contrário, trata-se de colocar novamente o exercício da clínica como um lugar potente para desconstruir relações e criar modos de subjetivação comprometidos com uma arte da existência.

Série Improvisar ou Transbordar Acontecimentos



* Foto de registro em Diário de Bordo – arquivo pessoal.

“A parte mais interessante era a parte que ficava livre pras pessoas poderem se movimentar como elas quisessem. Acho que essa era a parte mais intensa e mais interessante do grupo” (Clara, psicóloga, entrevista realizada em 06/11/2013).

“... a dança distraía a gente... mexia, distraía a mente. Parecia que... todo... parecia... todo mundo brincava, brincava igual criança nesse grupo” (Valdir, entrevista realizada em 06/12/2013).

Esta série é composta por movimentos que inauguram novos impulsos em lugares/corpo. São exercícios de treinar criação. São propostas mais livres baseadas em um deixar-se levar pelo movimento.

Conduzidos em alguns momentos pela música, em outros momentos pelo movimento do outro, outras vezes ainda por objetos presentes no ambiente (neste caso, o refeitório, onde se encontravam empilhadas cadeiras e mesas, junto com os objetos pessoais dos participantes, os sapatos, o rádio, os colchonetes, o Diário de bordo, algumas canetas, alguns quadros na parede, etc.), os participantes são convidados a explorar lugares improváveis de seus corpos, seus gestos, seus movimentos, atentos aos impulsos e àquilo que brota como efeito dessa entrega, ao que acontece desde o nível das células, àquilo que transborda como força criativa e faz transbordar acontecimentos. Assim como nos diz José Gil, "a dança compõe-se de sucessões de micro-acontecimentos que transformam sem cessar o sentido do movimento" (GIL, 2001, p.66).

Os acontecimentos de que tratamos aqui não estão baseados em grandes movimentos, em coreografias ou em movimentos belos e harmoniosos. Nesta concepção, é necessário que o corpo se transforme, conectado ao repentino de cada instante, em cada olhar, em cada passo, em cada parte do corpo. Sendo assim, um simples gesto, uma mudança na direção do olhar, um sorriso que se abre, um deslizar dos pés, um mover dos dedos, uma pequena e simples alteração, pode ser dispositivo para o acontecimento. A proposta é, portanto, estar atento ao que emerge no encontro, instaurando “um olhar que dê corpo a esses acontecimentos” (LIBERMAN, 2010, p.126).

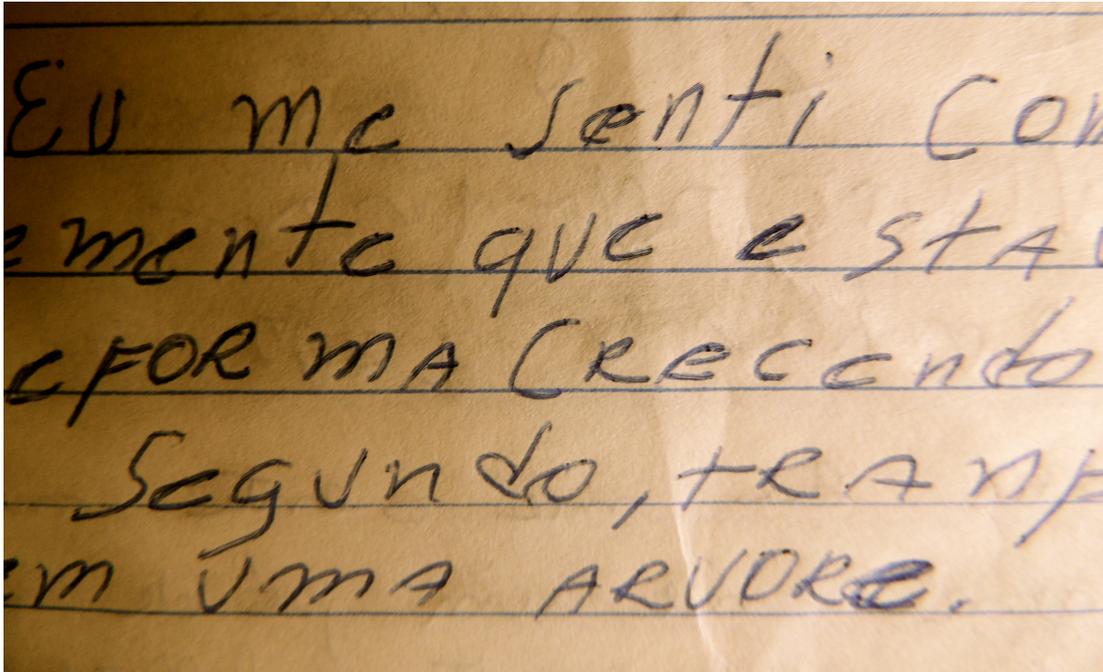
Normalmente esse momento da prática se desenrolava a partir de alguns temas ou propostas já experimentados no decorrer do encontro, por exemplo, se havíamos feito exercícios de espelho em duplas como aquecimento, poderíamos seguir para a improvisação a partir das qualidades de movimentos disparadas por este primeiro exercício. Ou, se havíamos experimentado jogos de cópia do movimento do outro, partiríamos para a improvisação carregando algumas das figuras que emergiram no jogo; enfim, a própria condução do trabalho, em si, exigia sempre uma boa margem de improviso, explorando as qualidades que surgiam a cada dia.

Nesse sentido, algumas vezes, experimentamos sequências lúdicas em que a improvisação fluiu naturalmente com tom de brincadeira e graça; em outros momentos, o grupo partia para uma movimentação mais instintiva, quase agressiva, mantendo uma atividade de energia intensa e explosiva. O trecho abaixo traz a apreensão das sensações que me atravessaram em um desses dias de trabalho explosivo do grupo

“Notas de memória:

Lembro do calor de depois da atividade neste dia, todos suados e aquecidos, exalando uma coisa como que exorcizados. Atividade de explosão tem algo de exorcismo nesta tarde, gritamos e corremos e empurramos as paredes e fizemos caretas, pulamos e nos debatemos. Como se estivéssemos vazando nossos fantasmas por todos os poros. Como se quiséssemos expandir a sala como numa panela de pressão. Como grãos de milho estourando para se tornar pipoca. Aliás este foi um dos comentários ao final do encontro “parecíamos pipoca na panela”, alguém disse, concordei. Lembro de estar leve e exausta ao sair da sala, mas de uma exaustão de troca de peles, de energias renovadas. Ar novo no corpo. Ar novo na sala. Ar novo no ar” (Trecho do Diário de Implicação do dia 22/11/2011).

Série Pausar ou Outra Escuta



* Foto de registro em pagino do Diário de Bordo – Arquivo pessoal.

“... e no final tinha um relaxamento que também era muito bacana de ver a reação dos participantes durante o relaxamento. É... parecia que não havia outros espaços possíveis de se relaxar e aquele espaço era muito esperado.” (Clara , entrevista realizada em 06/11/2013).

Aqui tratamos de uma pausa que se pode dar em movimento ou em repouso. Uma pausa enquanto uma outra escuta do próprio corpo e das reverberações dos acontecimentos aí produzidos. Um outro estado de presença.

Na concepção de Miller, a construção do corpo presente “envolve o treino da percepção corporal por meio das mínimas sensações detalhadas e evidenciadas, como num efeito lupa – amplificar o que é sentido – desenvolvendo a capacidade de interiorizar os pormenores e abrir o canal das pequenas percepções para dançar” (MILLER, 2012 p.49).

Este momento se fez muitas vezes a partir de exercícios de relaxamento, em que, em repouso, os participantes retornam a atenção ao estado de cada corpo, aos seus apoios, suas posturas, suas frequências, suas temperaturas, suas sensações. Outras vezes se fez em movimento, em que cada participante era conduzido a se perceber em seus movimentos, em seus novos lugares/corpo, em suas sensações movimento. Trata-se, pois, de uma escuta em outros estados de corpo. Uma escuta da pele, do dentro/fora, do que se expressa no plano de consistências, no plano do impessoal, no plano dos acontecimentos.

Nos dizeres de Tatiana Mota Lima,

A escuta de que falo não se estabelece em uma relação dialógica entre sujeitos e nem se funda “no domínio das representações fixas da objetividade” (a autora cita LEVY, 2011, p. 48). Ela coloca em evidência ambientes, muitas vezes, desconhecidos, e consente, abre as portas para a alteridade daquilo que nos visita. Aquilo que, talvez, não queiramos ou não saibamos como escutar/ver. O corpo da escuta seria, então, corpo-canal, corpo-vetor, pontifex, alémmemória e quasememória, corpo-vida” (MOTA LIMA, 2012 p.18).

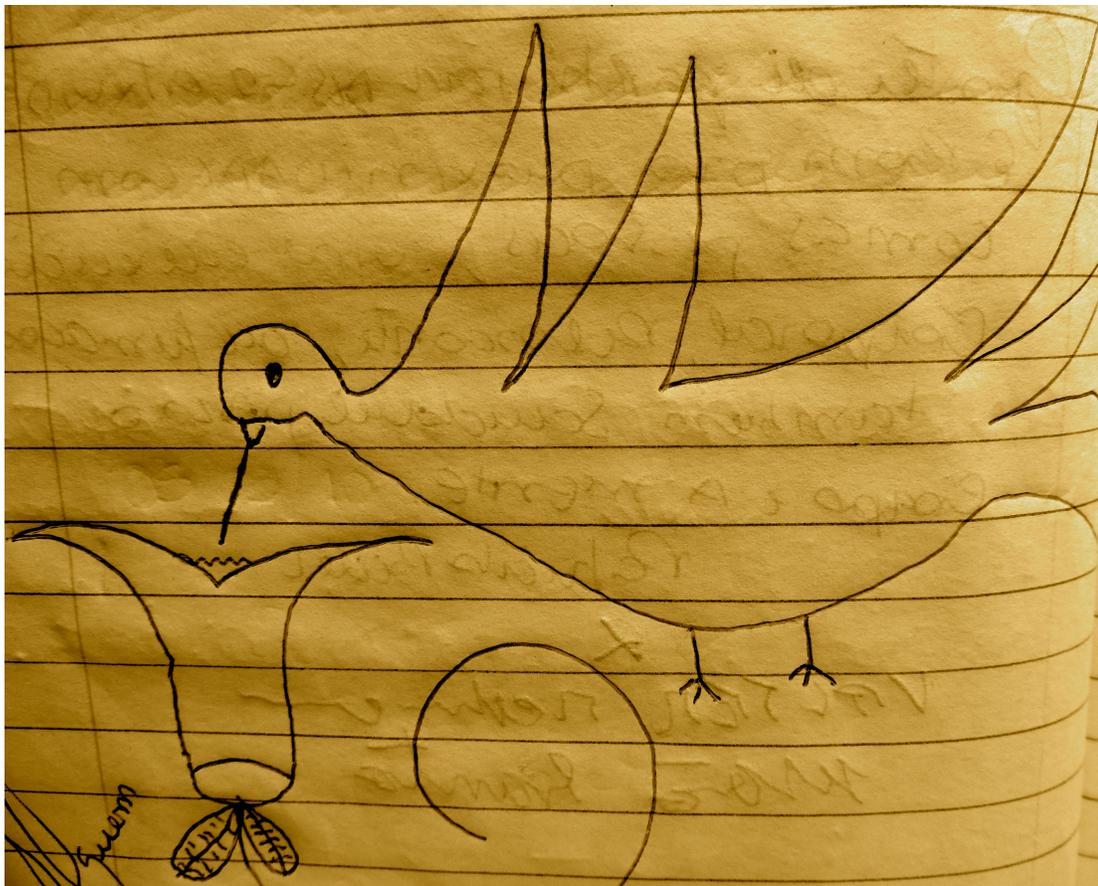
Nesta escuta, a proposta é fazer uma pausa ativa, ou seja, uma pausa presente, atenta e aberta ao que se processa e reverbera após a prática ou após as experiências do dia. Isto se fez a partir de diversos elementos também experienciados ao longo de cada encontro; por exemplo, poderíamos fazer essa escuta literalmente em pausa, deitados no chão ou poderíamos fazer isto sentados em algum lugar da sala ou ainda em pé de olhos fechados ou de olhos abertos, olhando apenas para si e para aquilo que internamente se movimentava ou ainda olhando para os demais, tentando perceber nos olhares dos colegas aquilo que pulsava, ou até em movimento, como finalização do dia, como o que ocorre na cena abaixo

“Um silêncio pulsante. Como se houvesse uma caixa acústica em cada corpo, todos saímos da sala exalando energia. Lembro-me de sustentar o silêncio quando a música acabou e permanecer assim por alguns minutos, apenas se entre olhando, todos sustentamos este tempo-espaco-movimento ativo. Após alguns minutos me dirijo a porta e abro, deixando que apenas o gesto convidasse a saída. Surpreendentemente Walmir é o primeiro que decide sair, o faz em silêncio. Na porta me encara por alguns segundos, olhos nos olhos, um olhar vibrante. Caminha para fora da sala. Outros o seguem. Alguns passam o olhar pelos demais

participantes antes de sair, outros pousam os olhos nos meus em uma despedida lenta, outros apenas se dirigem para fora. Todos, sem exceção, em silêncio. Eu, parada ali na porta, olhando para cada um e para todos. Deixo-me contaminar por aquelas presenças novas e pulsantes, de estados tão vivos e dilatados. Fomos todos amplificados por aquele momento-encontro e gora pulsávamos em outras frequências. Outras frequências do estar junto. Vibrei de alegria ao ouvir tantas vozes deste silêncio expressivo” (Trecho de Diário de Implicação do dia 09/10/2010).

Em momentos como esse, muitas vezes, pude notar estados amplificados de atenção entre os participantes, em que nem sempre o que se vivenciava poderia ser nomeado, nem mesmo por mim. Deixávamos, assim, essas camadas intensivas se impregnarem no corpo e tentávamos caminhar com elas pelo espaço/tempo presente, dentro e fora da sala, dentro e fora do corpo, para quem sabe, assim, continuar degustando as intensidades disto em outras esferas do dia-dia.

Série Compartilhar ou Tornar mundo



* Foto de página do Diário de Bordo – arquivo pessoal.

“Muito se falava, se escrevia muita lei. Veio um teólogo aí que escreveu que eu já procurei num rádio que se você está agitado é porque você nunca viu, parou pra ver, um beija-flor beijar uma flor e ele desenhou uma flor, desenhou um beija-flor, não sei se vai soltar... Ele desenhou isso naquele caderninho Era um beija-flor.”

(Samuel, entrevista realizada em 06/12/2013).

Neste exercício, que trata do compartilhamento do vivido expresso em palavras, gestos, escritos, desenhos e silêncios, entramos em contato com aquilo que a prática ressoa e repercute em cada corpo, dando voz e contornos de mundo ao que é cada corpo.

Tal exercício era realizado, normalmente, ao final da prática e consistia em uma conversa sobre o que se deu naquele espaço/tempo/encontro e que cada participante decide (ou não) compartilhar. A fala nem sempre foi requisito para este compartilhamento. Muitas vezes, o que mediava a conversa era o silenciar das palavras para emergir o som dos olhares, dos gostos, dos cheiros, dos rumores e estrondos que cada corpo emanava. Quando a voz se faz necessária, ela nem sempre exprime uma frase, muitas vezes o que se ouve são apenas palavras, nomes próprios, balbuciar desconexo para a lógica, expressões de mundos outros, expressões de outros mundos.

O que interessa, nesse momento/compartilhamento, é a possibilidade de expressar o que for necessário para dar consistência ao que pode não ter nome, nem forma, nem propósito, mas que é puro exercício de exercer-se. Poder dar voz ao que reverbera daí pode ser mais uma forma de criar marcas. Deixar marcas. Afirmar marcas. Afirmando, também, que o produto ali estava impregnado no próprio corpo e se remetia à qualidade daquilo que havia sido vivido no encontro, conforme o que salienta Denise em sua fala

“... a produção que a gente precisava ter era uma produção de encontro. De encontro com o corpo, com o outro que não envolvia, necessariamente um fazer objetivo. O que também não traz tanta expectativa para o próximo encontro. Então eu acho que foi um grupo bastante diferente. Eu acho que também o fato de ser um grupo que não utiliza exclusivamente o recurso verbal, que é um recurso que é muito utilizado na saúde, era uma forma de poder contemplar uma expressão que não precisasse passar pelo racional, o que eu acho que foi dando um sentido. A questão também de poder cuidar do próprio corpo, no sentido de pensar nos alongamentos, pensar no próprio olhar, de poder olhar para como está se sentindo... uma das coisas que ficou pra mim foi pensar nos pontos do pé de ir podendo perceber aquilo que está sentindo ...e eu acho também que a questão da música de poder sentir através da música, do circular e da dança e do toque, acho que isso fazia desse grupo um espaço muito diferente do que eu vivia no CAPS.”
(Denise, psicóloga, entrevista realizada em 08/11/2013).

Esse momento/compartilhamento fez-se como uma necessidade para além do racionalizar, analisar ou qualificar o que se vivia no encontro, fez-se a partir de uma necessidade de trocar essa experiência, em um exteriorizar para afirmar aquilo que se viveu, para afirmar o intensivo que se impunha ali como uma novidade. Também nesse sentido foram feitos os registros no Diário de Bordo. Como inscrições que pretendem transformar a experiência em obra. Obra compartilhada. Obra de si para si. Obra de arte vivida.

Penso que é nos encontros que se expressam e se produzem diferentes graus de abertura, diferentes graus de intensidade, turbulências acontecem, geram-se outros repertórios existenciais que se solidificam. Pequenos eventos podem reverberar em outros jeitos de funcionar, viver e apresentar-se frente ao outro, criando realidades. São superfícies que se encontram, se turvam e se reorganizam, se interpenetram e se aprofundam mutuamente, tocando e sentindo-se tocar (LIBERNAN, 2010, p. 120).

As séries como uma criação aqui e agora

“Lembro-me das surpresas deste dia. Dos semblantes de dúvida e da disponibilidade em experimentar esta nova proposta de trabalho. Experimentamos muitas variações do sentido “copiar” o movimento do outro. Experimentamos também variações de quais são os movimentos da dança de cada um. Foi uma descoberta das sutilezas do mover-se e de como se percebe seu próprio movimento no cotidiano. Foi para mim também a abertura de um novo caminho de trabalho. Acabo com a sensação boa de estar crescendo junto com este trabalho.”
(Trecho do Diário de Implicação de 05/11/2010).

Por fim, é importante ressaltar que as Séries aqui descritas são procedimentos mutantes que se moldavam a cada encontro. Também cabe dizer que, durante o percurso do grupo, tais procedimentos foram experimentados por mim e minhas colegas intuitivamente, posto que esse trabalho se constituiu sem precedentes para nenhuma de nós. Desta forma, aos poucos, foi-se esboçando um modo de operar baseado em minhas experiências em dança e nas experiências das práticas da clínica de cada uma de nós. Esses modos de operar são

sistematizados no formato das séries que se apresentam aqui pela primeira vez, já que, durante meu trabalho no CAPS, esta pesquisa conceitual e formal ainda não estava em andamento.

De todo modo, após algum tempo da prática no CAPS, fomos criando estratégias que se repetiam com variações a cada dia. Na maior parte das vezes, a atividade continha elementos de cada uma das séries apresentadas, criando um tipo de sequência – Chegar, Aquecer, Mover, Trocar, Improvisar, Escutar e Compartilhar – em que se mesclavam exercícios no intuito de criar uma dinâmica para o encontro, que foi se tornando uma constante, embora não uma condição.

Paisagens ou aquilo que é cada corpo

“Quer se trate de um bailarino, um ator, um desconhecido, um amigo ou um parente: quando você encontra um corpo, quando você descobre um corpo, o corpo está ali, de uma só vez, descolado da pessoa, da fala, do contexto, do sentido, da história, da paisagem. Um corpo é sempre estranho e estrangeiro, em sua opacidade inapreensível, inesgotável, irredutível. O corpo pode significar algo, enquanto signos, gestos, mímica, com todas suas mobilidades, mas o real que aí se dá como corpo é aquele que rompe com a significação. O corpo é esta ruptura. O corpo é este estranho começo e recomeço que pode colocar tudo em questão, o pensamento, a narração, a significação, a comunicação, a história: ele introduz uma catástrofe no tempo que escoá. O corpo como ruptura implica uma figura quebrada do tempo, da história”
(UNO, 2010 p. 37).

*“O corpo é uma multidão excitada, uma espécie de caixa de fundo falso que nunca mais acaba de revelar o que tem dentro
E tem toda a realidade.
Querendo isto dizer que cada indivíduo existente é tão grande como a imensidão, e pode ver-se na imensidão inteira.”*
(ARTAUD apud QUILICI, 2004, p.197²⁶).

²⁶ Quilici se refere à conferência chamada “Tete a tete” realizada por Artaud em sua última aparição pública em 1947.

De acordo com Quilici (2004), Artaud fornece-nos imagens paradoxais do corpo e de seu interior por apreender “seu próprio corpo desdobrando-o imageticamente” (p. 197). Distanciando-se das referências anatômicas, esse corpo, em seu interior, não seria dissecado ou exposto pelas vias da medicina ocidental, de tal forma que esse interior se manteria inapreensível pelo órgão da visão. O acesso a esse plano do corpo interno se daria, então, por “uma faculdade do sentir que foi excitada e refinada, pois não basta fechar os olhos para que as sensações e imagens como estas brotem espontaneamente” (IDEM). O corpo, em seu interior, aparece povoado por um território desconhecido, ainda não mapeado, visitado apenas a partir de estados diferenciados em que o corpo se coloca em experiências intensas, que permitem uma “penetração em camadas sucessivas de profundidade”, que possibilitaria, por exemplo, vivenciar o corpo como caixa de ‘fundo falso’” (IBIDEM), em que um espaço infinito se abre. Esse espaço aberto seria um campo de movimentos infinitos de variações, em que há possibilidade de manifestação de todas as realidades.

Considerando que, para Artaud, realidade interna e externa não se distinguem a partir de um limite definido, ambas sendo consideradas manifestações da existência em múltiplos níveis, sendo que uma sensação e um sentimento já são expressões de modos de existência. O interior do corpo passa, então, a ser considerado um “vazio-fonte” (p. 98), um corpo que contém, em si, um campo de virtualidades que ultrapassa a ideia de corpo individual, o indivíduo carrega “a imensidão inteira dentro de si” (ARTAUD apud QUILICI, 2004, p. 198). Corpo vazado, dentro fora, lugar habitado por uma multidão: “Multidão de impulsos, sensações, excitações, pensamentos, num movimento veloz e perpétuo de aparição e dissolução. Um corpo-multidão, onde circulam uma miríade de experiências, impossíveis de serem completamente catalogadas e fixadas” (QUILICI, 2004, p. 198).

Ainda segundo o autor, Artaud dedica-se ao tema da reconstrução do corpo abordando ideia da retomada de um tipo de experiência do corpo, da qual a cultura ocidental se afastou. A partir de tais experiências, busca a construção de um novo estado como uma nova forma de existir. Como algo que se perpetua na vida para além de uma vivência

momentânea, proveniente de uma inspiração ou um delírio. Neste sentido, a produção – ou a obra artística – é concebida como “rastros, vestígios ou secreções do processo vivido pelo artista” (p.199). A arte, desta forma, parece estar comprometida com uma “operação do refazer-se, através de uma experimentação rigorosa a às vezes cruel” (idem).

Rigor e crueldade compreendidos como implicação, entrega e decomposição de espaços cristalizados do corpo. Em um trabalho comprometido com um abrir espaços despovoando o corpo de seus automatismos desde os lugares mais internos, em que estão presentes as sensações – pois também nesse plano a consciência cria registros e automatiza –, produzindo um certo empobrecimento das vivências do corpo.

Trata-se, assim, de uma busca por experimentar o corpo como espaço onde circulam intensidades ainda não nomeadas. Entretanto, esse desestabilizar, ou desconstruir, só pode ser pensado a partir de uma necessidade de organização, mantendo-se, assim, um nível de estabilidade e previsibilidade, evitando-se a desagregação total do corpo ou a vivência apenas em sua profundidade obscura. Há que se manter algum grau de superfície, com prudência para manter a borda de contato que se exterioriza para o mundo.

Aqui, apoiada nas ideias de Quilici e Artaud, retomo o rigor desse cuidado em manter a superfície como algo imprescindível no trabalho com a clínica da Saúde Mental – especialmente na clínica das psicoses – pois é nesse aspecto que esse trabalho da interface clínica-dança incide com mais cautela. Há que se desconstruir um corpo automatizado criando, ao mesmo tempo, um invólucro-pele possível para manter – e, quem sabe, até ampliar – a possibilidade de trocas com meio externo. Como um trabalho de abrir brechas criando bordas. Clareando-as, sensibilizando-as e exercitando um equilíbrio dentro-fora.

Quilici faz uma leitura desse exercício de regulação no que concerne à relação de Artaud com sua vivência na esquizofrenia

O grau de desorganização corporal na esquizofrenia pode ser tão intenso, que esta superfície fica seriamente comprometida. O corpo fica esburacado, um corpo “coador” no dizer de Deleuze, bastante vulnerável aos estímulos externos e internos. Mas, talvez haja na esquizofrenia de Artaud também um clamor. Um clamor contra

a perda de contato com a profundidade do corpo. Contra uma forma de organização que acaba achatando a experiência humana, desligando a consciência dos fenômenos profundos do corpo.

Pois a organização corporal tem também outras funções. O corpo é “organizado” de uma certa forma, em função de uma ordem maior a que ele está ligado: a ordem social. Na poética artaudiana a palavra “organismo” não designa propriamente uma estrutura biológica, mas essa operação social que se faz sobre o corpo, essa operação de canalização de suas forças e de seus apetites, de recorte e ligação de seus fluxos, de mapeamentos de seus fenômenos. Constrói-se um corpo organizado, em função de certos imperativos sociais. Uma operação de fabricação que, no nosso caso, torna o corpo funcional, dócil, produtivo, adaptado. E há algo no corpo que sempre se rebela contra esses enquadramentos. Algo que não quer simplesmente “funcionar”, algo improdutivo, algo que quer “dançar às avessas”. (QUILICI, 2004, p.201).

Neste sentido, pode-se considerar o caráter político do trabalho proposto por Artaud, posto que suas reflexões extrapolam o campo estrito do sofrimento psíquico, abarcando todo um aparato compreensivo em que as estratégias de amortecimento e docilização dos corpos incidem, com seus mecanismos mais diversos, nas formas mais opressivas e explícitas, bem como nos modos mais sutis e invisíveis de violência e formatação do corpo. Desta forma, as proposições deste pensador trazem uma aposta de “descolonizar o corpo”, tornando-o mais poroso, ativo e presente. Abrindo possibilidades de experiências possíveis para fortalecer o corpo e a vida.

A partir desta reflexão, voltamos aos passos do percurso do grupo de dança, seguindo no fluxo dessa vontade de explicitar uma prática em dança como um modo de abrir corpo/criar corpo como possibilidade de explorar outros registros de vida, outros modos de acessar o corpo para desinvesti-lo de suas amarras e formatações. Criando, mesmo que em pequenas doses, fluxos de força que imprimem, em cada um, uma nova paisagem. Uma nova configuração de forças e afetos.

Nas palavras de Miller (2012, p.9), “dançar é um registro de vida, de força, expressão, empenho, vontade e paixão”; ainda segundo a autora, no ato de dançar, podemos fluir elementos novos e criativos, lapidando novas história no corpo, posto que, na vida, todas as experiências estão inscritas no corpo.

A partir de um fluir criativo, o corpo que dança se permite explorar possibilidades de sensações e reverberações variadas, compondo-se e decompondo-se a cada instante, instaurando modos expressivos em que os sentidos tocam o sensível em todas as esferas. Nesse modo em que o dançar está remetido ao ato de criar – pode-se dizer que o “criar” está relacionado a aspectos que superam o âmbito dos movimentos e dos gestos –, criam-se também acontecimentos, criam-se subjetividades, criam-se modos composicionais, criam-se vontades, criam-se mundos, criam-se modos de existir e reexistir.

Segundo Moehlecke e Fonseca, podemos conceber a dança “como modo de subjetivação orientado para um permanente movimento, já que nos aponta uma possível forma micropolítica de existir de múltiplas maneiras” (MOEHLECKE e FONSECA, 2005 p. 3).

Cria-se, portanto, a partir dos confrontos com os limites da vida, dos confrontos com a experiência insistente do desfazer-se, dos confrontos com a urgência de tornar-se o que somos. Cria-se para reexistir, compor novos modos de viver, ganhar corpo e língua para habitar outras sensações de mundo. Sair do cotidiano para entrar em outros níveis, dar passagem a outras formas corpo, pensar com o corpo. Fazer do corpo máquina poética de tornar possível (DELEUZE, 1992).

É nesse sentido que a abertura para esse experienciar-se em dança no grupo do CAPS configura-se como um modo possível de acessar processos de produção de subjetividade. Abertura para dar passagem a novos modos de visitar as reentrâncias do corpo sem o crivo apenas da solidão e do caos do enlouquecimento. Novas formas de fazer laços, refazendo-se a partir daquilo que emerge enquanto sensação, enquanto memória, enquanto amizade, enquanto surpresa, enquanto inesperado, enquanto criação de si.

Na medida em que nos despimos de alguns lugares comuns em nosso corpo, permitimos a imersão em um processo criativo em que a obra e a criação se confundem, estando ambas referendadas pelas vivências e seus campos intensivos. Tais vivências estão

conectadas a um fazer que tem, como objetivo, acionar o plano dos sentidos como norteador da prática e do partilhar.

Conforme Miller, a dança pode ser dispositivo para essa imersão na medida em que se dispõe a investir o corpo de sua potência criadora sensível, em que a experiência do corpo em si ancora todo o processo do corpo em movimento. Nas palavras da autora:

o corpo que dança permite o sensível com toda a sua gama de possibilidades de sensações e reverberações variadas de imagens e significados. Essas percepções são incorporadas pelo artista em criação e ação cênica por meio de suas vivências e experiências – como tatuagens em movimento revelando que o corpo é vestido de seus vestígios.(MILLER, 2012, p.118).

Nesse território, a experiência do corpo em si pode emergir como processo de transformação, como processo de subjetivação ancorado em um corpo sentido na experiência do movimento. Corpo acordado e convocado a movimentar-se a partir de seu corpo sensível. As frases abaixo, retiradas do Diário de Bordo, trazem-nos algumas possibilidades de sentir esse novo modo de habitar o corpo presente.

“A expressão corporal é uma arte que deve sair de nós para que possamos nos aproximar do grupo” (Joana, usuária Diário de Bordo do dia 02/10/2009).

“Ser o que somos e nós tornarmos capazes de ser é a única finalidade da vida” (Josué, usuário, trecho do Diário de Bordo dia 05/03/2010).

Na medida em que nos implicamos no “dançar” como intervenção clínica dentro do CAPS e deixamos os domínios daquilo que criamos se confundirem, nos instalamos em um lugar de criação de outras passagens para cada um ali presente, dançarinos, usuários, terapeutas criam juntos uma textura que imprime em cada paisagem-corpo um novo modo de sentir-se, de habitar-se e de contar sua própria história. Um novo modo de falar de si e quem sabe cuidar de si.

Acredito que nossa “produção” se deu nas sutilezas, no ampliar do olhar, da percepção, das sensações, das vontades. Engendrando processos que não têm um fim nesse recorte-tempo grupo de dança.

Trago, aqui, algumas falas sentidas como reverberações desses processos iniciados...

“Eu lembro muito dessas coisas do Walmir porque ele era uma pessoa que tinha muita dificuldade com o corpo dele. Muitas vezes ele ficava mal, você via que quando ele estava um pouquinho pior, ele ficava completamente torto, com a coluna lá embaixo, babando. Então eu tenho muita lembrança da figura dele se apropriando do corpo naquele momento, do jeito que ele podia, “Mas não consigo, não consigo, eu não vou levantar, eu não vou levantar, não, não posso sentar, não vou tirar o sapato, porque vocês estão mandando eu tirar o sapato?”. Toda essa confusão aí, que para gente tirar o sapato parecia ser uma coisa simples... Até tenho lembrança disso também, o quanto depois de um tempo a coisa de tirar o sapato ficou tranquila. Todo mundo chegava, já tirava o sapato sem a gente precisar pedir. Então acho que isso também foi construído ali. Tenho a lembrança dessa pessoa que eu não lembro quem é, uma mulher, mais senhora que quase dormia várias vezes, em vários grupos ela tinha bastante sono e saía, então assim, uma coisa é você ficar com sono sentada fazendo alongamento. Outra coisa é você ficar com sono em pé se mexendo e persistindo em estar ali. Parecia um esforço pra se manter viva, sei lá... isso pra mim que foi marcante de alguém que estava tão, não sei tão o que, mas tão ali mesmo com sono. Esse dia dos gritos, da música dos gritos, me marcou muito porque eu acho que foi uma explosão de sentimento de todo mundo ali. E lembro assim, da gente querendo fazer o grupo crescer, levar para fora, levar pra sentir outras texturas no pé e tal. Acho que a princípio são essas coisas que eu tenho mais marcadas para mim. Isso falando do contato da vivência grupal. Eu tenho muita lembrança também das nossas conversas depois, o que cada uma sentiu, do que a gente viu ali naquele momento... isso é muito marcado para mim porque eu acho que era um momento muito importante do grupo, o posterior, só a gente conversando o que significou para a gente aquilo.” (Tainá, psicóloga, entrevista relaizada em 28/11/2014).

“...essa proposta tem uma delicadeza que é isso, assim, de pensar no processo de... o quanto é rico quando você consegue se encontrar com esses sujeitos e rola algum tipo de link. Não sei se dá pra entender assim que... isso já é algo que é muito valioso... que coisas brotam daí? acho que deu pra ver muito... dava pra ver mudanças na forma como os participantes se viam, se cuidavam ao longo do tempo que eu participei, pelo menos, assim, se olhavam. Para mim é muito mais importante do que ter uma atividade em si como um fim, pra fazer alguma coisa. Então, acho que nisso tem uma parte que é dessa proposta mas acho que tem uma parte dessa ideia pode ser ampliada pra outras experiências”(Clara, psicóloga, entrevista realizada em 06/11/2013).

“Acho que era meio que uma oportunidade para que aquelas pessoas se sentissem de outras formas... reconhecimento do corpo, de outros sentidos, acho que ali não tava vendo que remédio ia tomar ou ... eles estavam ali só pra sentir, não sei, é minha impressão. Meio que uma oportunidade pra trazer outras coisas à tona.” (Alice, Psicóloga, entrevista realizada em 08/11/2013).

“Eu me senti como uma semente que estava em reforma crescendo segundo a segundo, transformou-se em uma árvore” (Milton, usuário, trecho de Diário de Bordo do dia 25/09/2009).

Essas são, portanto, memórias, fendas e marcas de “uma experiência possível ao homem” (QUILICI, 2004, p. 203), no sentido que nos confere à poética artaudiana. São possibilidades sentidas a partir da abertura a ressonâncias que nos fortalecem, revelando nossas angústias, nossas alegrias, nossas dores, nossas potências e nossas buscas em comum: um território possível para a vida.

Em que medida podemos nomear esses movimentos de abertura como processos de subjetivação? Que subjetividades podem emergir daí? O que essas andanças pelos trilhos das experiências na dança imprimem de sentidos para a clínica? Que clínica é essa que aceita se confundir habitando uma fronteira?

Tentarei rondar algumas dessas questões, atenta aos sinais que a prática nos coloca, costurando a partir desse sobrevoo sobre os procedimentos de uma clínica dançada às beiradas da Saúde Coletiva.

Espreitar um germe

“[...] O que importa é lançar as sementes no corpo de cada um, abrir espaço na mente e nos músculos. E esperar que as respostas surjam. Ou não. Todo esse trabalho tem qualquer coisa de paradoxal: falo sobre coisas que devem ser sentidas e não pensadas”.
(VIANNA, 1990, p.131-132 apud MILLER, 2007, p. 21).

“A vida e o corpo são no fundo a mesma coisa, mas para que eles efetivamente sejam a mesma coisa é preciso descobrir o corpo em sua própria força de gênese. Pois o corpo é esse lugar único existencial e mesmo político, sobre o qual se acumulam, se agrupam, se dobram todas as determinações da vida. É um campo de batalha em que se entrecruzam as forças visíveis, invisíveis, a vida e a morte, em que se encadeiam as redes, os poderes, as porcarias”
(UNO, 2010 p. 44).

Quando falamos em subjetividades, falamos de algo mutante, em constante transformação, que carrega em si um processo de subjetivação ou processo de produção de si. Segundo Passos (2000), esse processo se realiza a partir de múltiplos elementos e relações, que vão desde a relação familiar até fatores sociais, como a violência das cidades, a mídia, a experiência com drogas, a participação em movimentos sociais, o adoecimento, além de outros como as experiências estéticas mediadas por um fazer artístico ou pela simples apreciação da música, da dança, do teatro, do cinema, da literatura, entre outros. Nesta via, pode-se afirmar que “a subjetividade se define por uma atividade de produção” (PASSOS, 2000 p. 01), em que o sujeito aparece como produto – não apenas como produtor ou como sujeito passivo – como o resultado de um processo de produção que é sempre da ordem do coletivo.

Conforme Guattari (1992, p.19), a subjetividade é “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial”, não se configurando como uma entidade ou estado em si, mas como um processo de produção ou um conjunto de condições a partir das quais efeitos existenciais são produzidos. Sempre referendada por um coletivo, posto que é composta por múltiplos vetores.

Importante salientar que, por coletivo, compreende-se “uma multiplicidade de vetores e intensidades como afetos, as sensibilidades artísticas, os movimentos sociais, isto é, todo conjunto de forças que atravessam as formas individuais e formas sociais, provocando a sua desestabilização e a criação de novas composições” (PASSOS E BARROS, 2006 p. 09).

Sendo assim, são múltiplas entradas e múltiplos fatores possíveis para desencadear tais processos, bem como os agenciamentos decorrentes destes, em um contexto

em que processos de subjetivação são também concebidos como processos criativos ou processos de “receptividade de composição criativa” (FERRACINI E RABELO, 2013, p.12).

A partir dessa afirmação, pode-se conceber como estratégia da clínica a abertura a novos modos composicionais, em que entram em ação as estratégias híbridas como mecanismos de ruptura e criação de intervenções. A apreensão de tais estratégias como abertura de outras entradas – e saídas – na clínica se instala a partir de uma operação de transversalização, que, conforme Passos e Barros:

[...] impõe um processo de desestabilização daquilo que era até então denominado como o campo da clínica: objetos bem definidos e teorias internamente consistentes, sujeitos do conhecimento e objetos a serem conhecidos, territórios bem marcados de ação, especialistas cômicos de seus discursos. Com a desestabilização, o que emerge é o plano de constituição da clínica onde as dicotomias dão lugar aos híbridos, as fronteiras apresentando seus graus de abertura, suas franjas móveis por onde os saberes se arguem, as práticas se mostram em sua complexidade. A criação do plano da clínica é, portanto, não só a invenção de novos problemas como de estratégias de solução dos impasses gerados nas novas configurações. (PASSOS & BARROSS, 2003, p.04).

Nesse registro, tais estratégias de intervenção se inscrevem menos como método ou procedimentos técnicos rígidos e mais como um processo de constante invenção de novos problemas, sendo que o caráter híbrido das intervenções estaria exatamente no ponto em que a solução de problemas convoca seu rearranjo ou a “invenção de um novo território onde tal problema será necessariamente outro. A solução de um problema se confunde com a criação de um outro problema” (idem). As entradas valem mais que as saídas, em uma clínica nomeada como “clínica da transdisciplinaridade”.

Para Passos e Barros, o conceito de clínica transdisciplinar se apresenta como expressão de um plano de constituição da clínica. Um plano em que a clínica se afirma em processos de singularização ou apreensão daquilo que é singular, aquilo que se situa na vizinhança, no plano da multiplicidade, não referido a um sujeito ou a uma unidade. Instaurando-se em uma função de singularidade em detrimento da função universalidade. Em

que os procedimentos se validam por operações singulares, sem subjetividades individuadas, sem os arcanos ligados à memória pessoal, ao passado infantil e à rememoração deste passado, sem culpabilidade, sem um eu unitário com uma consciência vitoriosa em que se buscam dominar e abolir os “eus marginais, menores” (RAUTER, 1993, p.04), os devires e as caixas sem fundo do corpo (QUILICI, 2004).

Segundo Rauter, um dos desafios da clínica transdisciplinar está em construir subjetividades capazes de “habitar de forma afirmativa este mundo ao invés de refugiar-se em territórios já perdidos” (RAUTER, 1993, p.03).

Para tanto, seria necessário incidir em modos de criar muito conectados com um certo dissolver-se, no sentido de uma força disruptiva e criadora. Uma espécie de morte ou de experiência de dissolvência como:

Morrer para ser outro. Morrer o si, nessa experiência de um morrer-se já sem sujeito e, portanto, em vias de devir outro. A clínica está sempre às voltas com esta experiência, o que nos faz concluir que todo término de análise é, neste sentido, um tornar-se... abrindo o plano da existência, traçando linhas de abertura, linhas de dissolvência de si (PASSOS & BARROS, 2003, p. 04).

Seria, portanto, no acompanhamento das linhas de força que compõem cada encontro clínico, considerando como tais linhas são traçadas, que se pode distinguir as qualidades dessa dissolvência, bem como aquilo que aí se cria ou se transforma.

Nessa medida, ousou dizer que aquilo que colocamos na roda no ato de dançar no CAPS é, justamente, esse jogo de dissolução-criação, seja do corpo psicóloga, seja do corpo louco. Dissolvemo-nos quando descalçamos nossos sapatos para experimentar o chão do refeitório como um tablado de dança, dissolvemo-nos quando fechamos nossos olhos para sentir com a mão e com o estômago, dissolvemo-nos quando, ao invés de sentar e falar, colocamo-nos a falar com nossos corpos, dissolvemo-nos quando investimos em um olhar que sente, em um tocar que escuta, em um mover que acolhe, em um respirar que movimenta, em um dançar que recria memórias intensivas de crianças brincando, dissolvemo-nos quando

insistimos em ocupar um lugar entre clínica e dança apostando que aí criamos subjetividades em movimento. São dissolvências que criamos como estados diferenciados de corpo, provocados pelo mover-se em dança e pelas experiências intensivas que isto provocava. São processos criativos que instauramos ali, para além da cena, para além do CAPS, para além das palavras.

São processos criativos que reverberam e tocam cada corpo presente, mesmo aqueles que criaram “apenas” em um pequeno recorte da vida, uma tarde em que dançaram no CAPS e tocaram as mãos dos outros e ouviram os sentimentos dos outros e se movimentaram estranhamente e se encontraram e...

Penso que é nos encontros que se expressam e se produzem diferentes graus de abertura, diferentes graus de intensidade, turbulências acontecem, geram-se outros repertórios existenciais que se solidificam. Pequenos eventos podem reverberar em outros jeitos de funcionar, viver e apresentar-se frente ao outro, criando realidades. São superfícies que se encontram, se turvam e se reorganizam, se interpenetram e se aprofundam mutuamente, tocando e sentindo-se tocar (LIBERNAN, 2010 p. 120).

Assim, esta abordagem é por um aproximar-se do corpo colocando seus estados como referências para o enfrentamento de situações cotidianas, concebendo-o também como processo, como obra inacabada em que se engendram formas transitórias de existir.

Dessa forma, a clínica – ou o cuidado no âmbito da clínica – faz-se como um semear, em técnicas de cultivo de si e em encontros que possam aumentar a potência de cada corpo em seguir variando, dando formas novas a si mesmo e ao mundo em que cada um se insere. Como um germinar.

No processo do grupo de dança, esse semear se fez a partir de técnicas em dança, de estados de corpo intensificados, de escutas abertas, de poros abertos e de encontros desprentensiosos. À espera do que pode acontecer à medida que nos aproximamos de cada corpo, de cada intensidade corpo, de cada marca corpo, de cada movimento e pausa. Uma espera que se dá como “abertura para os acontecimentos no que eles se insinuam como novo.

É um estado de corpo onde o que se conhece, o hábito, serve como automatismo funcional sem atrapalhar o que está devindo” (BENEVIDES & PASSOS, 2003, p. 05).

Um misto em que clínica e dança se afirmam enquanto processos de subjetivação. Fronteira. Não dança, não clínica, mas lugares paradoxais em que corpo e vida fundem-se, co-criam-se, confundem-se. Lugares de cultivo de si, de preparação para que algo novo brote, germine, cresça em potência de devir.

“Eu me senti muito ótima, gerei-me um pé de jabuticaba, dei muitas folhinhas e frutos, me senti muito bem” (Damiana, usuária, trecho do Diário de bordo do dia 18/09/2009).

“Dancei. Eu gostei muito de mim mesmo” (Marcelo, usuário, trecho do Diário de Bordo de 21/11/2010).

Sem a pretensão de que essa prática se tornasse um lugar de produção com garantias de bons encontros. Sem garantias de resultados. Sem garantias ou certezas quaisquer. Apenas entrega e implicação em um processo de construção de novas bordas da dança, da clínica, do CAPS, da Saúde Coletiva e de cada corpo. Novos contornos que sustentem a vida em situação de sofrimento psíquico, o corpo psicóloga, o corpo dançarina, alargando essas bordas e preparando o terreno para outras sonoridades existenciais.

Pode-se dizer que os bons encontros, no sentido em que nos fala Spinoza, vingaram quando a experiência se tornou algo assimilável, rompendo automatismos e ritmos habituais. Quando se instalaram outros repertórios de movimento e de formas existenciais, mesmo sem que estas pudessem ser nomeadas ou compartilhadas, como mundos que se abrem em silêncio. Naquele invisível do corpo que nos habita e nos transforma.

Deixo aqui algumas sonoridades-mundos expressas em palavras, não como comprovação, mas como provocação, turbulência, transbordamento e impressões do mapa de

novas tessituras²⁷ que este improviso, na fronteira entre dança e clínica criou, e ainda está a criar...

“A gente fugiu um pouco do diagnóstico, não negando o diagnóstico, não negar a sintomatologia, mas ver pra além daquele corpo que foi significado num certo diagnóstico, um certo transtorno. Então ali as pessoas... eu lembro muito do Walmir que é um cara muito psicótico, muito maluco, um corpo super travado, podendo experimentar seu corpo de forma diferente, podendo ser respeitado nos seus limites, nas suas potências dentro do grupo. E o oposto da Mariana que tinha, assim, um outro diagnóstico, uma neurose grave, podendo a partir do grupo ressignificar a própria beleza, o lugar da mulher, suas singularidades, sua vontade de cuidar de si.

Então, esses feedbacks também eram muito importantes pra gente perceber que o caminho era bacana, o caminho era legal porque eles diziam disso, “aqui eu venho, experimento e levo pra casa”, não é uma coisa que eu faço aqui e fica aqui, isso faz um sentido, eu faço um link com a minha vida, eu me conecto com o meu corpo, consigo cuidar dele, consigo me enxergar de forma diferente lá fora e aí eles traziam essa experimentação, “ah, eu então fui me cuidar, eu acho que agora eu preciso mesmo ir ao dentista, eu faço caminhadas, eu me alongo antes da caminhada”, então dessa percepção. E das outras coisas, “ah, como eu gosto de dançar”, das vivências anteriores que eles tinham e que nesse momento do sofrimento e do tratamento deixou de existir. Então, às vezes achou que deixou de existir porque eles eram doentes e aí o grupo mostrava pra eles também que não é porque eles estão nesse processo de adoecimento, nesse processo de tratamento, que precisavam abrir mão de tudo, que era possível abrir novos espaços, novas experimentações.

...enquanto terapeuta também era muito intenso, no sentido assim, eu acho que não do prazer, mas de um reconhecimento de que algumas técnicas terapêuticas com certo contorno, uma disponibilidade do terapeuta em cuidar disso, é extremamente efetivo a longo prazo. Então não adianta também fazer uma oficina pontual que pode ser interessante, mas num processo a longo prazo, você consegue significar pras pessoas também a longo prazo, então eu acho que a gente deixou marcas naquelas pessoas pra ficar pro resto da vida, que elas vão utilizar na hora que elas acharem mais pertinente na vida delas.

Eu lembro muito do Walmir mudando nesse processo, mas acho que a cena que ficou mais intensa pra mim, assim, que eu sempre lembro de pensar “gente como é que podia ser tão diferente”, era o Bastião.

Bastião era um usuário, que morou no leito do CAPS por muito tempo e ele era minha referência. Eu tinha bastante dificuldade em administrar a referência de um morador de leito e que realmente não tinha um diagnóstico fechado, era uma pessoa que viveu em situação de rua, uma história muito frouxa, de uma mãe que cuidou por um tempo, uma família que abandonou, mas que a gente não sabia se passava por uma deficiência mental, se passava por uma psicose, não dava mais pra saber, era um senhor que parecia ter 70 anos, tinha 48 na época. Não tinha

²⁷ “Tessitura, âmbito ou extensão é o conjunto de sons dentro da escala geral que um instrumento ou voz pode abranger”(MED, 1996, p 268)

documento, não tinha nada e a gente foi tentando cuidar dele e o mais difícil é que o comportamento dele era muito agressivo, intempestivo até, era difícil de entender porque ele reagia daquela maneira em situações assim... ele tava andando na grama e de repente pegava uma pedra e jogava, de repente ele batia num usuário, assim, não dava pra conectar. Seu repertório de fala, de linguagem era muito escasso, corporalmente, de fala, de tudo, e aí, às vezes, ele entrava no grupo.

E no grupo nunca aconteceu nenhuma situação de agressão, o que na verdade acontecia eram gargalhadas, da alma.

Ele gargalhava, gargalhava e dava risada e a gente não sabia muito bem por onde isso passava na vida dele, a gente perguntava “ah Bastião o senhor gosta de dançar?” e ele falava que gostava, mas assim, era de uma intensidade pra ele, que contagiava a gente.

A gente conseguia ver, assim, um outro Bastião. Um ser humano de verdade, porque fora dali, a equipe tinha uma certa raiva dele, às vezes tinha uma vontade de expulsá-lo e foi muito difícil ser referência dele nesse lugar.

Então quando ele entrava no grupo, ele também me possibilitava vê-lo de outra forma e aí me ajudava a sustentá-lo. Sustentá-lo como morador num processo para uma moradia ou enfim, pra onde ele fosse, mas porque tinha um outro Bastião ali dentro, que não era só o impulsivo, o agressivo.

Às vezes, ele até passava para algumas pessoas da equipe como o folgado, o que está se aproveitando da situação, o que evidentemente não era, era um senhor que por N questões da vida não... estava ali, viveu na rua, não conseguiu desenvolver um zilhão de habilidades, mas que tinha prazer, que tinha vontade. Tinha desejo, que sorria e dependendo dos movimentos que a gente fazia no grupo, ele se transformava... quando a gente imitou os animais... a proposta era de experimentar o corpo de uma outra maneira também imitando animais ou imitando o outro e aquilo fazia com que ele caísse na gargalhada e verbalmente ele não conseguia dizer o que tava acontecendo com ele, mas a gente percebia que era prazeroso pra ele. Tinha um lugar pra ele muito bom. E ele sustentava a atividade e tentava fazer, era lindo de ver!

E acho que era o único espaço onde ele entrava e ficava, seja em atividades, seja em atendimentos em grupo ou individuais, ele nunca sustentava estar em uma sala fechada...

E o Walmir, assim, as cenas daquele corpo duro que mais parecia um bloquinho de cimento e de como no começo ele se queixava de dor, “ai, não consigo, não consigo”, era só “não consigo, tenho dor! Não consigo, tenho dor! Não consigo, tenho dor!” e aí o próprio grupo, para além de nós terapeutas, o próprio grupo dizendo “não, você consegue! Não, vai lá! Não, mas melhora! Você vai ver!”, aí ele falava, “ai meu intestino” e o outro falava “mas melhora o intestino fazer atividade física”. E aí também o quanto ele se permitia, não tanto no alongamento, mas acho que na expressão corporal de entrar no jogo, de entrar na dança e também as gargalhadas dele eram incríveis, a hora que explodia a emoção naquele corpo, que tava todo travadinho ali pelo tanto de medicações e de processos de internação que ele viveu. O corpo preso virava outro! Lembra que ele dança uns passos de dança de rua e as pessoas ficavam impressionadas?” (Elise, T.O., entrevista realizada em 18/10/2013).

“Ah, eu me lembro dos usuários alegres, que eles gostavam de participar. Inclusive alguns usuários que não se interagiam em outros grupos, mas ali na dança eles estava.

Assim, a gente sempre estava ali na cozinha, arrumava o refeitório, e a gente escutava de uma certa forma, dava uma espiadinha.

E o que eu via aí, era vários usuários que nunca conseguem se interagir em outros grupos ali eles iam. Saíam de lá com uma expressão aliviada.

Então eu acho que é uma maneira de colocar eles numa sala fechada, mas de uma maneira mais solta. Que eles não ficavam perdidos, não sei, eles gostavam de participar, isso é o que eu via. Do jeito deles lá.

...eu acho assim, tem usuários que não conseguem falar, mas eles tem uma maneira de expressar, como usam o corpo, a dança, eles conseguiam colocar pra fora na dança, com as expressões deles aquilo que eles estão sentindo. Eu acho que isso é que faz a diferença. Acho que é uma maneira de expor, sei lá, de jogar pra fora muita coisa que eles não conseguem falar, ou desenhar, ou fazer um artesanato, mas ali eles conseguem, eu acho. Eu via umas coisas bem bonitas pela frestinha da janela, não dava pra ver direito mas você não acreditava como era bonito.” (Conceição, trabalhadora de apoio do CAPS, entrevista realizada em 18/12/2013)

“Então, hoje trabalhando num outro serviço de saúde, esse grupo tem um efeito sobre a minha experiência, sobre a minha prática e eu tenho me surpreendido com o fato de que... numa concepção inicial que eu tinha, na saúde mental, de que os pacientes mais graves, com as psicoses mais crônicas, teriam mais dificuldades, de ter essa experiência do se tocar, do... desse encontro com o outro e consigo mesmo. E eu venho percebendo é que isso não é assim, eu percebi nesse grupo que isso não se manteve e eu venho percebendo que muitas vezes, pacientes de outra clínica, no caso a clínica que eu estou, da clínica AD²⁸, muitas vezes tem muito mais defesa e empecilhos para esse encontro consigo mesmo. Diferente do que eu imaginava que seria... eu imaginava isso muito mais presente na clínica da psicose, pensando que são pacientes mais regredidos e, que isso, mobilizaria muitas coisas... mas para mim foi possível observar o quanto essa mobilização, quando ela foi aceita por eles, ela teve um sentido nessa experiência. Acho que isso é uma coisa que eu venho pensando, porque essa experiência eu tenho feito na minha prática clínica e, em alguns momentos eu tento ter essa contribuição em outros espaços, não necessariamente num grupo igual, mas eu percebo outras formas de resistência. Do próprio se tocar, o tocar o outro, de pacientes de uma clínica que eu imaginava que talvez fosse mais... mais simples, talvez menos defendidos. Então, eu acho que essa experiência de ter um olhar pra algo que não tem a ver tanto com a fala, traz uma contribuição muito interessante para própria prática, que é entrar em contato com coisas que a fala não traz, que ela não pode expressar” (Denise, psicóloga, entrevista realizada em 08/11/2013).

“Amizade, gostei de conhecer novas pessoas” (Felipe, usuário em trecho do Diário de Bordo do dia 11/09/2009).

²⁸ Aqui Denise se refere à clínica dos CAPS ad, serviços destinados ao tratamento e à reabilitação psicossocial de portadores de sofrimento psíquico decorrentes do uso de álcool e outras drogas.

“Vem lembranças da infância, da vida que eu tive. Foi uma infância triste mas eu agradeço a deus a oportunidade que ele me deu.” (Mariana, usuária, trecho do Diário de Bordo do dia 18/09/2011).

“Estou agora muito boa. Sensação tranquila” (Lívia, usuária, trecho do Diário de Bordo do dia 25/09/2010).

“Hoje me senti como uma árvore entre outras, foi maravilhoso me sentir à vontade e segura em poder expor um pouco de mim entre meus amigos deste grupo. Obrigada a todos” (Joana, usuária, trecho do Diário de Bordo do dia 02/10/2009)

“Estou me sentindo bem livre leve e solta” (Samira, usuária, trecho do Diário de Bordo do dia 06/11/2009)

“Eu, Daiana, to me achando ativa” (Daiana, usuária, trecho do Diário de Bordo do dia 05/06/2011).

*“Gostei de participar dessa atividade.
É bom pra proximidade com as pessoas, um exercício corporal relaxante de fôrmação também saudável para o corpo e a mente”* (Paula, usuária, Trecho do Diário de Bordo do dia 22/01/2010).

“Hoje aprendi um pouco com quem dividi, é bom aprender é dando que se recebe, é aprendendo que vive” (João Carlos, usuário, trecho do Diário de Bordo do dia 05/03/2010).

MOVIMENTO FINAL: ABERTURA PARA OUTRAS DANÇAS



* Foto de usuária no CAPS Toninho – Arquivo pessoal

Ser fiel àquilo de que somos feitos. E de que somos feitos? O horizonte: uma linha de céu e de terra. O corpo: um horizonte vertical. Corpos: horizontes tocáveis. Céu e terra: partes do corpo.

*Quanto mais atenta estou, mais inapreensível se torna o instante. Imersa num momento infinito. Percepção é participação. Sou parte; logo, existo. Ou ainda: participar; logo, existir”
(FABIÃO, 2010, p 5).*

Quando me propus a discutir sobre algumas linhas melódicas da prática da dança no CAPS e a dar visibilidade às suas possíveis reverberações, o que havia era a intuição de que algo precioso ressoava ali: uma musicalidade nova no CAPS, um processo criativo da clínica e um processo criativo da dança, ambos convergindo como modo de instaurar também processos criativos de vida em cada corpo presente. Com o respaldo das impressões e marcas forjadas por essa prática em meu próprio corpo.

Marcas que resultam de uma entrega ao processo, de um cuidado em sua condução e de uma ética de trabalho que é também uma ética de vida, no sentido da criação e expressão de um modo de existência ou um estilo de vida. Segundo Deleuze (1992), a ética para Foucault se constitui a partir de uma oposição à moral

A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as em valores transcendentais (é certo, é errado...); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica. Dizemos isto, fazemos aquilo: que modo de existência isso implica?[...] Às vezes basta um gesto ou uma palavra. São os estilos de vida, sempre implicados que nos constituem de um jeito ou de outro (DELEUZE, 1992 p. 125-126).

É deste ponto que me coloco a esboçar as derradeiras palavras deste texto, certa de que nada tenho a revelar, mas almejando uma obra que possa falar por si mesma, através do trajeto inscrito nessas páginas.

Sendo assim, dar visibilidade a esta intervenção, trazendo algumas das linhas de força que a compõem, expressas em alguns poucos modos discursivos que ela cria, tem, também, a intenção de esboçar as possibilidades de vida que estão aí implicadas. Trata-se, portanto, de assumir, a partir deste recorte/pesquisa, que a escolha em abordar a dança como estratégia da clínica deve ser vista mais como aposta que certeza. Não estando referida apenas ao circuito da pesquisa acadêmica, mas operando como uma pesquisa/implicação na vida. Em que o que se faz é criar para si mesmo um modo de existir.

Aqui reforço essa afirmação retomando uma condição da implicação do cartógrafo.

Segundo a perspectiva cartográfica, a construção de um território existencial não nos coloca de modo hierárquico diante do objeto, como um obstáculo a ser enfrentado (conhecer = dominar, objeto = o que objetiva, o que obstaculiza). Não se trata, portanto, de uma pesquisa sobre algo, mas uma pesquisa com alguém ou algo. Cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele (ALVAREZ e PASSOS *in* PASSOS *et. al.*, 2009, p. 135).

Ocupei-me, durante todo o processo, da investigação do corpo em estado de dança. Debrucei-me sobre minhas necessidades de movimento na dança e na pesquisa conceitual. Esforcei-me por costurar as linhas que ligam essa intervenção à clínica e à dança. Investigação que me implicou, necessariamente, uma condição de cultivo, de escuta, de espreita e abertura aos fluxos de vida que dessa experiência-pesquisa desdobram.

Nessa perspectiva, o desenrolar do processo foi alimentando essa necessidade de ocupar-me de meu próprio corpo e da prática da dança como constituição de um território existencial, traçando relações entre a dança e a clínica a partir daquilo que é sensacionado no corpo, daquilo que é sentido e criado no movimento. A partir de memórias, pensamentos, afetos e sensações, que se atualizam na imersão da investigação. Assim, a dança vai se inscrevendo nos ossos e músculos, abrindo espaços, trançando as referências vividas em minhas práticas na pesquisa, na clínica e no próprio ato de dançar. De modo que essa prática híbrida de pesquisa e de implicação vai se constituindo também como uma prática de si.

Abro esse panorama para elucidar algo que agora se apresenta como uma impossibilidade de síntese frente aos problemas suscitados ou às tantas provocações, dúvidas e reflexões levantadas acerca da experiência do grupo de dança no CAPS.

Algo que se pronuncia agora, ao final do percurso, muito mais como uma abertura para novos questionamentos perante esse modo de intervir que respostas ou conclusões acerca do mesmo.

Parece-me incoerente, com o movimento que se abre nesse caminho, tentar desenhar alguma forma final para esse processo que, em meu corpo, pulsa como uma abertura, um desafio, um convite a seguir nas pistas dessa cartografia, criando com ela – e a partir dela – novas saídas. Novos movimentos de pesquisa, de implicação, de encontros, de dança, de clínica e de Saúde.

Compreender essa finalização como a abertura de um caminho pode soar como uma fuga (um esquivar-se); entretanto, para mim, a cada palavra aqui impressa, torna-se mais urgente expressar o que se esboça enquanto perturbação, pois acredito que todo esse trabalho tem um estado de turbulência como motor. Seja no âmbito da clínica, no cotidiano do CAPS, seja no âmbito da dança, seja no âmbito da relação com a loucura que me cerca e me atravessa no trabalho e na vida. Em todas essas esferas, há uma turbulência, uma inquietação e uma convocação a criar como necessidade de vida, de resistência.

É da turbulência que esse trabalho emerge.

Da turbulência e do encantamento, da turbulência e da dor, da turbulência e do medo, da turbulência e da dúvida, da turbulência e da vontade.

Sendo assim, não haveria outro modo de fazer esse encerramento. Não haveria como apresentar um mapa das intensidades vividas sem esboçar também aquilo que vaza já abrindo outras passagens. Aquilo que são suas brechas. As inconstâncias e perfurações que sustentam os movimentos até aqui.

Miller (2012) nos aponta que os processos criativos só se fazem ao longo das vivências. Klaus Vianna (2005) nos diz que dança e arte se confundem com a vida. Deleuze (1992), baseando-se em Foucault, afirma que processos de subjetivação são a criação de modos de existência concebidos como obra de arte.

Aí estão alguns dos pontos mais caros desse trajeto que se fecha em uma continuidade: seguir investigando vivências em dança e clínica como processos criativos, nos quais se instauram modos de subjetivação que são dança, que são arte e são vida.

Nesse fluxo, finalizo apontando para os novos territórios que daqui emergem e se desenham. Afirmando a sequência nesse movimento em um novo recorte-tempo-pesquisa que se efetiva no projeto de pesquisa de doutorado “Corpos Fronteira: dança e clínica em estados de criação”, apresentado e aprovado no programa de Pós Graduação em Artes da Cena, do Instituto de Artes da UNICAMP, que inicio, a partir de agora, como alargamento do itinerário que aqui se conclui (se conclui?). Projeto que surge como efeito e continuidade dessa rota, no qual pretendo seguir aprofundando nos procedimentos e sinuosidades dessa prática dança/clínica.

Ao investigar uma prática fronteira, coloco-me como vetor para o movimento de dar alguma forma ao que é um processo; entretanto, é justamente aí que concluo a necessidade de continuar alimentando esse processo mais que torná-lo acabado.

Se esta escrita esboça um fim, esse se faz como a consequência de uma necessidade externa, pois me parece certo que os movimentos aqui expressos não se concluam, como também não se findam suas vibrações em cada corpo que viveu essa experiência. Como também não foi a intenção, ao longo da pesquisa, nomear ou crivar de certezas as forças que imprimiram tantas intensidades aos acontecimentos. Estas foram concebidas e pronunciadas em sua potência de invisível e não de forma, justamente por compreender que é nesse plano que elas estão manifestas e atuantes.

Sendo assim, a complexidade da tarefa de finalizar esse texto passa também por tudo aquilo que se atualiza em meu corpo ao longo do percurso de investigação. São inquietações e afetos mobilizados a matéria desse texto; por isso, a escolha por finalizar com a espreita de um germe. Há sempre algo novo a rebentar quando me debruço sobre a materialidade desse processo. Há ainda muitos afetos sem língua.

Essa conclusão é marcada por um desejo de lançar esses escritos como sementes ao mundo e, a partir de cada germinar, dialogar, ouvir, trocar e recriar que delas possam brotar, deixar surgirem imagens, gestos, ritmos e danças em cada um.

Que estes movimentos sejam motor de movimento em contágio. Que a perturbação do inacabado que aqui se esboça seja o início de uma dança nas células de quem lê. Que o incômodo de não haver respostas seja um estalar de criação de outros mundos em “pequenos acontecimentos silenciosos” (NIETZCHE, 1967, 0 40-41 *apud* LIBERMAN, 2008, p 231).

Que outras partituras de existência virão?

Não há como prever.

O que fica é a vontade de outros encontros.

Outra vez dançar junto.

O que fica é o desejo de criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. S. *O corpo em movimento na Capoeira*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da USP. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-30012012-150556/pt-br.php>

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas*. As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BENEVIDES, R.; PASSOS, E. *A humanização como dimensão pública das políticas de saúde*. Ciência & Saúde Coletiva, v.10, n.3, 2005.

BENEVIDES, R; PASSOS, E. *A Instituição e sua borda*. In FONSECA, T. G; KIRST, P. (orgs). *Cartografias e Devires. A construção do Presente*. Editora da UFGS. Porto Alegre. 2003.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Relatório Final III Conferência Nacional de Saúde Mental*. Brasília, 2002.

BRASIL. Portaria 336 de 19 de fevereiro de 2002 regulamenta o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial*, (2004).

BRASIL. Portaria 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Gabinete do Ministro. Ministério da Saúde. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento psíquico ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de saúde (SUS), Brasília, 2011.

COSTA-ROSA, A. *O Modo Psicossocial: Um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar*, In AMARANTE, P.D.C. org *Ensaio de Loucura & Civilização*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

COSTA-ROSA, A.; LUZIO, C. A.; YASUI, S. *As Conferências nacionais de Saúde Mental e as premissas do modo psicossocial*. Saúde em Debate, v.25, n.58, . Rio de Janeiro, maio-agosto, 2001.

DELEUZE, G. *Conversações*. [Trad.]. Peter Pál Pelbart. Editora 34. Rio de Janeiro, 1992.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5. Editora. 34. São Paulo, 2008.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. [Trad.] Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. Editora 34. Rio de Janeiro, 1995.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 3. [Trad.] Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Editora 34. Rio de Janeiro, 1996.

DELEUZE, G. E GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Editora 34. Rio de Janeiro, 1997.

DELEUZE, G. *Francis Bacon. Lógica da sensação*. Zahar. Rio de Janeiro, 2007.

DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. Editora Escuta. São Paulo, 1998.

DELEUZE, G. *A ilha Deserta*. Editora Iluminuras. São Paulo, 2006.

EMERICH, B. F. *Direitos dos usuários em intenso sofrimento psíquico, na perspectiva dos usuários e dos gestores de CAPS*. Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Unicam. Campinas, 2012.

FABIÃO, E. *Corpo Cênico, Estado Cênico*. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 10 - n. 3 - p. 321-326 / set-dez 2010

FERRACINI, R. *Fronteiras, Paradoxos e Micropercepções*. In: *Artes Cênicas Sem Fronteiras*. Org Karin Thrall e Adriana Vaz Ramos. São Paulo : Anarco Editora, 2007.

FERRACINI, R. *Ensaio de atuação*. Editora Perspectiva: FAPESP. São Paulo, 2013.

FERRACINI, R; RABELO, A. F. A. *Recriar Sempre*. Art Research Journal/ Revista de Pesquisa ABRACE, ANPAP e ANPPOM em parceria com a UFRN. Vol 1/1, p. 171-184. Jan-jun. 2014.

FERIGATO, S. H.; CARVALHO, S. R. *O poder da gestão e a gestão do poder*. In:

CARVALHO, S.R.; FERIGATO, S.H.; BARROS, M.A. orgs. *Conexões: Saúde Coletiva e Políticas de Subjetividade*. Editora Hucitec. São Paulo, 2009.

FONSECA, T. M. G; COSTA, L. A.; MOEHLECKE, V; NEVES, J. M; “O delírio como Método: a poética desmedida das singularidades.” In *Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 10, N.1, P. 169-189, 1º quadrimestre de 2010.* <http://www.revipsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a12.pdf> Visualizado em 11/11/2012.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

FOUCAULT, M. *O Nascimento da Biopolítica. In: Resumos dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*”. Jorge Zahar editora. Rio de Janeiro, 1997.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Editora Graal. São Paulo, 2003.

FOUCAULT, M. *Tecnologias de si*. Verve. São Paulo, n.6, p. 321-360, 2004.

FOUCAULT, M. “A vida dos homens infames” in *Ditos e Escritos IV. Estratégia, Poder Saber*. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2003.

FRANCO, T.;MERHY, E.E. *Mapas Analíticos: Um Olhar sobre a organização e seus processos de trabalho*. In: CARVALHO, S.R.; FERIGATO, S.H.; BARROS, M.A. orgs. *Conexões: Saúde Coletiva e Políticas de Subjetividade*. Editora Hucitec. São Paulo, 2009.

FURTADO, J; ONOCKO, R. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental, ano 08, n.1, 2005.*

GADAMER, H.G. *Verdade e Método I: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica filosófica*. Editora Vozes. Petrópolis, R.J, 2005.

GIL, J. *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções*. Lisboa. Relógio D’Água Editora, 2005.

GIL, J. *Movimento Total. O Corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GIL, J. *I Imperceptível Devir da Imanência: sobre a filisofia de Deleuze*. Relógio D’água. Lisboa, 2008.

GROS, F. *O cuidado de si em Michel Foucault*. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. (orgs.) *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 127-138

GROTOWISKY, J. *Da Companhia Teatral à Arte como Veículo*. In: FLASZEN, Ludwik & POLLASTRELLI, Carla (org.). *O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969*. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro/Edições. SESCSP/Perspectiva, p. 226-243. 2007 [1989/1990].

GUATTARI, F. *Caosmose – Um novo paradigma estético*. Editora 34. São Paulo, 1992.

GUATTARI, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.

KASTRUP, V. *Experiência Estética para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus*. Informática na Educação: Teoria & prática, Porto Alegre, v.13, n.2, jul./dez. 2010.

LANCETTI, A. *A clínica peripatética*. Hucitec. São Paulo, 2006.

LEONARDELLI, P. *A memória como recriação do Vivido*. Editora Hucitec. São Paulo, 2012.

LIBERMAN, F. *Delicadas Coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional*. Summus editorial. São Paulo, 2008.

LIBERMAN, F. *Por uma clínica dos encontros entre corpos*. In: LIMA, E. A.; NETO, J. L. F.; ARAGON, L. E. *Orgs Subjetividade Contemporânea: Desafios Teóricos e Metodológicos*. Editora CRV. São Paulo, 2010.

LIMA, E. A. *Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação*. In: COSTA, C. M. e FIGUEIREDO, A. C. *Oficinas terapêuticas em saúde mental - sujeito, produção e cidadania*. Coletâneas IPUB, Rio de Janeiro, 2004.

MOTA LIMA, T. *O Corpo do Atador*. Palestra proferida no I Simpósio O Corpo-em-Arte (Reflexões Cênicas Contemporâneas) Realizado pelo LUME Teatro de 06 a 08/02/2012. IEL - UNICAMP - Campinas. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=2OfQD-IDPg4> Visualizado no dia 01/12/2012.

LIMA, T. M. *A noção de Escuta: afetos, exemplos e reflexões*. In: Ilinx: Revista do Lume - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais. n° 2, nov. 2012. Disponível em: <http://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/149/148> Visualizada em 16/01/2013.

MARTINS, A. “*As ilusões da identidade: religiões e tecnologias médicas, soluções mágicas contemporâneas; uma análise a partir de Spinoza, Nietzsche e Winnicott*”, texto para o Ciclo de conferências “*Novas identidades, a vida em transformação: conhecimento, sabedoria, felicidade*”, no Espaço Cultural CPFL Energia, em Campinas, no dia 17 de junho de 2005.

MED, B. *Teoria da Musica*. Musimed. São Paulo, 1996.

MERHY, E. E. 2004. *Os CAPS e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial. Alegria e Alívio como dispositivos Analisadores*.

MERHY, E. E. 2009. *Enfrentar a lógica do processo de trabalho em saúde: um ensaio sobre a micropolítica do trabalho vivo em ato, no cuidado*. In: CARVALHO, S.R.; FERIGATO, S.; BARROS, M. E. orgs. *Conexões: Saúde Coletiva e Políticas de Subjetividade*. São Paulo : Hucitec, 2009, pp. 276-300.

MERHY, E. E. *Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde*. In: MERHY, E. E. & ONOCKO, R. Orgs. *Agir em Saúde: um desafio para o público*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MERHY, E. E. *A clínica do corpo sem órgãos, entre laços e perspicácias*. Em foco a disciplinarização e a sociedade de controle 213. 2009.

MERHY, E. E. Palestra *Grande política: política menor e resistências nas ruas das cidades*, proferida no *IV Seminário Conexões Deleuze e Política e Resistência e...*, realizado na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp – Campinas, nos dias 29 a 31 de maio de 2012.

MERHY, E. E. Apresentação durante o painel “*Gestão do Cuidado Compartilhado em Redes de Saúde*” no *IV Seminário Internacional de Atenção Básica*, realizado no Rio de Janeiro, de 29/07 a 01/08/ de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Xlax6gYakoo>

MILLER, J. *A Escuta do Corpo: Sistematização da Técnica Klauss Vianna*. Summus editorial. São Paulo, 2007.

MILLER, J. *Qual é o corpo que dança? Dança e educação somática para adultos e crianças*. Summus editorial. São Paulo, 2012.

MOEHLECKE, V. *Ballet Contágio: Tecnologias da Arte e da Imagem*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MOEHLECKE, V. & FONSECA, T. M. *Da dança e do Devir: a dança no regime do sutil*.

MOULIN, F. D.; KREUTZ, J. R. & DORNELLES, J. L. *Corpolumepoiesis: O vivo a ser pesquisado*. In: FONSECA, T. M. G & KIRST, P. G. (Orgs.) *Cartografias e Devires. A Construção do Presente*. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2003.

OLIVEIRA, G. N. *Breve percurso para a produção de uma cartografia: devir, intervir, durar, cuidar, narrar, agenciar – ou devir cartógrafo e algumas interfaces com a Saúde Coletiva*. In: CARVALHO, S.R.; FERIGATO, S. H.; BARROS, M.A. orgs. *Conexões: Saúde Coletiva e Políticas de Subjetividade*. Editora Hucitec. São Paulo, 2009.

ONETO, P. D. *A que e como resistimos: Deleuze e as artes*. In: Lins, D. (Org.). *Nietzsche/Deleuze: Arte e Resistência: Simpósio Internacional de Filosofia*. Fortaleza, 2004. Forence Universitária. Rio de Janeiro , 2004.

PASSOS, E; KASTRUP,V.;ESCÓSSIA, L.(orgs). *Pistas para o método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Editora Sulina. Porto Alegre, 2009.

PASSOS, E. *Os dispositivos clínico-políticos e as redes no contemporâneo*. EntreLinhas do Conselho Regional de Psicologia CRP-07, Porto Alegre, p. 8-9, Ano 2000.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. *Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade*. In: Tânia Mara Galli Fonseca; Patrícia Gomes Kirst (Org.). *Cartografias e devires. A construção do presente*. Porto Alegre, 2003, v. 1, p. 81-89.

PASSOS, E. & BENEVIDES, B. *Passagens da clínica*. Em Auterives Maciel, Daniel Kupermann e Silvia Tedesco (org) *Polifonias: Clínica, Política e Criação*.Rio de Janeiro:Conreacapa, 2006, pp. 89-100.

PELBART, P. P. *Vida Capital: Ensaios de Biopolítica*. Iluminuras. São Paulo, 2003.

PELBART, P. P. *A Nau do Tempo Rei: 7 Ensaios sobre o Tempo da Loucura*. Imago. Rio de janeiro, 1993.

QUILICI, C. S. *Antonin Artaud. Teatro e Ritual*. Anablume editora. São Paulo, 2004.

RAUTER, C. *Clínica transdisciplinar*. Texto Didático. Pró Reitoria Acadêmica, Universidade Federal Fluminense, 1993.

ROLNIK, S. *Pensamento, Corpo e Devir: Ume perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. Cadernos de Subjetividade PUC-SP. São Paulo, Vol. 1, nº 2, 241-251,1993)

ROLNIK, S. *Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia*. (2005). Link para acesso digital, pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade PUCSP.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental* transformações contemporâneas do desejo. Estação Liberdade. São Paulo, 1989.

ROLNIK, S. *Políticas da Híbridação: evitando falsos problemas*. In: Lima, E. A; Neto, J. L. F. e Aragon, L. E. Org. *Subjetividade Contemporânea: desafios teóricos e metodológicos*. Editora CRV. Curitiba, 2010.

SERRES, M. *Variações sobre o corpo*. [trad] Edgard de Assis Carvalho, Marisa Perassi Bosco. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2004.

SPINOZA, B. *Ética*. [trad.] Tomaz Tadeu. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

THOMÉ, A. M. *Os Centros de Atenção psicossocial Como Dispositivos de Atenção à Crise: Em Defesa de Certa (In)felicidade Inventiva*. II Colóquio Internacional do NUPSI: Construções de Felicidade. São Paulo, 2013.

UNO, K. *A Gênese de um corpo desconhecido*. Trad. Crhistine Greiner. N-1 Edições. São Paulo, 2012.

ANEXOS

Roteiro para a entrevista

1. Você se lembra do grupo de dança e expressão corporal que aconteceu no CAPS Toninho entre os anos de 2009 a 2011?
2. Do que você se lembra?
3. Há alguma cena (ou situação, ou imagem, ou história) desta experiência de que você se lembre e possa descrever ou contar?
4. Você vê alguma diferença desta atividade para as demais atividades do cotidiano do CAPS?

As questões definidas acima são referenciais a partir dos quais encaminharemos a entrevista. Entretanto, as relações em processo durante a entrevista é que nortearão os rumos da conversa. Isso significa que estamos atentos à importância da liberdade de expressão de cada entrevistado.

Sendo assim, esse é um roteiro guia, onde as perguntas se “abrem” mais ou menos a depender do relato de cada um.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa será realizada com fins acadêmicos, como subsídio para a Dissertação de mestrado intitulada **“Corpos Fronteira: Clínica, Dança, Loucura. Uma Experiência”**, DMSC/FCM/ UNICAMP.

A pesquisa tem como objetivo geral fazer uma cartografia da experiência de um grupo de dança realizado entre os anos de 2009 a 2011 no CAPS Antônio da Costa Santos, da cidade de Campinas, propondo uma reflexão sobre os modos de produzir cuidado em Saúde a partir da interface clínica/dança. E por objetivos específicos: 1- Apresentar diferentes abordagens conceituais sobre os conceitos de clínica, dança, cuidado, arte e saúde; 2- Dar visibilidade a estratégias de cuidado em saúde a partir das experimentações entre dança e clínica; 3- Investigar os efeitos da experiência vivida no grupo de dança no que diz respeito à Saúde e a vida cotidiana dos participantes.

Para a coleta de dados, serão feitas entrevistas individuais semiestruturadas pela pesquisadora com os sujeitos da pesquisa - usuários e trabalhadores do CAPS Antônio da Costa Santos, que participaram do grupo de dança. Será utilizado um gravador de áudio, para garantir que todos os dados fornecidos pelos sujeitos da pesquisa possam ser recuperados e analisados posteriormente.

A pesquisadora se compromete, conforme os termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a preservar a identidade e a privacidade dos sujeitos da pesquisa na transcrição das gravações das entrevistas, na descrição das observações e na incorporação das informações na redação da tese. Além disso, salienta a garantia de indenização diante de qualquer tipo de dano eventualmente decorrente da pesquisa.

A participação na pesquisa não oferecerá nenhum tipo de risco, prejuízo ou desconforto para os sujeitos da pesquisa, em nenhuma fase do estudo ou decorrente dele, de forma direta ou indireta. Não há benefícios diretos aos participantes da pesquisa e como benefícios indiretos citamos a contribuição para o desenvolvimento da pesquisa científica. Da mesma forma, salienta-se que não haverá nenhum tipo de despesa associada a participação na pesquisa.

Os sujeitos envolvidos receberão cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e têm liberdade para se recusarem a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem que tenham nenhum tipo de prejuízo. A pesquisadora se compromete a prestar qualquer tipo de esclarecimento, antes, durante e após a pesquisa, sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a ela, além de retornar os resultados da pesquisa a todos os participantes.

Sendo assim, pelo presente instrumento que atende às exigências legais, não restando qualquer dúvida a respeito do lido e explicado, o Sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO concordando em participar da pesquisa proposta.

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

Campinas/ SP, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Sujeito

Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora: Bruna Martins Reis

Psicóloga e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Coletiva da UNICAMP email: bru_psi@yahoo.com.br

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – Caixa Postal 6111 – CEP: 13083-887 – Campinas/ SP – Fone: (19) 3521 8936 – E-mail: cep@fcm.unicamp.br

FACULDADE DE CIENCIAS MEDICAS - UNICAMP (CAMPUS CAMPINAS)

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Corpos Fronteira: Clínica, dança, loucura. Uma experiência. **Pesquisador:** Bruna Martins Reis

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 19520513.6.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP **Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER Número do Parecer: 474.904

Data da Relatoria: 22/11/2013

Apresentação do Projeto:

O projeto pretende fazer uma reflexão sobre as estratégias de reinvenção do trabalho em saúde, apontando a intercessão com linguagens artísticas como potencializadora em processos de criação de práticas e intervenções híbridas, que ampliem os limites da clínica e da produção de cuidado em saúde. Neste contexto, propõe-se cartografar a experiência de um grupo de dança realizado em um Centro de Atenção Psicossocial da cidade de Campinas, durante os anos de 2009 a 2011, trabalhando com as reverberações desta experiência como possíveis condutoras a novos territórios subjetivos, implicados na produção de si como arte do vivido. Pretende articular esta produção no campo da Saúde Coletiva por entender que tal experiência permite explorar novas formas de fazer/pensar a clínica e as relações de cuidado em Saúde.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Fazer uma cartografia da experiência de um grupo de dança realizado entre os anos de 2009 a 2011 no CAPS Antônio da Costa Santos, da cidade de Campinas, propondo uma reflexão sobre os modos de produzir cuidado em Saúde a partir da interface clínica/dança.

Objetivos específicos: 1- Apresentar diferentes abordagens conceituais sobre os conceitos de clínica, dança, cuidado, arte e saúde; 2- Dar visibilidade a estratégias de cuidado em saúde a partir das experimentações entre dança e clínica; 3- Investigar os efeitos da experiência vivida no grupo de dança no que diz respeito à Saúde e a vida cotidiana dos participantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são mínimos ou desprezíveis. Não há benefícios diretos aos participantes, apenas indiretos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa enfoca na prática prévia da pesquisadora e tem potencial mérito científico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória são adequados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao pesquisador cabe desenvolver o projeto conforme delineado, elaborar e apresentar os relatórios parcial e final, bem como encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto (Resolução 466/2012 CNS/MS).

CAMPINAS, 02 de Dezembro de 2013

Assinador por:

Fátima Aparecida Bottcher Luiz (Coordenador)